

A Casa segundo Geraldino Duda

Geraldo Duda

Camilla Meneses

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO (CAU)

**As residências unifamiliares de Geraldino Duda.
Um estudo sobre o morar em Campina Grande nos anos 60**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientação: Profa. Dra. Alcília Afonso de Albuquerque e Melo

Campina Grande, 05 de Setembro de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CAUUFPG

Trabalho de conclusão de curso “AS RESIDÊNCIAS UNIFAMILIÁRES DE GERALDINO DUDA. UM ESTUDO SOBRE O MORAR EM CAMPINA NOS ANOS 60”, apresentado por Camilla Thais de Meneses Landim, como parte dos requisitos para a obtenção do título em Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande – PB

APROVADO EM:

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Alcília Afonso de Albuquerque e Melo
Orientadora

Profa. Dra. Kainara Lira dos Anjos
Examinadora interna

Arquiteta Cassandra Eliane Figueiredo Dias
Examinadora externa

Dedicatória

Aos meus avós, Luís Meneses (*in memoriam*) e Janet Meneses. Agradeço por todo o apoio, amor e dedicação. Tê-los sempre fez com que me sentisse a neta mais sortuda do mundo. Obrigada por cada visita, tão cheia de cuidado e carinho. Para mim, vocês sempre serão fonte de inspiração.

Agradecimentos

A Deus, que plantou desde muito cedo o desejo de cursar Arquitetura e Urbanismo, no meu coração. Por ter sido minha rocha e amparo, não me deixando só um único momento. Toda glória e honra a Ele, por este ciclo que está se encerrando, sem Sua contínua graça sobre minha vida eu não teria chegado até aqui.

Ao marido que Deus me deu. Henrique, nenhuma conquista na minha vida vai me trazer tanta alegria e paz, quanto estar ao seu lado. Obrigada por todo cuidado e amor dispensados diariamente a mim.

À minha mãe, que sempre faz das minhas conquistas e problemas dela também. Essa vitória é nossa, obrigada por ser minha melhor amiga.

Aos meus irmãos Kevin e Miquéias, porque mesmo sem saber, vocês me incentivam a dar o melhor de mim.

Aos meus avós Luís e Janet, eu não estaria me formando se não fosse por vocês.

A Erasmo e Vera, meus sogros. Porque me receberam como filha e enchem meu coração de alegria.

Ao corpo docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG. Obrigada porque mesmo

tão sobrecarregados, são exemplo de profissionais e pessoas. Não desejaria professores melhores. Orgulho-me de ter sido aluna de cada um.

À orientadora que Deus trouxe de Teresina pra mim. Kaki, minha graduação é dividida em antes e depois que a senhora chegou. Obrigada por todas as oportunidades. Trabalhar e aprender com a senhora foi uma experiência maravilhosa.

A Carlos Alberto, Karla Nunes e Roberta Meira, porque o curso não teria sido o mesmo se não tivéssemos nos encontrado. Vocês foram os melhores presentes que Campina me deu.

A Joyce de Góis, por ter se tornado uma irmã. Nem sei como teria aguentado todas as dificuldades que apareceram se não fosse por sua amizade. "Em todo tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão." Pv. 17:17

A todos os alunos que fizeram parte do Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar. Vocês contribuíram de forma direta com este trabalho.

Aos proprietários das residências visitadas. Por me deixarem conhecer um pouco da sua história e do seu lar.

A Glauro Duda e Rodrigo Duda, porque nunca nos negaram ajuda e deram todo suporte para realizarmos as pesquisas. Obrigada por compartilharem conosco a história e o trabalho de Geraldino Duda.

A Geraldino Duda, pois com tanta gentileza e humildade abriu as portas do seu arquivo e nos recebeu de braços abertos. Este trabalho é uma pequena tentativa de demonstrar o quão rico é o seu legado em Campina Grande.

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de estudo oito residências unifamiliares, projetadas na década de 1960, pelo arquiteto autodidata e engenheiro de formação Geraldino Duda, na cidade de Campina Grande. Mais conhecido pela importante obra pública do Teatro Municipal Severino Cabral, Duda também teve grande contribuição para a difusão do movimento moderno na cidade através das diversas obras residenciais, projetadas pelo mesmo, na década de 1960. A investigação tem como objetivo averiguar o papel de sua produção, como parte constituinte da história de Campina Grande, e extrair de sua obra as diretrizes projetuais utilizadas. Sabe-se o patrimônio moderno, especialmente o residencial, tem se perdido a passos largos e que as políticas preservacionistas ainda são muito frágeis em diversos aspectos. Assim, pretende-se documentar, expor e analisar essa amostra de obras, como forma de incentivar seu reconhecimento e importância enquanto patrimônio material edificado. O estudo é resultado de pesquisas que foram realizadas pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar, através da linha HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE MODERNA FORM CG, do qual a autora também atua como pesquisadora. A grande quantidade de material e informações coletadas possibilitou as reflexões que serão expostas. Foram adotadas duas metodologias, a primeira delas consiste em utilizar fontes primárias, como arquivos públicos e privados; e em fontes secundárias, como bibliotecas e rede virtual. A segunda em é voltada para a análise do projeto arquitetônico. O referencial teórico apoia-se em autores como Serra (2006), Gastón e Rovira (2007), Segawa (1997), Mahfuz (2002), Amorim (2004), Queiroz e Rocha (2006), Afonso (2006), Almeida e Carvalho (2010), Tinem e Cotrim (2014), entre outros.

Palavras-chave: Residências unifamiliares; Geraldino Duda; patrimônio moderno.

Abstract

The present work has as object of study eight single family homes, designed in the 1960s, by the self-taught architect and training engineer Geraldino Duda, in the city of Campina Grande. Best known for the important public works of the Severino Cabral Municipal Theater, Duda also had a great contribution to the diffusion of the modern movement in the city of through the various residential works projected by the same in the 1960s. The research aims to find out the role of its production, as a constituent part of the history of Campina Grande, and to extract from its work the design guidelines used. It is well known that modern heritage, especially the residential heritage, has been lost by stride and that preservation policies are still very fragile in several aspects. Thus, it is intended to document, expose and analyze this sample of works, as a way of encouraging its recognition and importance as material heritage. The study is the result of research that was carried out by the Research Group Architecture and Place, through the line HISTORY OF ARCHITECTURE AND MODERN CITY FORM CG, of which the author also acts as researcher. The large amount of material and information collected made possible the reflections that will be exposed. Two methodologies were adopted, the first of which is to use primary sources, such as public and private archives; And on secondary sources such as libraries and virtual network. The second is focused on the analysis of architectural design. The theoretical framework is based on authors such as Serra (2006), Gastón and Rovira (2007), Segawa (1997), Mahfuz (2002), Amorim (2004), Queiroz e Rocha (2006), Afonso (2006), Almeida and Carvalho (2010), Tinem and Cotrim (2014), among others.

Keywords: Single-family residences; Geraldino Duda; Modern Heritage.

Lista de Figuras

Figura 01: Esquema aplicando método de processo e sistemas ao tema do trabalho.

Figura 02: Mapa temático na sequência: Brasil, Estado da Paraíba e Campina Grande.

Figura 03: FIEP na época de sua fundação.

Figura 04: Fotografia de Geraldino Duda.

Figura 05: Revista Cruzeiro 1964, com matéria sobre residência projetada por Geraldino.

Figura 06: Entrevista com Geraldino Duda na Revista Tudo 1988.

Figura 07: Panfleto comemorativo dos 40 anos do Teatro Municipal Severino Cabral, 2003.

Figura08: Linha do tempo com as obras a serem analisadas.

Res. Helion Paiva

Figura 01: Esquema aplicando método de processo e sistemas ao tema do trabalho.

Figura 02: Mapa temático na sequência: Brasil, Estado da Paraíba e Campina Grande.

Figura 03: FIEP na época de sua fundação.

Figura 04: Fotografia de Geraldino Duda.

Figura 05: Revista Cruzeiro 1964, com matéria sobre residência projetada por Geraldino.

Figura 06: Entrevista com Geraldino Duda na Revista Tudo 1988.

Figura 07: Panfleto comemorativo dos 40 anos do Teatro Municipal Severino Cabral, 2003.

Figura 08: Linha do tempo com as obras a serem analisadas.

Figura 09: Planta baixa do nível superior.

Figura 10: Sala de estar.

Figura 11: Transição entre sala de estar e sala de jantar.

Figura 12: Escritório acrescentado ao programa.

Figura 13: Esquema com eixos estruturais.

Figura 14: Detalhe do jardim externo com painel de ladrilhos.

Figura 15: Detalhe do revestimento cerâmico no peitoril da janela.

Figura 16: Residência Helion Paiva.

Res. Sósthenis Silva

Figura 01: Residência elevada do solo.

Figura 02: Escada externa.

Figura 03: Esquema volumétrico da residência.

Figura 04: Corte longitudinal da residência.

Figura 05: Corte da transversal da residência.

Figura 06: Planta baixa do nível inferior.

Figura 07: Planta baixa do nível superior.

Figura 08: Jardim interno, hoje transformado em pátio.

Figura 09: Varanda com elementos vazados.

Figura 10: Esquema com eixos estruturais.

Figura 11: Sala de estar.

Figura 12: Lago artificial externo.

Figura 13: Cozinha da residência.

Figura 14: Sala de jantar.

Figura 15: Detalhe da residência Sósthenis Silva.

Res. Eutiqui Loureiro

Figura 01: Esquema evidenciando os três níveis da residência.

Figura 02: Esquema volumétrico da residência.

Figura 03: Corte longitudinal.

Figura 04: Corte transversal.

Figura 05: Planta do pavimento inferior.

Figura 06: Planta intermediário e superior.

Figura 07: Fotografia da residência na época em que foi construída.

Res. Heleno Sabino

Figura 01: Esquema volumétrico da residência.

Figura 02 e 03: Detalhes da rampa externa.

Figura 04: Corte longitudinal.

Figura 05: Corte transversal.

Figura 06: Planta baixa do nível inferior.

Figura 07: Planta baixa do nível superior.

Figura 08: Esquema com eixos estruturais.

Figura 09: Volumetria suspensa por três pilares.

Figura 10: Plano pétreo na fachada.

Figura 11: Esquadria da sala de jantar.

Figura 12: Alpendre de entrada.

Figura 13: Móvel entre cozinha e sala de jantar.

Figura 14: Móvel curvo na sala de estar.

Res. Emília Aguiar

Figura 01: Elevação do volume através do muro de arrimo.

Figura 02: Detalhe da fachada frontal da residência.

Figura 03: Esquema volumétrico da residência.

Figura 04: Detalhe da marquise em ziguezague.

Figura 05: Varanda de acesso.

Figura 06: Corte longitudinal.

Figura 07: Planta baixa do nível inferior.

Figura 08: Planta baixa do nível superior.

Figura 09: Esquema com eixos estruturais.

Figura 10: Saque da rampa partindo do muro de arrimo.

Figura 11: Revestimento pétreo na parede da garagem.

Figura 12: Esquadrias da sala de estar.

Figura 13: Banheiro da suíte principal.

Figura 14: Avanço do volume onde se encontra a varanda.

Res. Camilo Paulino

Figura 01: Esquema volumétrico evidenciando a adequação ao terreno.

Figura 02: Detalhe da fachada frontal.

Figura 03: Detalhe da escada frontal.

Figura 04: Detalhe do jardim interno coberto pela pérgola em alvenaria.

Figura 05: Corte longitudinal.

Figura 06: Corte transversal.

Figura 07: Planta baixa do nível inferior.

Figura 08: Planta baixa do nível superior.

Figura 09: Esquema com eixos estruturais.

Figura 10: Detalhe da jardineira na fachada frontal.

Figura 11: Vista da varanda.

Figura 12: Residência Camilo Paulino Atualmente.

Res. Anderson Costa

Figura 01: Volume suspenso por pilares.

Figura 02: Fachada sudoeste.

Figura 03: Detalhe da marquise vazada.

Figura 04: Esquema volumétrico evidenciando a adequação ao terreno.

Figura 05: Corte longitudinal.

Figura 06: Corte transversal.

Figura 07: Planta baixa do nível inferior e intermediário.

Figura 08: Planta baixa do nível superior.

Figura 09 e 10: Janelas da sala de estar.

Figura 11: Esquadria da varanda.

Figura 12: Esquema com eixos estruturais.

Figura 13: Detalhe da varanda.

Figura 14: Cobogó de louça, entre sala íntima e jardim interno.

Figura 15: Esquadria entre sala de estar e jardim interno.

Figura 16: Primeiro lance de degraus da escada em “L”.

Figura 17: Segundo lance de degraus da escada em “L”.

Figura 18: Detalhe da rampa.

Res. Amaro Fiuza

Figura 01: Esquema volumétrico evidenciando os três níveis da residência.

Figura 02: Sala de jantar no nível intermediário.

Figura 03: Sala de estar no nível inferior.

Figura 05: Corte transversal.

Figura 04: Corte longitudinal.

Figura 05: Corte transversal.

Figura 06: Planta baixa do nível inferior e intermediário.

Figura 07: Planta baixa do nível superior.

Figura 08: Esquema com eixos estruturais.

Figura 09: Detalhe dos revestimentos na garagem da residência.

Figura 10: Degraus da sala de estar.

Figura 11: Primeiro lance da escada.

Figura 12: Segundo lance da escada.

Figura 13: Fachada frontal da residência.

Conclusão

Figura 01: Fachada da residência Camilo Paulino.

Figura 02: Fachada da residência Emília Aguiar.

Figura 03: Fachada da residência Eurtiqui Loureiro.

Figura 04: Revestimentos da cozinha e sala de estar da residência Sósthenis Silva.

Figura 05: Revestimentos do jardim interno da residência Sósthenis Silva.

Figura 06: Montagem com perspectiva da residência Helion Paiva, com zoom para a escada externa.

Figura 07: Detalhe da escada externa da residência Helion Paiva.

Lista de Tabelas

Quadro 01: Quadro com informações gerais dos objetos de estudo.

Quadro 02: Quadro com a síntese do guia proposto por Gastón e Rovira 2007.

Introdução

20

Capítulo

1

26

Aporte Teórico

Capítulo

2

37 **2.1**
Contextualização geográfica

40 **2.2**
Contextualização histórica
e cultural

Índice

Capítulo

3

42	Geraldino Duda
	3.1
43	Alguns dados bibliográficos
	3.2
44	Atuação profissional

Capítulo

4

48	"A Obra"
	4.1
51	Helion Paiva
	4.2
69	Sosthenis Silva
	4.3
89	Eutiqui Loureiro
	4.4
105	Heleno Sabino
	4.5
127	Emilia Aguiar
	4.6
145	Camilo Paulino
	4.7
161	Anderson Gomes
	4.8
181	Amaro Fiuza

Capítulo

5

196

Conclusões

Referências Bibliográficas

204

Introdução

A arquitetura moderna alcançou no Brasil grande popularidade na década de 1950. Diferentemente do que ocorreu na Europa e nos Estados Unidos esse estilo arquitetônico não ficou restrito às grandes metrópoles, pelo contrário, aqui ele foi apropriado nos interiores chegando ali como “ideias viajantes”, trazidas dos grandes centros e divulgada/popularizada como a arquitetura utilizada em Brasília.

Para Lara (2005, p.177) “o que é importante e, no nosso caso, salta aos olhos, é que, apesar de, ou devido a essa relação diferente entre modernismo e modernização, a aceitação popular e o grau de disseminação do vocabulário arquitetônico no Brasil atingiram níveis espetaculares.”.

O caso da cidade de Campina Grande, na Paraíba, não foi exceção, sendo alcançada em meados da década de 1950 pela disseminação do vocabulário arquitetônico moderno. Vários foram os personagens responsáveis pela difusão da linguagem moderna na cidade, dentre eles, o arquiteto autodidata campinense Geraldino Duda, que possui uma significativa quantidade de obras, em especial, obras residenciais.

O objeto de estudo do presente trabalho, é o conjunto de oito residências unifamiliares, ainda existentes (durante a execução do trabalho 2016/ 2017), projetadas por Geraldino Duda na década de 1960, na cidade de Campina Grande. Informações gerais

como nome, ano, uso atual, estado de conservação e propriedade das residências selecionadas podem ser vistas no quadro 1.

Com o objetivo de investigar a contribuição da produção residencial de Geraldino Duda, como parte constituinte da história de Campina Grande, e extrair de sua obra as diretrizes projetuais utilizadas, este trabalho visa responder questões como: 1) Quem é Geraldino Duda?; 2) Porque sua produção residencial é importante para Campina Grande?; 3) Quais as soluções projetuais adotadas nas residências estudadas?; E enfim, 4) De que forma a linguagem moderna é manifesta nas obras estudadas?

O estudo é resultado de levantamentos realizados pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar, através da linha HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE MODERNA FORM CG. Ao investigar e catalogar obras modernas da cidade constatou-se que, um número significativo de residências, produzidas nas décadas de 1950 á 1980, são de autoria do engenheiro Geraldino Duda. Este chegou a projetar, aproximadamente, trezentas casas em Campina Grande, representando para a cidade um profícuo e rico acervo de exemplares modernos.

Investigar profissionais locais como Geraldino, nos permite compreender quão profundas foram as raízes do movimento moderno no Brasil; que inicialmente,

RESIDENCIAS SELECIONADAS					
	Objeto	Ano	Uso	Estado de conservação	Propriedade
01	Res. Helion Paiva	1960	Residencial	Bom	Privada
02	Res. Sostehis Silva	1960	Sem uso	Bom	Privada
03	Res. Eutiqui Loureiro	1962	Serviço	Descaracterizado	Privada
04	Res. Heleno Sabino	1962	Sem uso	Bom	Privada
05	Res. Emilia Aguiar	1962	Sem uso	Regular	Privada
06	Res. Camilo Paulino	1964	Sem uso	Regular	Privada
07	Res. Anderson Costa	1964	Misto	Bom	Privada
08	Res. Amaro Fiuza Chaves	1968	Residencial	Bom	Privada

Quadro 01:
 Quadro com informações gerais dos objetos de estudo.
 Fonte: elaborado pela autora.

semeados nos grandes centros, encontraram terreno fértil em cidades do interior do Nordeste. Assim, o estudo de personagens como este, se propõe a acrescentar mais uma peça no grande quadro da história da arquitetura moderna nacional.

Katinsky (1978) reforça a importância de estudos como este quando afirma que:

“Lentamente, pelo trabalho de novas gerações de estudiosos imbuídos de exatas convicções, figuras vão saindo dos arquivos particulares, voltando a povoar, agora definitivamente, a imagem pública da arquitetura brasileira.” (KATINSKY, 1978, apud BRASIL 2007, p.135)

Para o contexto local, a pesquisa justifica-se pelo fato de que a produção residencial de Geraldino Duda é significativa para a cidade, tanto do ponto de vista dessas serem obras icônicas, marcando a paisagem urbana, como também, pela quantidade de obras produzidas.

Alguns trabalhos abordaram o tema o acervo residencial de Campina Grande, como é o caso: da monografia de Freire (2007), intitulado “Arquitetura Moderna residencial em Campina Grande. Registros e Especulações (1960- 1969)”;

do artigo de Queiroz e Rocha 2006, intitulado “Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: Emergência, difusão e a produção dos anos 1950”; dentre outros trabalhos.

No entanto, nenhum estudo aprofundado sobre a obra residencial de Geraldino tinha sido realizado até o momento. Por se tratar de um patrimônio recente e pouco reconhecido pela população as edificações têm sido gradativamente descaracterizadas ou demolidas. Assim, este trabalho se propõe a estudar e divulgar, oito obras, como parte constituinte da história de Campina Grande vinculada ao Movimento Moderno.

O trabalho tem como objetivo geral averiguar a contribuição da produção residencial de Geraldino Duda como parte constituinte da história de Campina Grande, e extrair de sua obra, as diretrizes projetuais utilizadas, como meio de investigar os princípios norteadores da sua forma de projetar.

E como objetivos específicos:

1. Investigar a trajetória profissional do engenheiro Geraldino Duda em Campina Grande, buscando identificar o processo de sua credibilidade junto ao mercado local, acarretando o significativo número encomendas.
2. Estudar as soluções construtivas, técnicas e utilização de materiais nesses projetos a fim de comprovar a adoção da linguagem moderna.

Metodologia

Justifica-se a escolha deste tema devido à familiaridade com o assunto, uma vez que a autora foi pesquisadora PIVIC e PIBIC, respectivamente por dois anos, nos quais investigou o patrimônio moderno campinense.

Em 2016 foi aprovado o projeto de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvido pelo Grupo de pesquisas Arquitetura e Lugar, vinculado ao curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), intitulado “Geraldino Duda. Contribuições para a difusão da modernidade arquitetônica campinense. 1960-1970”. A autora foi selecionada como bolsista da pesquisa, e a partir de então tem trabalhado diretamente com o tema.

A fim de aproveitar ao máximo o rico material de projetos que foi coletado e ao observar que ainda nenhum outro trabalho tinha sido escrito tendo como enfoque esse personagem e sua obra residencial no recorte feito, surgiu o desejo de elaborar este estudo.

Muito tem sido produzido sobre o tema, como artigos publicados em congressos, palestras e exposições, mas este trabalho pretende somar a contribuição acadêmica para servir como referencial bibliográfico sobre esse importante personagem e sua obra, que ainda não foram profundamente explorados.

Este trabalho possui dois momentos: o primeiro momento trabalhará com a pesquisa da história da arquitetura e da cidade de Campina Grande no recorte da década de 1960. O segundo momento, tratará da análise projetual da produção selecionada.

Dessa forma no primeiro momento, a metodologia se apoiará em SERRA (2006), que em seu livro intitulado “Pesquisa em Arquitetura e urbanismo / Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação” (2006) discorre sobre o tema da metodologia da pesquisa, afirmando que o método implica, antes de tudo, em atividades ordenadas, tarefas colocadas seqüencialmente e a partir de um plano de ação racional (Serra, 2006, p.59).

Para a análise dos problemas arquitetônicos e urbanos é fundamental se trabalhar com uma metodologia baseada em sistema e processo. Por processo, se entende “o modo como se sucedem os estados diferentes do sistema no tempo”. (Serra, 2006, p.72) E por sistemas, se compreende “um conjunto de objetos entendidos como uma totalidade de eventos, pessoas ou idéias que interagem uns com os outros”. (Serra, 2006, p.70).

Aplicando esta metodologia ao presente trabalho, temos que, o processo trata da produção de Geraldino Duda a ser estudada e o sistema se refere aos condicionantes que “orbitam” em torno do processo, tais como, os condicionantes socioeconômicos e

culturais, as soluções projetuais e construtivas, os materiais empregados, o lugar, os clientes, etc (figura 1).

O segundo momento, voltado para a análise do projeto arquitetônico adotará o método proposto por GASTÓN; ROVIRA (2007), que parte do estudo gráfico projetual, realizando imagens fotográficas; levantamento e redesenho de material de projeto, como plantas, cortes, fachadas; e construções tridimensionais, que permitam a melhor compreensão do objeto em estudo.

GASTÓN; ROVIRA (2007) elaboraram um guia básico de investigação sobre o projeto de arquitetura moderna, cujo objetivo é o de facilitar a exatidão do tema estudado. O método proposto visa com que o pesquisador se coloque no lugar do arquiteto para refazer o processo de concepção da obra, descobrindo o que há condensado em cada decisão, esclarecendo o argumento interno que lhe dá coesão. No quadro 2, segue a pauta que será utilizada para análise das residências.

Como conclusão das análises das residências selecionadas, utilizar-se-á de quatro categorias propostas por PINÓN (1998) – 1. Economia; 2. Precisão; 3. Rigor; e 4. Universalidade – com a finalidade de se buscar na produção, sentido e consistência, atributos que, de acordo com o autor, a arquitetura moderna se propôs a incorporar.



Figura 01:
Esquema aplicando método de processo e sistemas ao tema do trabalho.
Fonte: elaborado pela autora.

01 IMPLANTAÇÃO	02 CONFIGURAÇÃO DA EDIFICAÇÃO	03 COMPONENTES CONSTRUTIVOS	
<p>a) Posição do terreno na cidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Ruas do entorno -Acessos -Bairro <p>b) Dimensões do terreno:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Formato do terreno <p>c) Edificação</p> <ul style="list-style-type: none"> -Topografia -Localização e identificação dos volumes em planta -Vegetação -Condicionantes climáticos: insolação e ventilação 	<p>a) Distribuição do programa</p> <ul style="list-style-type: none"> -Zoneamento -Áreas -Fluxos <p>b) Relações dos espaços internos e externos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Formato do terreno <p>c) Cortes</p> <ul style="list-style-type: none"> -Níveis internos e externos <p>d) Tratamento dos espaços livres</p> <ul style="list-style-type: none"> -Limites da intervenção -Paredes cegas 	<p>a) Sistema estrutural</p> <ul style="list-style-type: none"> -Tipo de estrutura -Relação formal -Modulação -Configuração do edifício <p>b) Alvenaria / esquadrias</p> <ul style="list-style-type: none"> -Transparência / opacidade -Iluminação e ventilação -Textura e cores -Fixação a estrutura <p>c) Coberta / Telhado</p> <ul style="list-style-type: none"> -Patibanda / aparente -Acesso -Material -Águas <p>d) Divisões internas</p> <ul style="list-style-type: none"> -Relação com a fachada -Revestimentos / cores / texturas -Transparencias 	<p>e) Escadas / Rampas</p> <ul style="list-style-type: none"> -Configuração em planta e corte -Sistema estrutural -Material -Guarda-corpo <p>f) Pisoss e forros</p> <ul style="list-style-type: none"> -Materiais -Cores / texturas <p>g) Iluminação do interior</p> <ul style="list-style-type: none"> -Natural e artificial

Quadro 02:

Quadro com a síntese do guia proposto por Gastón e Rovira 2007. Fonte: elaborado pela autora.

Capítulo

1

**Aporte
Teórico**

- *Arquitetura moderna (no mundo / no Brasil / em Campina Grande).*

A arquitetura moderna "abarca diversos movimentos do século XX que compartilham características estilísticas e técnicas como a abstração, a produção em massa, a industrialização, a racionalização científica, a universalização, a rejeição da tradição e a crença no ideal de que a forma segue a função". (Denison, 2014, p.108)

Inicialmente pode-se entender a arquitetura moderna como um estilo artístico e cultural que, ansiou superar aquele que o antecedeu, o classicismo. De acordo com Mahfuz, 2002 esse fato é evidenciado pela nova forma de conceber o objeto arquitetônico:

A diferença básica entre o classicismo e o modernismo é a substituição da imitação pela construção formal como critério de formação de objetos arquitetônicos. A adoção de modelos dá lugar à interpretação do programa como principal elemento estimulador da forma e âmbito de possibilidades na ordenação do espaço habitável. (MAHFUZ, 2002).

O arquiteto e professor Hélio Piñon corrobora com esta afirmação quando afirma que "[...] A concepção moderna persegue uma formalidade específica, baseada em critérios irredutíveis a sistemas ou regras de caráter geral; nesse aspecto, é negada a noção tradicional de estilo" (PIÑON 2006, p.40).

Piñon também esclarece sobre a forma moderna:

A modernidade arquitetônica é, portanto, um modo de intensificar a construção da forma, pois a libera da coação dos princípios compositivos classicistas, sem renunciar a precisão e à consistência da estrutura formal do objeto. (PIÑON 2006, p.42)

Quanto aos critérios projetuais, Afonso 2010, aponta aqueles que segundo MONTANER (2002, p.82), caracterizam a arquitetura moderna: a primazia das medidas; o elementarismo e a ênfase ao detalhe técnico; a criação a partir dos protótipos; o desenvolvimento do projeto baseado em uma repetição modular; a subdivisão do global em volumes eficazes; a procura por alcançar a máxima funcionalidade, ou seja, a forma buscando seguir exigências da função; a abstração e o racionalismo aparecem como critérios fundamentais desta arquitetura, que trabalham com a decomposição de um sistema em seus elementos básicos, a caracterização de unidades elementares simples e a construção da complexidade a partir do simples.

Além disso, a linguagem moderna trabalha com o jogo dinâmico de planos; simplificação de planta e volumetrias; a utilização de malhas geométricas estruturantes do projeto a busca de formas dinâmicas e espaços transparentes, com o predomínio da regularidade, substituindo a simetria axial acadêmica, e a ausência de decoração que surge de perfeição técnica. (AFONSO, 2010).

Durante as décadas de 1950 e 1960, a arquitetura moderna foi amplamente divulgada e adotada como sinônimo de progresso pelo governo brasileiro, a exemplo do mandato do presidente Juscelino Kubitschek.

Nesse período surgiram dezenas de revistas de grande circulação, especializadas em arquitetura. O principal tema e motivação das matérias era a grande aventura que se tornara Brasília. As publicações destacavam o papel dos profissionais arquitetos na concretização de um empreendimento, contribuindo assim numa popularização e conseqüentemente numa maior demanda por arquitetos. (SEGAWA, 1997)

A arquitetura moderna brasileira foi reconhecida por adotar os princípios propostos pelo estilo internacional moderno (explanados anteriormente) e adequá-los com habilidade à realidade local. Algumas das principais adaptações foram: quanto às técnicas construtivas; quanto aos materiais empregados; e quanto às soluções climáticas, que procuraram adaptar a modernidade aos trópicos brasileiros. Além desses fatores, outra característica inerente à arquitetura moderna nacional está na coexistência da plasticidade e da racionalidade.

Para Mahfuz 2002, ao reavaliarmos a nossa produção arquitetônica constatamos duas importantes características:

“Em primeiro lugar, iremos constatar que os projetos davam forma aos programas sem serem determinados por eles, de modo bastante diferente da relação de causa e efeito por tantas vezes atribuída a um certo funcionalismo moderno. Em segundo lugar, longe de qualquer insensibilidade em relação ao entorno, o sítio era entendido como formalidade latente, e o projeto estabelecia estruturas relacionais em que o edifício era sempre concebido como parte de um todo maior. A própria variedade das soluções encontradas para adaptar a arquitetura moderna ao clima tropical é evidência da importância atribuída ao lugar na prática arquitetônica pré-Brasília. Por último, verificaremos uma saudável relação entre forma e técnica, na qual a definição da estrutura formal e do caráter de cada edificação explorava a disciplina imposta pela construção.” (MAHFUZ, 2002)

A habilidade inerentemente brasileira, na produção da arquitetura moderna, consistiu em apropriar-se de procedimentos importados – determinados por uma permanente condição de dependência, seja ela econômica, política ou cultura – transformá-los e adaptá-los, tornando-os autênticos. (MAHFUZ, 2002)

○ reconhecimento dessa singular característica não se deteve apenas em âmbito nacional, sendo mundialmente discutida.

“É inegável que a nossa arquitetura tem granjeado sucesso mundial justamente por apresentar alguns aspectos originais, tipicamente brasileiros. Nossa arquitetura confirma, na prática, que o processo de

universalização da arte é alcançado na medida em que ela reflete o espírito nacional, as expressões mais características de seu próprio povo [...] Vemos, por outro lado, que as expressões novas da arquitetura no Brasil, vem sendo aceitas pelo povo, mesmo quando se apresenta em suas formas mais audaciosas. Podemos mesmo dizer que o povo brasileiro abre um crédito de confiança aos seus arquitetos. É nesse clima de simpatia e apoio popular que temos encontrado o mais incentivo ao nosso trabalho de criação.” (ARTIGAS, 1955 (1981, p.16) apud SEGAWA, 1997, p. 129)

Outra peculiaridade que não pode deixar de ser citada sobre a arquitetura moderna no Brasil, diz respeito a sua apropriação. Diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos e na Europa, aqui, os ideais modernos foram difundidos tanto para regiões distantes dos grandes centros, como também para classes sociais mais baixas. Sobre esse assunto Lara 2005 afirma:

“Na verdade, em todo o mundo a arquitetura moderna foi implantada de cima para baixo, primeiro como um movimento vanguardista da elite cultural e em seguida como estilo oficial governamental (Europa do pós-guerra e países emergentes) ou das grandes corporações (EUA). A peculiaridade do caso brasileiro reside no fato de que em nenhum outro lugar a arquitetura moderna ultrapassou a barreira da conservadora classe média.” (LARA 2005, p.178)

Ainda sobre a dispersão do estilo moderno após a construção de Brasília, os autores Araújo, Tímem e

Cotrim colocam que:

Esse processo, a um só tempo, de difusão e diversificação, de questionamento e continuidade, fica cada vez mais evidente com as inúmeras pesquisas realizadas nas universidades brasileiras, que tratam da arquitetura produzida pós-construção de Brasília. Estas pesquisas, em termos gerais, revelam, além da diversificação geográfica, o nomadismo dos arquitetos e a dispersão de arquiteturas que chamam a atenção e merecem destaque não somente por seu eventual vínculo com o passado ou sua provável ruptura com ele, mas, sobretudo pela submersão em seu próprio tempo, marcado entre outros aspectos por certo teor de experimentalismo. (ARAÚJO et. al, 2010)

Campina Grande, situada no agreste Paraibano, pode ser citada como um exemplo de cidade alcançada pela linguagem moderna mesmo estando distante dos grandes centros do sul e do sudeste. Na cidade a arquitetura moderna ganhou status de progresso, arrojo e civilidade, conforme colocou ROCHA E QUEIROZ (2007):

“Sua inserção no cenário local aconteceu em meio a um processo de renovação da paisagem urbana campinense que se iniciou na década de 1930 (principalmente da sua região central), atravessou os anos 1940 e chegou aos 1950 com o mesmo intuito e discurso de construção de uma cidade moderna, civilizada, burguesa, pronta para o livre desenvolvimento do capital. Almejava-se edificar uma urbe sadia, arejada, fluida, bela e disciplinada,

projeto utópico no qual a modernização da arquitetura ocupava um lugar de destaque, e era considerada o 'instrumento' ideal para combater o dito arcaísmo das construções térreas e acanhadas, cuja implantação no lote e organização espacial eram ainda coloniais." (ROCHA E QUEIROZ, 2007)

Em suas pesquisas ROCHA e QUEIROZ (2006), colocaram sobre a influência recifense na produção arquitetônica campinense, afirmando:

"Já a partir da segunda metade da década de 1950, encontramos nas páginas do jornal Diário da Borborema uma infinidade de projetos alinhados com a Arquitetura Moderna desenvolvida em outros lugares do país, seja absorvendo seus conceitos de projeção ou apenas se apropriando e recriando as suas formas. São propostas para residências, urbanização de partes da cidade, teatros, mercados, hotéis, rodoviárias, escolas técnicas, paradas de ônibus, faculdades, moradias populares, praças, agências bancárias, edifícios de apartamento e de escritório. Boa parte desses projetos foi concebida por profissionais de fora da cidade, principalmente por pernambucanos oriundos das primeiras turmas de orientação modernista formadas após a renovação do ensino de arquitetura em Recife promovida por Russo, Borsoi e Amorim". (ROCHA e QUEIROZ (2006, p.4)

Pesquisas realizadas recentemente por AFONSO e MENESES 2015 comprovaram a influência da Escola de Recife em Campina Grande, ao identificar diversas

obras realizadas na cidade por arquitetos oriundos da escola, profissionais como Tertuliano Dionísio, Heitor Maia Neto e Augusto Reynaldo, projetaram residências, escolas, fábricas, edifícios institucionais, clubes, dentre outras tipologias.

Com um mercado tão aberto a propagação da "arquitetura progressista" arquitetos licenciados, engenheiros e desenhistas locais, que acompanhavam o cenário da arquitetura brasileira nas décadas de 1950 e 1960, também passaram a projetar na cidade residências, teatros, hospitais, museus, e outras tipologias, nos moldes modernos, tornando-se importantes personagens difusores da modernidade arquitetônica campinense.

- *Projeto com critérios modernos*

Compreender o que é o projeto arquitetônico é imprescindível, uma vez que, este trabalho irá tratar da análise de projetos. Afonso (2013) discute o conceito do professor Carlos Lemos que classifica o projeto arquitetônico como ferramenta para se criar a Arquitetura, podendo também ser entendido como um processo.

Por processo entende-se que o arquiteto ao lidar com questões referentes aos condicionantes projetuais – programa de necessidades, fatores climáticos,

topografia, sistema construtivo, materiais, fatores econômicos, dentre outros – irá buscar conceber uma solução que será esboçada através do projeto. Sobre a conceituação do projeto arquitetônico, AFONSO (2013) coloca:

“O projeto enquanto processo possui caminhos a serem seguidos, nos quais é necessária a definição de um programa a ser atendido, um lugar no qual será implantado o edifício, e um modo de construir a ser determinado. Esse conjunto de premissas é elaborado graficamente em um desenho que opera como mediador entre a ideia do projeto e sua realização concreta.” (AFONSO 2013, p. 126)

A prática projetual com a utilização de critérios modernos é apontada pelo professor e arquiteto Hélio Piñon em seu livro “Teoria do Projeto” (PIÑON, 2006), como sendo:

“um sistema baseado em uns poucos, mas firmes princípios estéticos: a concepção como construção – entendida como gestão, com critério de mimese, de sistemas canônicos -; a abstração como um modo de assumir a universalidade, transcendendo portanto, o particular; e a forma consistente, equilibrando, no âmbito de uma ideia de ordem não redutível à regularidade nem amparada na hierarquia.” (PIÑON, 2006, p.6 apud AFONSO 2010, p.163)

Afonso (2013) levanta uma bibliografia de arquitetos que utilizaram uma metodologia projetual calcada

na modernidade. Dentre os arquitetos/teóricos e seus conceitos estão:

1) Gropius que colocava, então, que a boa arquitetura deveria refletir a vida da época, exigindo conhecimento íntimo das questões biológicas, sociais, técnicas e artísticas, atreladas ao desejo de unidade resultante na obra em si;

2) Mies, que chamava a atenção ao uso da estrutura como sendo o fator relevante para a arquitetura. Alertava também para a questão da economia construtiva citando a racionalização e a padronização imperativas neste processo, além da necessidade de flexibilidade das plantas, e apontava como solução a construção em esqueleto como o sistema construtivo mais adequado;

3) E por fim Le Corbusier que abordou o tema dos “três lembretes” direcionados aos arquitetos, relacionados ao processo projetual e de grande importância no ato do desenvolvimento do projeto: o volume, a superfície e a planta. Destacando que a solução em planta traz consigo a própria essência da sensação de ordem, de geometrização, de equilíbrio harmônico, ritmado. (AFONSO 2013, p. 127 e 128).

Ao estudar a obra de Piñon, Mafuz (2006) discorre sobre os quatro critérios projetuais fundamentais originalmente extraídos originalmente dos textos de

Le Corbusier e Ozenfant. São eles: a economia, precisão, rigor e universalidade.

A economia seria a utilização de um número mínimo de elementos para se resolver “o problema arquitetônico”. Os projetos que resultam deste tipo de arquitetura, “nunca são simples, mas elementares”. E o domínio sobre a elementaridade é necessário para que se possa chegar a uma complexidade autêntica. (MAFUZ, 2006)

A precisão está relacionada com a execução da obra. Tem a ver com se buscar realizar obras bem feitas, construídas com exatidão. Para isto, é indispensável que o projeto seja preciso e detalhado e também do olhar atendo do arquiteto sempre presente na execução.

“Projetar com rigor significa voltar o foco da concepção para aqueles condicionantes do problema arquitetônico que são relevantes e transcendent...” (MAFUZ, 2006). Sendo assim o excesso de elementos dispensáveis, devem ser excluídos do projeto para aprimorar a intensidade e consistência formal da obra.

E enfim, a universalidade que está relacionada com a flexibilidade, proporcionada por obras que tem uma estrutura formal consistente. Nestes casos a sobrevivência/permanência da edificação é garantida, pela sua capacidade de se adaptar a novos programas. (MAFUZ, 2006)

• *Patrimônio moderno*

O que é patrimônio?

Quanto ao conceito de patrimônio, será trabalhado aqui, o voltado para o de patrimônio edificado, uma vez que a pesquisa trata sobre bens imóveis, a produção arquitetônica.

De acordo com cartilha “Patrimônio histórico: como e por que conservar” publicada pelo CREA-SP 2008, o patrimônio edificado consiste em: “[...] edificações isoladas ou conjunto de edificações, que poderão ter tipologias distintas e não necessariamente antigas, mas que possuam peculiaridades culturais”.

Segundo Choay (2001, p.13) o conceito de patrimônio edificado foi ampliado a partir dos anos 60 na Europa, passando por uma expansão tipológica, cronológica e estilística. O acervo eclético, a arquitetura moderna e a arquitetura vernácula, o patrimônio industrial, entre vários outros exemplares passaram a fazer parte dessa ampliação conceitual.

Contudo, Andrade Júnior (2011, p.145) afirma em texto que trata sobre a as ampliações do conceito de patrimônio edificado no Brasil, que:

“Essa ampliação cronológica, estilística e tipológica não ocorreu da mesma forma que na Europa

e podemos observar que, frente à complexidade de um país continental como o nosso, e com a diversidade cultural que lhe é peculiar, isto assume diferentes características em cada um dos contextos regionais". (JÚNIOR 2011, p.145)

- *Preservação da modernidade.*

Para introduzir a questão da preservação do patrimônio é importante destacar, que atualmente é consenso a necessidade de se pensar de maneira mais abrangente e em formas alternativas ao tombamento, uma vez que é impossível "isolar o bem da realidade onde se insere". (CASARLADE, 2014)

A preservação do patrimônio vem ganhando interesse no Brasil, contudo enfrenta problemas sérios, conforme colocou CASTRIOTA sobre o tema:

"A preservação do patrimônio é um campo que tem ganhado proeminência na cena atual. É interessante perceber, no entanto, como esse campo se articula de forma diferente nos diversos contextos nacionais. Implementadas tradicionalmente pelos estados, as políticas de preservação trabalham com a dialética lembrar-esquecer: para se criar uma memória nacional privilegiam-se certos aspectos em detrimento de outros, iluminam-se certos momentos da história, enquanto outros permanecem na obscuridade". (CASTRIOTA 2009, p.65)

Para Lira 2012, ainda que os organismos de proteção estivessem verdadeiramente empenhados em proteger o legado da arquitetura moderna, o maior problema ainda residiria na ausência de atribuição de significado e valores a esse acervo por parte da sociedade. Jokilehto (2003) procura explicar essa dificuldade:

"Acessar a significância de algo normalmente leva tempo. No caso do patrimônio moderno, a distancia é ainda cura e o julgamento é difícil. Ainda que nossos entorno sejam em grande parte resultantes de obras do Movimento Moderno, nós temos dificuldade em compreendê-los, pois parece que estamos julgando a nós mesmo." (JOKILEHTO 3003, p.108-109, apud LIRA, 2012 p.30)

Ainda sobre aos desafios em se preservar o patrimônio moderno o professor e pesquisador Comas (2012, p.25) escreveu:

"A persistência das obras do movimento moderno e sua sobrevivência para além dos 1970, não se dá sem dificuldade, oposição ou insucesso. A espécie corre o risco de extinção. Muitas obras significativas se encontram descaracterizadas e outras tantas ameaçadas de descaracterização, quando não do desaparecimento absoluto". (COMAS 2012, p.25)

O autor complementa a discussão justificando esta dificuldade apoiada em duas questões: impopularidade e um passadismo. A impopularidade, segundo Comas, porque vista como uma produção "psicologicamente fria, implicando posturas elitistas,

autoritárias, reducionistas, sectárias, coletivistas e ao mesmo tempo anti democráticas e anti gregárias, e portanto, anti urbanas”.

A questão do passadismo tem a arquitetura moderna como antiquada, ultrapassada, fora de sintonia com a contemporaneidade ou simplesmente fora de moda. Comas (2012, p.27) afirma que quanto a este tema, “ela parece ecoar o raciocínio de ‘razões’ e antes dele o da vanguarda europeia dos 1920, ao fazer corresponder o espírito novo da (pós) modernidade à demanda de uma nova arquitetura.”

- *Documentação da arquitetura moderna.*

Em sua obra intitulada “A Pedra e o Tempo” o autor Casarlade (2014), discute o valor do patrimônio como documento. Ele argumenta que o acervo patrimonial é uma herança que permaneceu e conseguiu sobreviver ao tempo, e por isso marca a história comum. Sobre a relevância de se preservar esses documentos ele coloca:

De qualquer maneira, os documentos históricos constituem um conjunto de objetos que mereciam o esforço de sua preservação como sobreviventes do passado e portadores de uma história cuja veracidade ou mensagem especial poderá ser verificada hoje ou, na sua impossibilidade, talvez um dia, quando as condições para tanto forem mais propícias. (CASARLADE, p. 187, 2014)

Para Guedes et. al (2013, p.11) o esforço de coletar informações sobre os exemplares modernistas, preencher fichas e documentar a arquitetura nos permite compreender o acervo moderno na Paraíba, e também dar visibilidade a esse patrimônio, dando ampla divulgação a essa produção, não só a pesquisadores e candidatos a pesquisadores, mas a população em geral interessada em sua história.

Sobre o estudo, levantamento de dados e preenchimento de fichas de inventário para as obras modernas Guedes também coloca que:

“O uso dessa forma de registro extrapola a sua função como inventário, ela interessa como formação e informação a respeito desse momento da história da cidade, da cultura e inclusive da arquitetura. Interessa tanto a pesquisadores, alunos e professores, como ao cidadão comum atento a história e ansioso por fazer parte da construção da memória da cidade. Interessa aqueles que estão preocupados com a formação de profissionais que tenham condições de intervir na sua área de atuação. Interessa aqueles que trabalham diretamente com conservação e restauração de edifícios e sítios protegidos (ou que deveriam ser).” (GUEDES et. al, p.12, 2013)

O esforço em resgatar, estudar e documentar o acervo moderno (e no caso deste trabalho, das residências modernas), pode ser justificado pelo fato de, em Campina Grande estas edificações marcam a paisagem da urbana, fazendo parte do cenário

cotidiano da cidade, sendo por isso admiradas, tanto pela comunidade em geral, quanto por profissionais de diversas áreas, em especial profissionais de arquitetura, engenharia e história.

Sendo assim, pode-se considerar estas obras residências como lugares de memória. Esse conceito é discutido por Tomaz quando expõe:

Ao se contemplar um espaço de relevância histórica, esse espaço evoca lembranças de um passado que, mesmo remoto, é capaz de produzir sentimentos e sensações que parecem fazer reviver momentos e fatos ali vividos que fundamentam e explicam a realidade presente. Essa memória pode ser despertada através de lugares e edificações, e de monumentos que, em sua materialidade, são capazes de fazer rememorar a forma de vida daqueles que no passado deles se utilizaram. Cada edificação, portanto, carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma gama de significados e vivências ali experimentados. (TOMAZ 2010, p.2)

Capítulo

2

Contexto

2.1

Contextualização geográfica de Campina Grande

O município de Campina Grande é uma cidade do Nordeste brasileiro situada no agreste paraibano, entre o litoral e o sertão, possui um clima menos árido do que o predominante no interior do estado (clima tropical semiárido). Além disso, a altitude de 552 metros acima do nível do mar garante temperaturas mais amenas durante todo o ano.

Geograficamente privilegiada, situada bem no centro do estado, a Rainha da Borborema como também é conhecida, é uma cidade-polo, liderando geográfica e politicamente outros aproximadamente 60 municípios ao seu redor. Além disso, a cidade apresenta condições de acesso às principais capitais do Nordeste, pois fica em média a 150 quilômetros de cidades como João Pessoa, Recife, Natal, dentre outras.

Com cerca de 400 mil habitantes, a maior cidade do interior do Nordeste, destaca-se economicamente no setor da prestação de serviços, no comércio e é uma forte referência na produção de tecnologia, fabricando softwares vendidos para várias partes do mundo, com reconhecida qualidade tecnológica e funcional. Hoje a cidade se apresenta como uma excelente formadora de mão de obra especializada, principalmente na área

tecnológica, graças às suas cinco universidades, com cursos, sobretudo, na área de Ciência e Tecnologia.

Reconhecida como uma cidade universitária e centro econômico da Borborema, Campina Grande é um pólo de influência e atrai um grande número de pessoas vindas de outras localidades e até outros países, isso sem falar na significativa migração pendular oriunda das cidades circunvizinhas.

Figura 02:

Mapa temático na sequência: Brasil, Estado da Paraíba e Campina Grande.
Fonte: elaborado pela autora.



O histórico processo de industrialização e consequentemente, crescimento econômico da cidade foi motivado pelo desenvolvimento da produção algodoeira, sendo conhecida até 1940 como a segunda maior exportadora de algodão do mundo. A comercialização do “ouro branco” fez com que Campina Grande superasse João Pessoa, capital político-administrativa do Estado.

Destacando-se pelo seu desenvolvimento industrial o município tornou-se na década de 1940 a única cidade do interior do Brasil, não capital de estado, a sediar uma Federação das Indústrias, a FIEP (figura 3). (ALVEZ, 2012)

Diante do notável desenvolvimento industrial Campina atraiu na década de 1960 incentivos da SUDENE que acarretaram por sua vez a expansão da malha urbana, como coloca AFONSO 2017:

Na década de 60, a cidade recebeu incentivos fiscais da SUDENE, que instalou no local, onze novas indústrias, e aprovou incentivos para a ampliação de dez, e reformulação de cinco. Observou-se que a geração de emprego e renda oriunda da política de industrialização regional, atrelada à política municipal, dinamizou a economia da cidade, ocorrendo o surgimento de novos bairros, e a construção de uma arquitetura que adotou uma linguagem moderna, atraindo profissionais de mais distintas cidades do país, principalmente, de Recife, Pernambuco, que construíram no local, novas paisagens urbanas modernas.

Figura 03:
FIEP na época de sua
fundação.
Fonte: blog retalhos
históricos.



2.2

Contextualização histórica, social e cultural - A década de 1960

Após a crise política dos anos 1950 marcada pelo suicídio do presidente Getúlio Vargas, a década de 1960 iniciou enérgica e ávida por superações, o presidente Juscelino Kubitschek engajou-se em seu Plano de Metas do qual o maior símbolo foi a transferência da capital federal para Brasília.

As atividades econômicas da época foram intensas dentre elas SEGAWA (1997 p.160) destaca “a reordenação do sistema de energia e transporte, implantação de estruturas industriais e de bens de produção (siderurgia, elétrica pesada, máquinas, construção naval) e o nascimento da indústria automobilística brasileira”.

Em março de 1964 o golpe militar marca o início da ditadura. O Exército passou a controlar os negócios públicos intervindo na economia. Passou-se a incentivar a concentração urbana, a necessidade de conglomerados fortes com oferta de mão de obra e serviços impulsionaram o crescimento das cidades. Assim, a necessidade de planejamento e de infra-estrutura desses aglomerados estimularam a construção civil e a arquitetura, sobre esse tema Oseki 1982, p.120 :

“a intensificação do processo de diferenciação no setor da construção civil, baseado fundamentalmente nas áreas de infra-estrutura, transporte, comunicação estradas e outros, num projeto político-econômico de integralção nacional, constituindo um ramo dinâmico e concentrador no setor e solidário aos setores mais dinâmicos da economia” (Oseki 1982, p.120 apud SEGAWA, 1997, p.160)

Não se pode deixar de apontar também para a turbulência social, política e artística que trouxe a ditadura, quanto ao tema AFONSO 2017 coloca:

“Esta época foi reconhecida como tempo de mudanças- uma década marcada pela repressão, censura e violência. Um período que, no âmbito político, foi marcado pela falta de democracia a qual promoveu transformações na estrutura da produção e da sociedade, nos comportamentos políticos e nas manifestações culturais. Lutava-se contra o regime de ditadura militar implantada em 1964, contra a reforma educacional, o que mais tarde provocou o fechamento do Congresso e na decretação do Ato Institucional nº 5- decretado no dia 13 de dezembro de 1968, [...] O regime militar começou a perseguir líderes sindicalistas e estudantes que apoiavam o presidente deposto, dos quais eram torturados e até mesmo mortos. As manifestações artísticas passam a ser censuradas e muitos artistas passam a optar pelo exílio ou ao silêncio.” (AFONSO, 2017, p. 6)

Apesar do cenário exposto, o ímpeto de modernização e integração nacional aliado a visibilidade e

propaganda que teve a construção de Brasília, culminaram em uma valorização dos profissionais arquitetos. Estes profissionais se envolveram em grandes projetos desenvolvimentistas, embuidos de equipes organizadas por empresas de engenharia consultiva que planejaram várias obras civis do regime militar. (SEGAWA, 1997)

Capítulo

3

**Geraldino
Duda**

3.1

Alguns dados bibliográficos

Geraldino Pereira Duda nasceu na cidade de Campina Grande, no dia 6 de março de 1935. Filho de Antonio Pereira Duda que era técnico do Curtume dos Motta, e Vitalina Pereira Lima. Com apenas seis meses de nascido foi levado para morar em Natal e durante a infância mudaram-se para diversas cidades como Fortaleza, Quizadá, Baturité, Sobral, Parnaíba, Catolé do Rocha, Mulungú, Alagoa Grande, Recife, Rio Tinto, e finalmente retornaram a Campina Grande, onde se estabeleceram definitivamente.

Tendo começado a trabalhar com nove anos de idade, em Rio Tinto, na Fábrica de Tecido como

caderneiro e depois como apontador até os 12 anos. Ao retornar à Campina Grande, trabalhou com Arthur Monteiro em uma oficina mecânica. Nessa época também recomeçou a estudar, até concluir os estudos secundários no colégio Pio XI.

Com 22 anos casou-se com Nilma Feitosa Pereira, com quem teve cinco filhos: Niúra, Gláuro, Gláucio, Nilda e Glauber (*in memoriam*). Hoje Geraldino tem 82 anos, e mesmo tendo se aposentado, ainda mantém seu escritório com diversos documentos e materiais de projetos de sua autoria.

Figura 04:

Fotografia de
Geraldino Duda.
Fonte: Acervo Ítalo
Marinho, 2017.



3.2

Atuação profissional

Para Geraldino, o primeiro contato com a arquitetura moderna veio através de leituras quando pela primeira vez viu a fachada do Ministério da Educação e da Cultura do Rio de Janeiro, projeto de Oscar Niemeyer. Em viagem a Minas Gerais, Duda também conheceu o conjunto da Pampulha, e assim viu pessoalmente a obra do admirado arquiteto.

Dessa forma surgiu o desejo de levar à Campina aquele estilo arquitetônico que tanto o fascinou. Em 1950, com apenas 15 anos de idade, Geraldino foi incitado pelo amigo e fotógrafo Sóter Farias, a iniciar suas atividades na área de arquitetura, orientando-o a trabalhar no escritório do arquiteto licenciado Josué Barbosa. Duda logo se destacou devido a sua habilidade para desenhar. A partir dessa experiência, desenvolveu interesse e grande aptidão para atuar como projetista.

Trabalhou também para o construtor José Honorato Filho e outros profissionais, sendo também convidado para fazer parte da Construtora Honorabre.

Em 1960, começou a trabalhar para o Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DPU) da prefeitura de Campina Grande, como Assistente Técnico

de Arquitetura e Urbanismo, juntamente com o engenheiro Austro França, no mandato do prefeito Severino Cabral.

Em 1961, Duda viajou para conhecer a recém inaugurada Brasília, quando teve um breve encontro com Niemeyer. Após esta viagem, em 1962, o arquiteto autodidata foi incumbido de projetar o Teatro Municipal Severino Cabral, obra que teve sua inauguração parcial em 1963.

Na década 1970, Geraldino tirou licença do seu cargo na prefeitura para concluir o curso de Engenharia Civil, na Universidade Estadual da Paraíba, já que não havia o chegado ainda o curso de Arquitetura na cidade. A cerimonia colação de grau de sua turma foi realizada no Teatro Municipal Severino Cabral, momento de grande emoção para Geraldino.

Ainda como funcionário da Prefeitura Municipal de Campina Grande, atuou como chefe do DPU, chegando ainda a ser diretor do departamento, no mandato de Willian Arruda. Sua contribuição com o urbanismo da cidade é vasta. Como exemplos podemos citar: o desenho da Praça do Trabalho; o projeto Multi-Lagos (que não chegou a ser executado, mas atualmente passa por revisões); o traçado urbano do bairro da Prata, dentre muitos outros.

No entanto, é importante ressaltar, que paralelamente ao trabalho na prefeitura, Geraldino projetou aproximadamente 300 residências, na cidade. Em depoimentos a revistas da época, ele conta que no início foi difícil convencer os clientes a aceitarem projetos residenciais com linguagem moderna, porém, com persistência vários projetos foram sendo solicitados.

Através de pesquisas realizadas, foi constatado que na década de 1960 houve o maior número de encomendas. Geraldino optou por não realizar a prova do CREA, que deveria ser feita em Recife, para se tornar arquiteto licenciado e, portanto, seus projetos eram assinados por engenheiros das construtoras responsáveis pela execução das obras.

Uma de suas residências chamou tanta atenção que chegou a ser divulgada na revista de circulação nacional *Cruzeiro*. Além desta, muitas publicações sobre este personagem foram vinculadas, em jornais, revistas locais e publicações do Teatro Municipal (figuras 5, 6 e 7).



Figura 04:
Revista *Cruzeiro* 1964, com
matéria sobre residência
projetada por Geraldino.
Fonte: Acervo pessoal de
Glauco Duda.

Figura 06:
Entrevista com
Geraldino Duda na
Revista Tudo 1988.
Fonte: Acervo pessoal
de Marcus Queiroz.



Figura 07:
Panfleto comemorativo
dos 40 anos do Teatro
Municipal Severino
Cabral, 2003.
Fonte: Acervo pessoal.



Capítulo

4

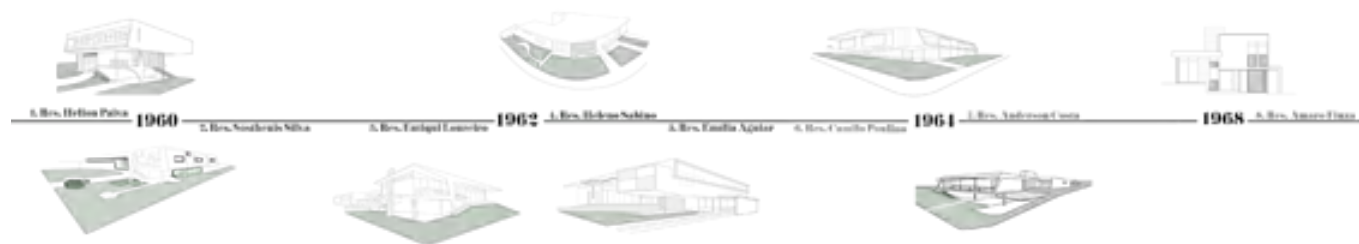
A Obra

Como já foi dito, foram selecionadas oito obras residenciais (das 46 a que se teve acesso ao material de projetos) em Capina Grande, projetadas na década de 1960. Optou-se por edificações ainda existentes para que se pudessem realizar visitas e levantamentos fotográficos.

As obras a serem discutidas a seguir serão apresentadas em ordem cronológica (figura 8). Elas estão localizadas nos seguintes bairros: Centro, Prata, São José e Jardim Tavares. Todos eles considerados bairros centrais da cidade.

Todo o material de projetos foi redesenhado e estudado seguindo a pauta supracitada. Ao final de cada análise arquitetônica, haverá um quadro com a análise de conservação das edificações. Nele será apontado: o estado físico e legal do bem; e também, serão descritas as alterações feitas (caso existam) no projeto original.






Figura 08:
Linha do tempo com as obras a serem analisadas.
Fonte: elaborado pela autora.





4.1 Residência
Héllion
Paiva



Ano  1960
Proprietário  Hélión Paiva
Localização  Av. Floriano Peixoto - Centro. Campina Grande. PB.
Tipologia  Residencial
Área construída  255,80 m²

54 | Residência Hélión Paiva



A residência Helion Paiva, foi projetada no ano de 1960. Localizada na Avenida Floriano Peixoto – eixo estruturante da cidade -, no bairro Centro, de Campina Grande.

Três anos depois, em 1963, o Teatro Municipal Severino Cabral, (obra que proporcionou grande destaque e reconhecimento profissional à Geraldino Duda) seria construído bem próximo à casa.

A implantação da residência valeu-se do desnível do terreno. Foi feito um corte, onde há o acesso para automóvel; e um aterro, contido por um muro de arrimo, onde se apoia o restante da residência. Na parte suspensa se encontra o acesso peatonal social, através da sala de estar, e o acesso de serviço, através da área de serviço, na fachada posterior.

A garagem é protegida pelo saque da varanda social que atua como marquise. A partir desta entrada, pode-se acessar a residência por duas escadas externas.

A primeira delas se encontra na fachada frontal. Seu primeiro lance alcança o nível da sala de estar; enquanto o segundo lance, leva ao nível da varanda social (figura 1).

56 | Residência Héllion Paiva

Figura 01:

Escada na fachada frontal, vista do nível da garagem. Fonte: Autora, 2017.



Residência Hélio Paiva | 57

Esta escada, em forma de “U” é engastada em uma viga lateral. Tal recurso estrutural possibilita que os degraus não estejam ligados entre si, transmitindo a ideia que estão “soltos”. O formato destes, e da maior parte dos demais degraus da residência, são triangulares. Os pisos são revestidos por uma pedra branca, enquanto o espelho é apenas rebocado e pintado.

A segunda escada externa encontra-se na fachada sudoeste. Em forma de “L”, também possui dois lances. O primeiro e maior, leva ao acesso por uma pequena porta de vidro à sala de jantar; já o segundo lance também alcança a varanda social.

Esta escada é engastada por uma viga lateral, e tem a maioria dos degraus, em formato e revestimento iguais aos da primeira. Sua característica inusitada são os quatro primeiro degraus, apoiados no solo, tendo formatos circulares (figura 2 e 3).

Figura 02:
Escada na fachada sudoeste, vista do nível da garagem. Fonte: Autora, 2017.





Figura 03:
Detalhe dos degraus
da escada na fachada
sudoeste. Fonte:
Autora, 2017.

A composição arquitetônica da casa é constituída por um único volume, coroado pela parte superior, que avança em todos os lados da edificação. As linhas retas, porém, irregulares conferem dinamicidade ao volume. A existência de elementos curvos aliado às subtrações nas varandas proporciona leveza à forma (figura 4).

Com uma geometria bem articulada a planta quadrangular abriga os setores social, íntimo e de serviço. Apesar de possuir apenas dois pavimentos, o programa é distribuído em cinco níveis: iniciando pela cota mais baixa, está o nível onde se encontra a garagem e uma passagem lateral que leva aos fundos da casa.

Em seguida existem três níveis intermediários, onde estão respectivamente, a sala de estar; a sala de jantar, um quarto e um banheiro, cozinha e serviço; e mais acima, no último nível intermediário está a varanda social.

No último nível, encontra-se o pavimento superior reservado ao setor íntimo, onde estão os quartos, instalações sanitárias, e uma saleta por onde se acessa a grande varanda íntima (Plantas + cortes Figuras: 5, 6, 7, 8, 9).

60 | Residência Hélión Paiva

Figura 04:

Esquema volumétrico da residência. Fonte: Produzido pela autora.

Figura 05:

Planta baixa do nível inferior. Fonte: Acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

Figura 06:

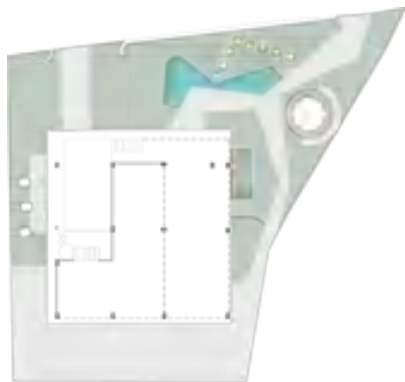
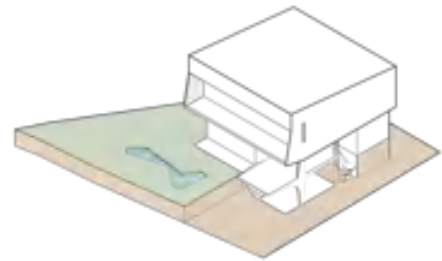
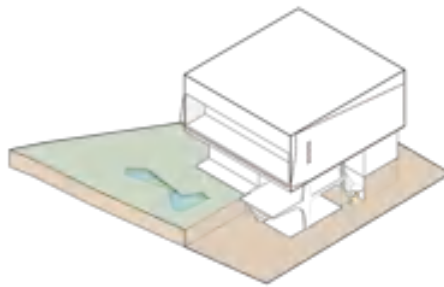
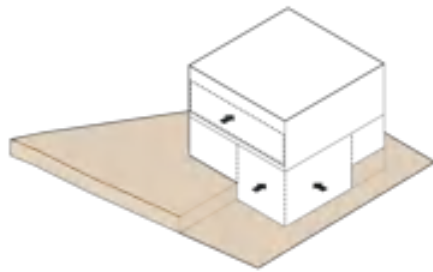
Planta baixa do nível intermediário. Fonte: Acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

Figura 07:

Planta baixa do nível superior. Fonte: Acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

Figura 09 e 10:

Cortes da residência Hélión Paiva. Fonte: Acervo do grupo Arquitetura e Lugar.



A circulação vertical interna é realizada por meio de uma escada. Do nível da sala de estar até a sala de jantar é vencido por apenas alguns degraus. Já a conexão deste último nível até o pavimento superior é alcançada por meio de uma escada, de apenas um lance que segue o mesmo padrão estrutural das escadas externas. Este componente arquitetônico, também contribui esteticamente com sala de estar, funcionando como um elemento decorativo da parede em que está engastada (Figura 10).

O contínuo espaço entre o jardim externo, a sala de estar, sala de jantar e cozinha estão no sentido noroeste/sudeste. Apesar de interligadas essas áreas se desenvolvem com alguns obstáculos visuais, como é o caso de algumas paredes e de um móvel embutido, entre sala de estar e jantar, elemento comum em várias das residências de Duda, para divisão de espaços (Figura 11).



Figura 10:

Sala de estar. Fonte:
Autora, 2017.

Figura 11:

Transição entre sala de
estar e sala de jantar.
Fonte: Autora, 2017.





Figura 12:
Escritório acrescentado
ao programa. Fonte:
Autora, 2017.

No pavimento superior onde se encontra o setor íntimo, as esquadrias são voltadas nos sentidos noroeste e sudeste, sendo as fachadas laterais totalmente vedadas, sem janelas, portas ou paredes de vidro. Ao lado da escada foi feito um estreito corte na laje criando um pequeno mezanino acima da sala de estar. A varanda íntima se estende por toda a fachada frontal, podendo ser acessada através da sala de convivência.

A modulação desta casa é evidenciada pela indicação estrutural em planta e nos cortes. Foram traçados quatro eixos longitudinais e três transversais. A partir desta organização criou-se uma malha longitudinal A, B, C e uma transversal A', B'. As dimensões da modulação variam e se adequam ao programa (figura 13).

A edificação se apoia em 14 pilares que vão do pavimento inferior ao solo. A parte superior do volume se solta da base e tem apenas duas paredes estruturais. A distribuição das cargas do pavimento superior é feita por estas paredes, e pela laje, que descarrega nos pilares baixo dela. As duas varandas sacam do volume em balanços de 2m da varanda íntima, e de 3m da varanda social. A cobertura inclinada é mais alta na fachada frontal e chega ao seu ponto mais baixo da fachada posterior.

O principal diálogo entre interior e exterior é alcançado, pelas transparências dos planos de vidro, da varanda íntima e da esquadria da sala de estar, que conectam visualmente o interior da residência ao jardim frontal e também à rua. O espaço destinado à varanda social cumpre o papel de área de transição e contemplação.

64 | Residência Hélio Paiva

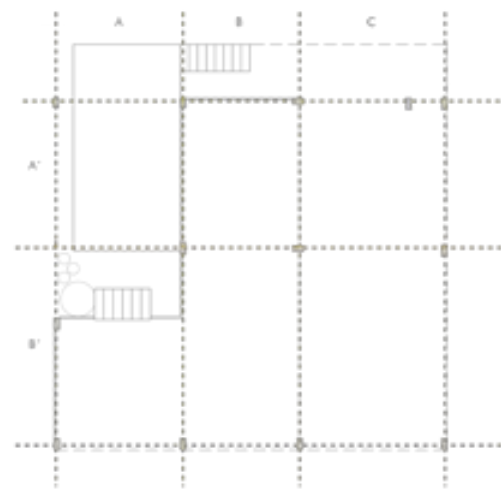


Figura 13:
Esquema com eixos
estruturais. Fonte:
Produzido pela autora.

Geraldino demonstrou grande atenção ao paisagismo da residência, projetando o jardim formas orgânicas. O plano de piso varia entre vegetação, pisos impermeáveis cerâmicos e pétreos, e um lago artificial. Há também no jardim uma pequena área de “praça”, com um banco semicircular que tem como plano de fundo um painel de ladrilhos hidráulicos na parede (figura 14). O uso de azulejos e ladrilhos, como elementos estéticos e funcionais, é bastante recorrente nos projetos residenciais do arquiteto.

Outros materiais de revestimento foram utilizados. Um plano pétreo em forma de “L”, que aparece na fachada frontal e na lateral. Esta parede compõe tanto a tectônica da fachada, quanto, o interior da sala de estar (ver figura 11), e também, o escritório -onde seria a varanda social-. Outro revestimento utilizado foi o tijolinho alaranjado que marca a parte inferior do volume.

Na parte superior o volume é revestido por uma pastilha branca. O peitoril das esquadrias de vidro da varanda íntima é revestido por uma cerâmica semelhante ao tijolinho utilizado na parte inferior (figura 15).

Figura 14:
Detalhe do jardim externo com painel de ladrilhos. Fonte: Autora, 2017.

Figura 15:
Detalhe do revestimento cerâmico no peitoril da janela. Fonte: Autora, 2017.





Figura 16:
Residência Hélon
Paiva. Fonte: Autora,
2017.

Residência Hélio Paiva



Localização	Avenida Floriano Peixoto, Centro.
Anio	1960
Arquiteto	Geraldino Pereira Duda
Tipologia	Residencial
Uso Atual	Residencial

Estado de Conservação

A edificação sofreu algumas alterações em planta, como a ampliação da sala de jantar e mudança na localização da cozinha e da área de serviço. No pavimento superior um banheiro foi acrescentado e o banheiro projetado foi modificado.

Houve também o acréscimo de uma biblioteca ao programa, que foi executada em parte da área destinada à varanda social. Além disso, um elevador foi posteriormente instalado na residência alterando um pouco o volume na lateral sudoeste.

Análise do Estado de Conservação

Ao observar os dados coletados, conclui-se que a residência Hélio Paiva encontra-se em um bom estado de conservação, pois, apesar das alterações, a maior parte das características estéticas, formais e físico/construtivas foram mantidas;

Estado de Preservação Proteção legal

Quanto à proteção, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.

Análise do Estado de Preservação






A edificação se encontra em um bom estado de conservação e não necessita de reparos urgentes, além disso, ela ainda mantém o uso residencial. Esta situação é temporariamente favorável à preservação do bem, no entanto, a ausência de proteção legal torna a edificação vulnerável a descaracterizações permanentes e até mesmo à demolição.



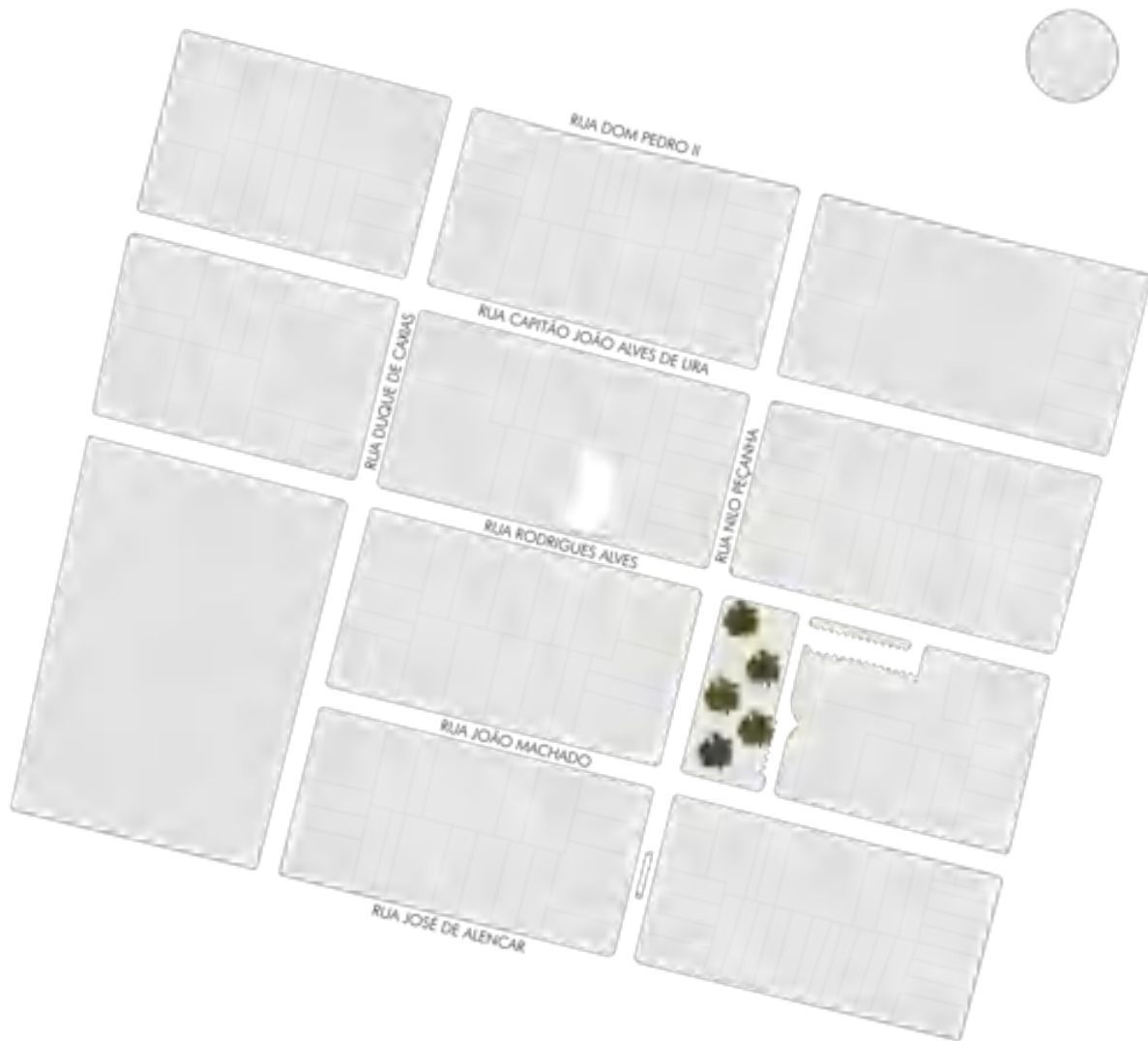
4.2 Residência

Sósthenis Silva



Ano  1960
Proprietário  Sósthenis Pedro Silva
Localização  R. Rodrigues Alves, 708. Prata. Campina Grande. PB
Tipologia  Residencial
Área construída  377,80 m²

72 | Residência Sósthenis Silva



A residência Sósthenis Pedro Silva, foi construída no ano de 1960. Localizada na Rua Rodrigues Alves, no bairro da Prata, em Campina Grande.

De acordo com AFONSO (2017), na década de 1960 em decorrência do desenvolvimento econômico industrial da cidade, o bairro da Prata foi o que mais se desenvolveu em termos de infraestrutura urbana, podendo-se observar um traçado de quadras regulares, ruas largas, e um conjunto arquitetônico de residências modernas que o tornou um bairro nobre no cenário campinense. Geraldino Duda, que na época também fazia trabalhava na prefeitura foi um dos responsáveis pelo traçado do bairro.

A tendência de Duda em tirar partido da topografia dos terrenos, é mais uma vez evidenciada nesta residência. O arquiteto divide o terreno em duas partes, o corte é solucionado com um muro de arrimo. Implantada no centro do lote, a residência conta com jardins nas partes frontal e posterior. As laterais são destinadas à circulação peatonal e ao automóvel.

Na cota mais alta do muro de arrimo a casa é suspensa sendo liberada do chão. A diferença de níveis proporciona à casa de dois pavimentos, possuir dois níveis no pavimento superior (figura 1).



Residência Sósthenis Silva | 75

Um único acesso da rua à residência conduz pessoas e automóvel ao pavimento inferior. Ali o volume suspenso por apenas quatro esbeltos pilares metálicos, e por dois pilares de concreto, gera um espaço social de recepção. Neste espaço pode-se acessar a casa através da sala de jogos no mesmo nível, ou através de uma escada que vence a altura do muro de arrimo e leva à sala de estar ou ao escritório.

Esta escada estruturada em uma viga central está engastada no muro de arrimo. Os degraus são recortados gerando espaços vazios entre eles e evidenciando a viga. A cor branca do seu revestimento contrasta com as pedras escuras do muro de arrimo no fundo e com a parede lateral revestida de cerâmica amarela (figura 2).

No mesmo nível acessos de serviço também são possíveis, através dos recuos laterais. A lateral sudeste leva ao acesso de serviço na fachada posterior. Já a lateral noroeste, leva ao acesso pela sala de jantar. O arranjo arquitetônico da residência é composto por um único volume, que se adequa à topografia na parte inferior. Nesta parte duas subtrações são feitas. A parte superior se solta da base, avançando em todas as fachadas, atuando como uma casca que repousa apoiada por pilares, em cima do embasamento (figura 3).

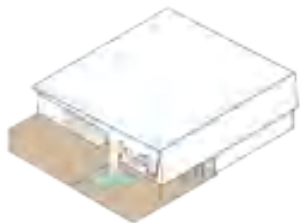
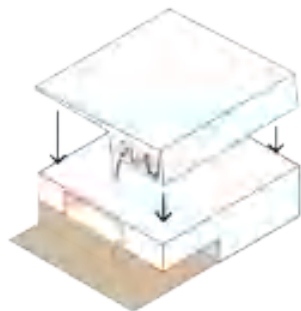
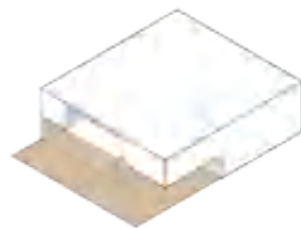


Figura 02:

Escada externa. Fonte:
Autora, 2017.

Figura 03:

Esquema volumétrico
da residência. Fonte:
Produzido pela autora.



A planta em forma de “O” desenvolve-se em torno de um jardim interno central. No pavimento inferior, abaixo do muro de arrimo, encontra-se parte do setor social, que conta com uma varanda de chegada, que se liga ao jardim externo por meio de um lago artificial; e uma sala de jogos. Apesar de ser fechada, a sala conecta-se visualmente com a varanda, por meio das transparências de suas esquadrias de madeira e vidro, contribuindo para um espaço fluido. Por esta mesma sala é possível emergir no jardim interno através de uma escada que leva ao nível superior. (plantas e cortes_ figuras 4, 5, 6 e 7)

Neste mesmo pavimento encontra-se parte do setor de serviço que conta com depósito, área de serviço, quarto e instalação sanitária para empregados. Por ali o acesso ao nível superior é feito através de uma escada que leva ao alpendre.

O pavimento superior possui dois níveis, no de cota mais baixa, está o setor social e de serviço. Este último se resume apenas à cozinha e à despensa. Já o setor social conta com uma sala de jantar integrada à cozinha; uma sala de estar, isolada da sala de jantar, por um móvel embutido de madeira; um escritório; o jardim central; e um alpendre na fachada frontal.

O jardim central atua como espaço de transição entre os níveis do pavimento superior. Nele se encontra a escada que inicia na sala de jogos, e uma rampa que alcança o último nível da casa (figura 08). No jardim foi projetado um lago artificial e um caminho de pedras redondas, das quais duas delas estariam dentro do lago, para passagem (ver corte).

No último nível do pavimento superior, estão a suíte principal, dois quartos e um banheiro. Todos são conectados por uma sala íntima aberta ao jardim central. As janelas dos quartos estão localizadas na fachada sudeste, o que garante a maior ventilação destes ambientes.

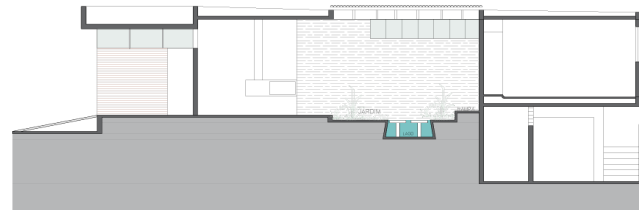
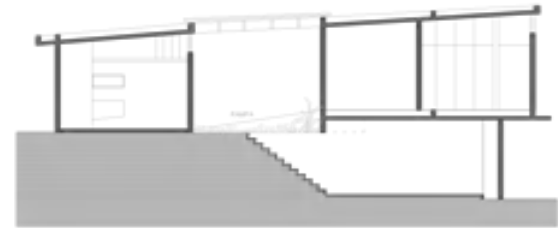


Figura 04:

Corte longitudinal da residência. Fonte: Acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

Figura 06:

Planta baixa do nível inferior. Fonte: Acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

Figura 05:

Corte da transversal da residência. Fonte: Acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

Figura 07:

Planta baixa do nível superior. Fonte: Acervo do grupo Arquitetura e Lugar.





80 | Residência Sósthénis Silva



No último nível do pavimento superior, estão a suíte principal, dois quartos e um banheiro. Todos são conectados por uma sala íntima aberta ao jardim central. As janelas dos quartos estão localizadas na fachada sudeste, o que garante a maior ventilação destes ambientes.

O espaço residual gerado entre a suíte e o avanço da cobertura, foi chamado em planta de "terraço". Com largura de apenas 1,20m é nela que se encontram as formas vazadas que aparecem na fachada frontal – no sentido nordeste – e também os cobogós de louça nas fachadas laterais. Esse espaço protege o quarto da insolação direta e cria um colchão, proporcionado pela ventilação cruzada entre os elementos vazados – entrando pela direção predominante dos ventos à sudeste e saindo á noroeste- (figura 09).

Figura 08:

Jardim interno, hoje transformado em pátio.
Fonte: Autora, 2017.

Figura 09:

Varanda com elementos vazados.
Fonte: Carine Farias, 2017.

A modulação da residência casa é evidenciada pela indicação estrutural em planta e nos cortes. Foram traçados quatro eixos longitudinais e cinco transversais. A partir desta organização criou-se uma malha longitudinal A, B, A e uma transversal B', C', A e D'. As dimensões da modulação variam e se adequam ao programa (figura 10).

As transparências desta residência permitem o diálogo do interior com o exterior; e do interior com interior, através da conexão visual entre os ambientes. A sala de estar conecta-se tanto ao jardim externo, com ao alpendre e jardim. A sala íntima que também pode ser acessada pela sala de estar é aberta ao jardim (figuras 11).

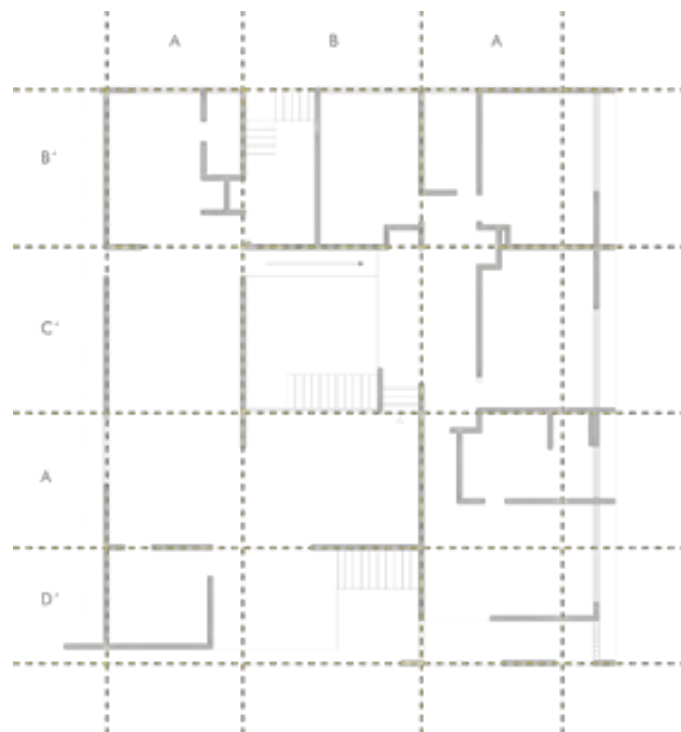


Figura 10:
Esquema com eixos
estruturais. Fonte:
Produzido pela autora.

Figura 11:
Sala de estar. Fonte:
Autora, 2017.



Residência Sósthénis Silva | 83

A maior atenção aos detalhes construtivos do projeto foi dado ao detalhamento das escadas e dos lagos artificiais. Ambos os lagos dialogam com a arquitetura recebendo elementos construtivos que mergulham na água. O lago externo recebe um pilar que compõe a fachada frontal (figura 12); e o lago interno tem como já foi dito, elementos circulares para passagem sob o espelho d'água.

Dentre as residências selecionadas para análise, esta é uma das que contém mais mobiliários projetados. Além dos guarda roupas e armários embutidos, na cozinha foram especificados armários e divisórias em alvenaria. Um móvel vazado foi projetado entre a sala de jantar e de estar onde também um espaço de bar foi especificado.

Na suíte principal o guarda roupa e armários são projetados juntamente com a bateria sanitária, organização que hoje é chamado de closet.

Quanto aos materiais utilizados, esta obra recebe grande variedade de revestimentos tanto na parte interna, como externa. Internamente, houve a utilização de azulejos decorados em toda a cozinha, e azulejos simples, monocromáticos na área de serviço. A parede que está entre o jardim e a sala de jantar possui dois revestimentos. Voltado à sala o revestimento é de uma pedra lisa; voltado ao jardim de pedra natural (figuras 13 e 14).



Figura 12:

Lago artificial externo.

Fonte: Autora, 2017.

Não se sabe dizer ao certo se o móvel vazado entre a sala de jantar e sala de estar, não foi executado como estava no projeto, ou se foi posteriormente substituído pelo móvel totalmente fechado de madeira que hoje isola as salas. A madeira ainda foi utilizada para revestimento interno do escritório, da sala de jogos, e da parte externa do banheiro da suíte principal.

Pastilhas esmaltadas amarela e marrom foram utilizadas tanto no interior como exterior. Interiormente foram utilizadas no jardim central; no exterior foram utilizadas na parede lateral da escada (pastilha amarela), e na parede externa do escritório (pastilha marrom). Outra pastilha, esta por sua vez colorida, em tons de azul, vermelho e branco reveste a parte superior do volume. O muro de arrimo ganha um revestimento em pedra natural escura.



Figura 13:
Cozinha da residência.
Fonte: Autora, 2017.



Figura 14:
Sala de jantar. Fonte:
Autora, 2017.



Figura 12:
Detalhe da residência
Sósthénis Silva. Fonte:
Autora, 2017.

Residência Sósthenis Pedro Silva



Localização	Rua Rodrigues Alves, 708, Prata.
Anio	1960
Arquiteto	Geraldino Pereira Duda
Tipologia	Residencial
Uso Atual	Sem uso

Estado de Conservação

A edificação sofreu algumas modificações em planta, porém o volume não foi alterado. O setor de serviço no pavimento inferior foi modificado tendo o quarto de empregados sido conectado à sala de jogos. No pavimento superior, uma esquadria foi aberta na sala de jantar e um móvel fechado em madeira foi construído entre esta sala e a sala de estar; O jardim interno transformado em um pátio com piso de pedra. Além disso, o banheiro da suíte principal foi diminuído para que houvesse um acréscimo de outro banheiro. Houve também o acréscimo de dois anexos nos fundos da residência, um destinado a depósito, e uma área de serviço, com quarto e banheiro para empregados.

Análise do Estado de Conservação

Ao observar os dados coletados, conclui-se que a residência Sósthenis Silva encontra-se em um bom estado de conservação, pois, apesar das alterações, o volume e as características estéticas, formais e físico/construtivas foram mantidos.

Estado de Preservação Proteção legal

Quanto à proteção, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.

Análise do Estado de Preservação






A edificação se encontra em um bom estado de conservação, porém, no momento está sem uso e aguarda propostas para ser alugada. Esta situação, aliada à ausência de proteção legal torna o bem vulnerável a descaracterizações permanentes. A incidência de regulamentações de preservação é urgentemente necessária para a salva guarda do bem.



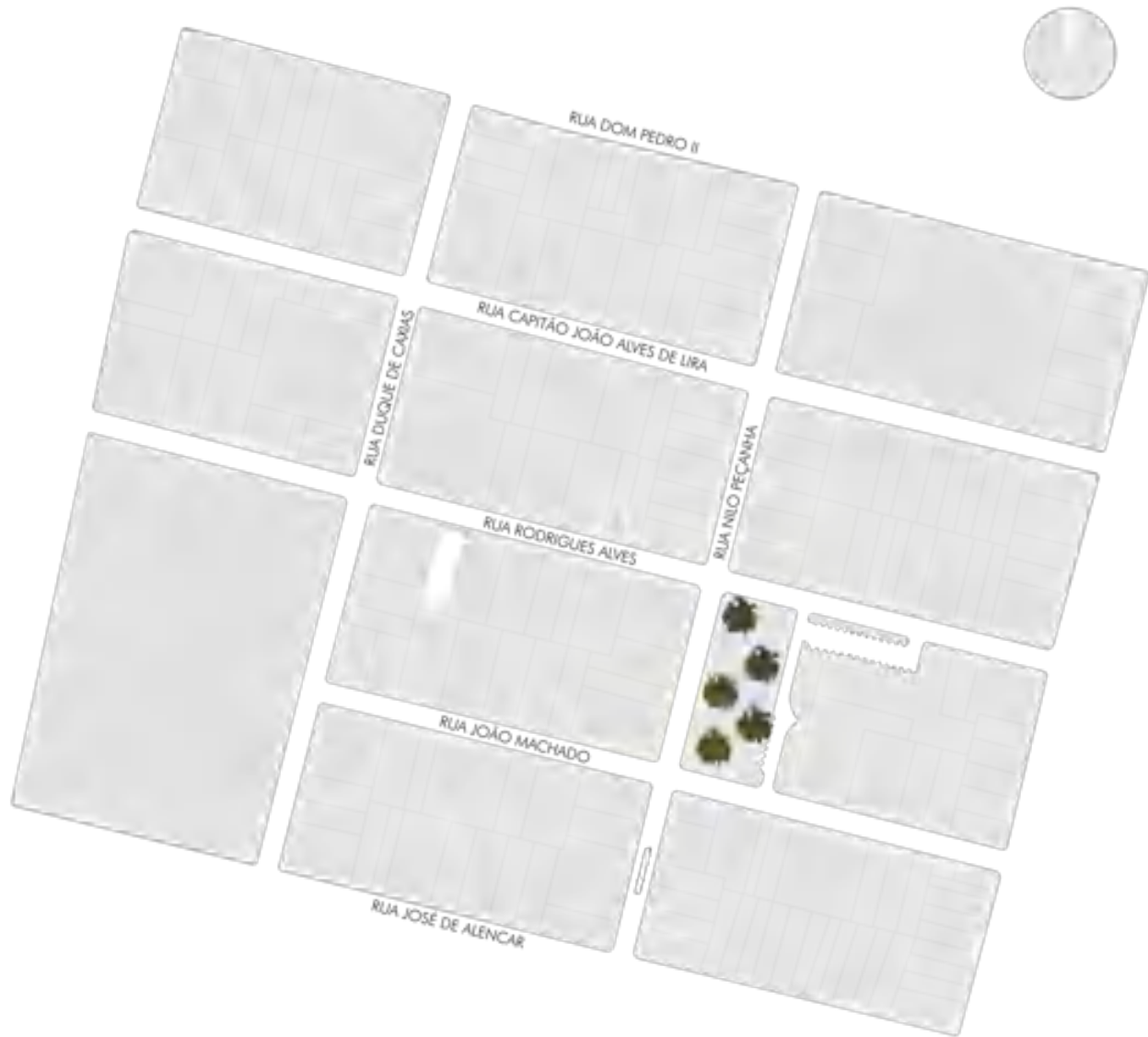
4.3 Residência

Eutiqui Loureiro



Ano  1962
Proprietário  Eutiqui Loureiro
Localização  R. Rodrigues Alves, 675. Prata. Campina Grande. PB.
Tipologia  Residencial
Área construída  300 m²

92 | Residência Eutiqui Loureiro



A residência Eutiqui Loureiro foi construída no ano de 1962, para o mesmo e sua família. Localizada na Rua Rodrigues Alves, no bairro da Prata em Campina Grande.

É importante destacar que atualmente o bairro da Prata, tem se tornado um centro médico da cidade, contando com inúmeras clínicas, laboratórios, consultórios e um hospital. A residência a ser tratada a seguir, é um exemplar do que tem acontecido com diversas edificações que foram “adaptadas” aos novos usos. Nela hoje, estão instalados vários consultórios médicos.

Por esta razão, a análise arquitetônica será feita com base no material de projetos e em uma fotografia antiga da residência. O levantamento fotográfico se limitou à fachada frontal.

A residência foi implantada em um terreno retangular, ocupando o centro do lote. Suas menores dimensões são a testada frontal, e a posterior. A solução utilizada, para lidar com o desnível do terreno, foi a disposição da residência em três níveis.

Dois desses níveis tocam o solo. Pelo nível de cota mais baixa, adentra-se à propriedade. A ascensão ao nível intermediário, que também toca o solo - porém, em uma cota mais alta - pode ser realizado através do primeiro lance de ambas as escadas externas, que iniciam no nível inferior. O terceiro nível, que se encontra suspenso do solo, é alcançado pelo segundo lance das escadas externas (figura 1).

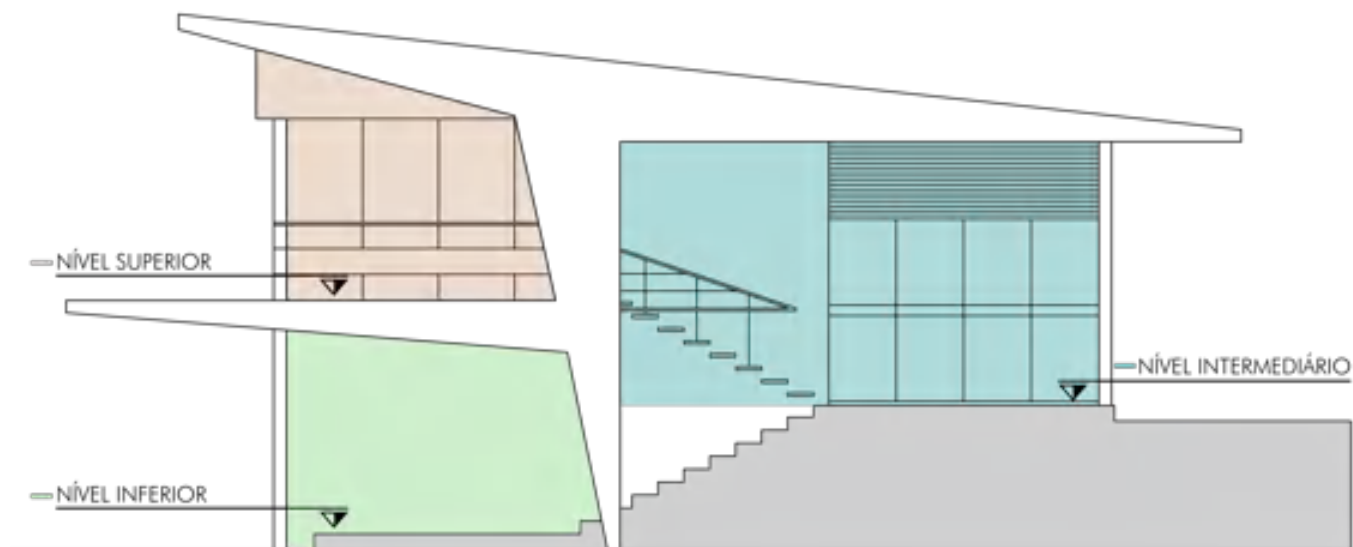


Figura 01:
Esquema evidenciando
os três níveis da
residência. Fonte:
Produzido pela autora.

Existem três tipos de acesso à residência: o social, o íntimo e o de serviço. Todos estes tem como ponto inicial o nível inferior. Ali um espaço de transição, protegido sob o balanço do nível superior, recebe tanto àqueles que adentram com o automóvel, quanto os caminhantes.

O acesso social é realizado, ao atingir o nível intermediário, através da escada externa, localizada na fachada frontal. Um alpendre protegido pelo saque da cobertura atua como uma segunda área de transição, que antecede o ingresso pela sala de estar.

Dois tipos de acessos íntimos são possíveis. Um deles permite a entrada pelo nível intermediário, sendo alcançado pelo primeiro lance da escada que se encontra na fachada sudoeste. O ingresso acontece pela sala de jantar que é antecedido por outro alpendre, também protegido pelo saque da cobertura. O segundo acesso íntimo, leva ao nível superior, isolado do restante de casa. Ali se encontra o quarto de hóspedes. Como já foi dito, este nível é atingido pelo segundo lance de ambas as escadas externas.

O acesso de serviço encontra-se também no nível intermediário, na fachada sudeste. Ali, uma cobertura avança até encontrar o limite do terreno protegendo a área de serviço.

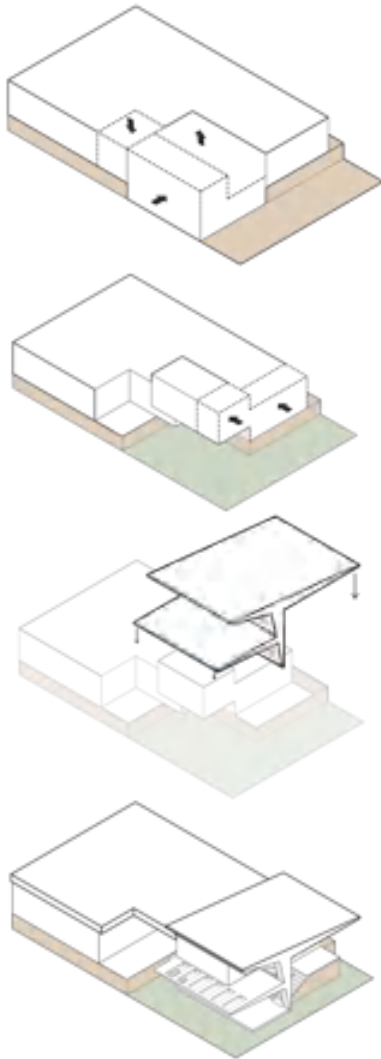
A solução plástica e estrutural da escada que se encontra na fachada frontal, segue o padrão utilizado

por Geraldino, na maioria das suas casas. Os degraus são engastados em uma viga lateral, tornando desnecessária a ligação entre os espelhos. Isto faz com que pareçam estar flutuando na fachada. O revestimento dos degraus é feito apenas no piso, com pedra.

A composição arquitetônica da casa é constituída por um único volume, que se adequa à topografia do terreno em sua base. Nesta mesma parte, uma subtração é feita, restando apenas a presença de quatro pilares. Acima deles, uma laje horizontal plana, marca o nível suspenso. A parte coberta do volume avança na fachada frontal e na sudoeste, atuando como uma casca que repousa sob o embasamento. Este mesmo tipo de artifício também foi utilizado na residência Sósthénis Silva (figura 2).

Figura 02:

Esquema volumétrico da residência. Fonte: Produzido pela autora.



O programa em planta se distribui de forma fluida, com integração entre setor social, íntimo e de serviço, garantida pelo eixo central de circulação. Através do acesso íntimo pela sala de jantar, pode-se atingir qualquer setor da residência sem cruzar os demais (figura 3).

A maior parte do programa se encontra no nível intermediário. Ali, o setor social conta com a sala de estar, e a sala de jantar, ambas dialogam com o exterior da residência, através das transparências garantidas por esquadrias de vidro. No nível inferior, a área coberta pelo balanço do quarto de hóspedes também atua como espaço de convivência.

O setor íntimo acontece no nível intermediário, onde uma sala íntima dá acesso a três quartos e um banheiro. O segundo banheiro é compartilhado por dois quartos, sendo através deles acessado. No nível superior há uma extensão do setor íntimo, com um quarto de hóspedes, um banheiro e uma varanda.

O setor de serviço também no nível intermediário, conta com uma dependência de empregada, uma cozinha e uma área de serviço. A residência também dispõe de dois depósitos, um localizado nos fundos do terreno, e o outro no nível inferior.

Mesmo contando com um espaço fluido os setores estão isolados e possuem acessos independentes. A organização garante fluxos ordenados e possibilita a utilização plena de todos os espaços, que podem ser utilizados ao mesmo tempo, sem interferência de visitantes ou empregados.



Figura 03:

Corte longitudinal.
Fonte: produzido pela
autora.

Figura 04:

Corte transversal.
Fonte: produzido pela
autora.

Figura 04:
Planta do pavimento inferior. Fonte:
produzido pela autora.

Figura 05:
Planta intermediário
e superior. Fonte:
produzido pela autora.



A edificação tem suas duas maiores dimensões voltadas ao sudeste, onde se encontram os quartos e a sala de jantar, e ao noroeste, onde se concentra o setor de serviço e a sala de estar. A fachada frontal á nordeste, conta com a sala de estar e o quarto de hóspedes; e a fachada posterior á sudoeste, onde foram dispostas a maior parte das esquadrias dos quartos e banheiros.

A ausência da indicação dos pilares nas plantas baixas, e o fato de que muitas paredes encontram-se desalinhadas, impossibilitou a identificação dos eixos estruturais. Porém, através dos cortes, observa-se que a estrutura da cobertura, composta por duas águas. A parte frontal do volume tem a laje inclinada com uma única água; já a parte posterior, tem laje planta, sob a qual estão duas águas, com calhas nas extremidades da edificação.

Mais uma vez, as possibilidades estruturais, são evidenciadas através da composição do volume e dos balanços existentes. Como é o caso do vazio existente, na parte inferior do volume, sob o qual um plano horizontal destaca o nível superior da residência. Ao ultrapassar o limite da edificação, o plano é vazado com formas retangulares, esta é a parte que serve de cobertura para o automóvel.

Neste mesmo espaço revelam-se três esbeltos pilares metálicos cilíndricos, e um pilar mais robusto em alvenaria revestido com pedra. Um muro de arrimo,

revestido com a mesma pedra do pilar, marca a transição entre os níveis da residência, na fachada sudeste.

Outro elemento que se destaca estruturalmente é a cobertura. A mesma saca aproximadamente 2,60m do limite da edificação na fachada frontal. O balanço é sustentado por um único pilar que inicia na parte superior com um ângulo mais aberto, e alonga-se por toda a fachada até tocar o solo com dimensões reduzidas. Além disso, a cobertura também saca nas fachadas laterais da edificação.

A composição neoplástica da residência é gerada pelas linhas inclinadas, como é o caso da cobertura, do pilar frontal e do plano horizontal intermediário; e por linhas retas no restante do volume. Este traçado origina diversos planos, que por sua vez, ora são limpos e opacos, ora transparentes, ora revestidos e ora vazados. Essa variedade de texturas é obtida através da utilização de materiais como vidro, pedra, alvenaria, madeira, e revestimentos cerâmicos (figura 07).

Figura 07:

Fotografia da
residência na época
em que foi construída.

Fonte: acervo de
Glauco Duda.



Residência Eutiqui Loureiro | 101

Mais uma vez, o mobiliário previsto se limita á cozinha e aos banheiros, onde são projetados armários e divisórias embutidas, além da indicação das bacias e cubas. Nos quartos guarda roupas embutidos foram desenhados. Além disso, assim como acontece em outras residências, móveis são responsáveis por dividir ambientes. No caso desta residência, um deles se encontra entre a sala de estar e a sala de jantar, e outro, entre esta última sala e a sala íntima.

Neste projeto percebe-se também, o cuidado com o posicionamento das luminárias externas. Na fachada frontal as luminárias são instaladas na parte inferior do saque da coberta. Duas delas, do tipo pendente, seguindo o modelo dos desenhos técnicos, e três de embutir, também conforme as especificações.

A única varanda íntima da residência se encontra no quarto de hóspedes e está localizada na fachada frontal. O espaço protege o ambiente da insolação direta e permite o contato visual com a rua.

102 | Residência Eutiqui Loureiro



Figura 07:
Fotografia da
residência na época
em que foi construída.
Fonte: acervo de
Glauro Duda.

Residência Eutiqui Loureiro








	Localização	Rua Rodrigues Alves, 675, Prata.
	Anio	1962
	Arquiteto	Geraldino Pereira Duda
	Tipologia	Residencial
	Uso Atual	Serviço
Estado de Conservação	A edificação foi muito modificada. As únicas características mantidas foram: a forma da coberta, o plano horizontal intermediário e o pilar frontal. No entanto, até mesmo esses elementos foram modificados e receberam novos revestimentos.	
Análise do Estado de Conservação	Ao observar os dados coletados, conclui-se que a residência Eutiqui Loureiro encontra-se em um estado de conservação ruim, pois as “adaptações” feitas não respeitaram o projeto original. As características estéticas, formais e físico/construtivas foram perdidas.	
Estado de Preservação Proteção legal	Quanto à proteção, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.	
Análise do Estado de Preservação	A edificação foi bastante descaracterizada. Observa-se que a ausência de proteção legal dos imóveis que se encontram em bairros centrais, é bastante preocupante, uma vez que se tornam alvos da especulação imobiliária. Após descaracterizações como esta, a reversão do quadro é bastante onerosa, e por isso, improvável.	



4.4 Residência

Heleno Sabino



Ano  1962
Proprietário  Heleno Sabino
Localização  Praça do Trabalho, R Melo Leitão; São José. Campina Grande. PB.
Tipologia  Residencial
Área construída  331,70 m²

108 | Residência Heleno Sabino



A residência Heleno Sabino foi construída no ano de 1962. Localizada nas imediações da Praça do Trabalho, na Rua Melo Leitão, no bairro do São José em Campina Grande.

Esta edificação é sem dúvidas, uma das obras residências modernas mais admiradas na cidade. Sua popularidade se deve em parte à sua forma arredondada peculiar; à sua localização, muito próxima ao Centro, cercada por ruas de intenso fluxo, e pela proximidade com a Praça do Trabalho; pelo estado de conservação da edificação, que mantém todas suas características; e ainda, talvez um dos fatores mais importantes, por se conservar até hoje sem muros, o que assegura uma interface ativa, com o espaço público do seu entorno.

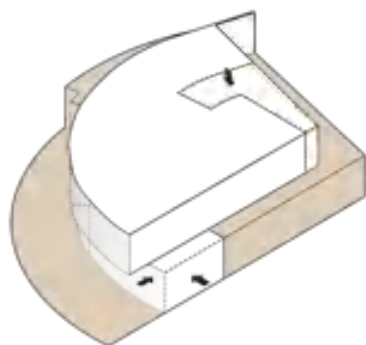
Mais uma vez, Geraldino tira partido do terreno; e projeta a residência com três fachadas. A obra ocupa o centro do lote, e possui recuos de todos os lados. Para lidar com o desnível existente a casa foi dividida em dois níveis. O nível superior ora toca o solo, ora se encontra sobre o nível inferior e ora se encontra suspenso, apoiada por pilotis. Para esta implantação foram feitos aterros em algumas áreas, contidos com muros de arrimo (figura 1).

A composição arquitetônica da casa é constituída por um único volume arredondado, que se adequa à topografia do terreno em sua base, tocando o solo de

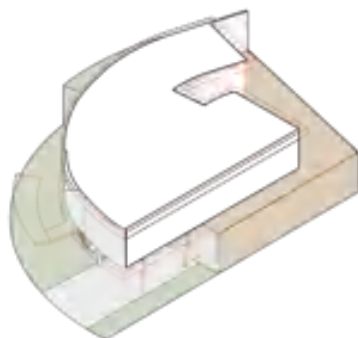
diferentes formas. Neste embasamento o pavimento inferior semienterrado é interrompido por uma subtração, onde se encontra o pilotis, que sustenta a suíte principal. No nível superior, outra subtração é feita onde se encontra o alpendre coberto. Todo o volume se encontra sob uma única cobertura que parece ser plana, mas na verdade é uma platibanda que esconde o telhado.

Figura 01:

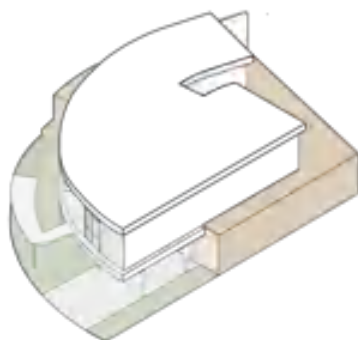
Esquema volumétrico da residência. Fonte: Produzido pela autora.



Pelo nível superior - que é alcançado através da rampa presente na fachada frontal - é realizado o acesso social e o íntimo. Antes de adentrar á residência, no topo da rampa, um espaço de transição denominado alpendre, recebe o público. Dele pode ser feito o acesso social, através da sala de estar, e também, o acesso íntimo, através da sala íntima.



No nível inferior, a garagem se encontra na área do pilotis. Ali, existe também, um acesso ao interior da residência, onde se encontra o quarto de hóspedes e uma escada que leva ao nível superior, emergindo na sala íntima.



O acesso de serviço é realizado através do recuo na fachada norte da residência. Esta entrada se encontra acima do muro de arrimo, e leva a outro alpendre, por onde se pode acessar a cozinha, ou o nível inferior por meio de outra escada interna.

A rampa que se encontra na fachada frontal, funciona como elemento funcional e ornamental da residência. Seguindo a mesma curvatura do terreno, por ela é feito um passeio suspenso pelo jardim até alcançar ao alpendre. Estruturalmente a rampa em concreto é sustentada por um único pilar em forma de "T", que se encontra no patamar e no engaste feito ao encontrar a laje intermediária da casa (figura 2 e 3).



112 | Residência Heleno Sabino



Figura 02 e 03:
Detalhes da rampa
externa. Fonte: Autora,
2017

As duas escadas internas foram dispostas entre duas paredes curvas e possuem um metro de largura. Essas escadas “enclausuradas” são do padrão comum, tendo os pisos dos degraus, revestidos de pedra. Através delas Geraldino reforça a característica arredondada do volume no interior da residência.

O programa em planta se distribui entre os setores social, íntimo e de serviço. O setor social conta: com o alpendre localizado na fachada frontal, esta área de transição coberta, permite o diálogo com o jardim bem como, com o espaço público; e com a sala de estar, onde uma grande esquadria de piso a teto, de ferro e vidro garante a transparência com o exterior da residência.

O setor íntimo conta: com o quarto de hóspedes e um banheiro, localizados no nível inferior; com quatro quartos, sendo o principal uma suíte, e um banheiro antecedido por uma área de lavatório, localizados no nível superior; com uma sala íntima no mesmo nível, por onde se tem acesso aos quartos; e com a sala de jantar.

O setor de serviço conta: com um alpendre de recepção à área de serviço; com a cozinha e uma despensa; com uma área de serviço juntamente com um depósito no nível inferior; e ainda com uma dependência de empregada neste mesmo nível.

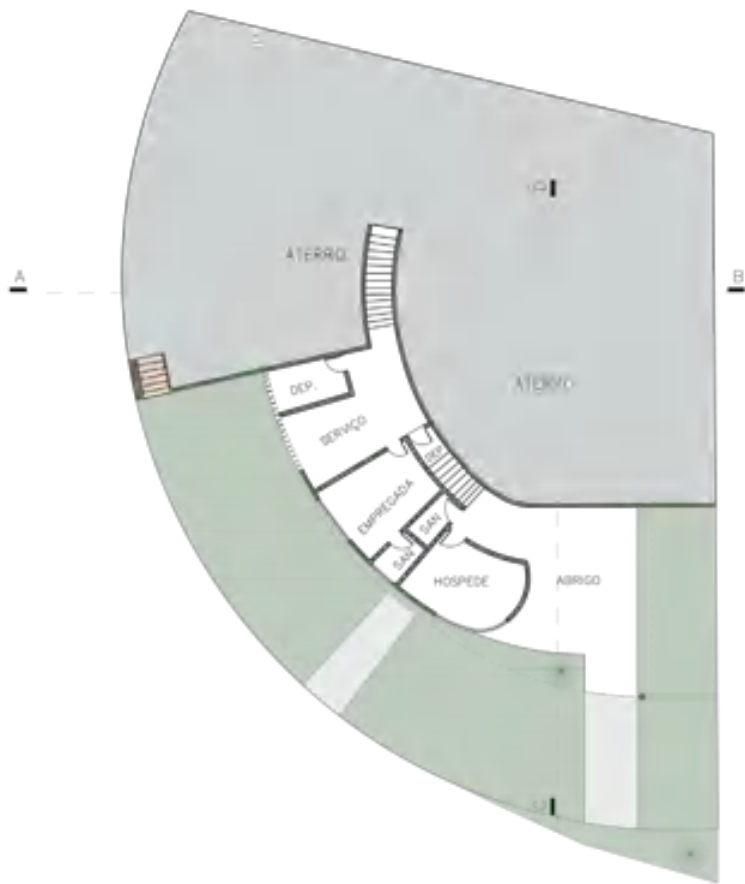
Nesta residência o programa se comporta de forma fluida, porém, com demarcações bem definidas entre os ambientes. A organização mais uma vez, privilegia a privacidade dos moradores, uma vez que garante fluxos independentes e possibilita a utilização plena de todos os espaços, que podem ser utilizados ao mesmo tempo, sem interferência de visitantes ou empregados.

Figura 04:

Planta baixa do nível inferior. Fonte: acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

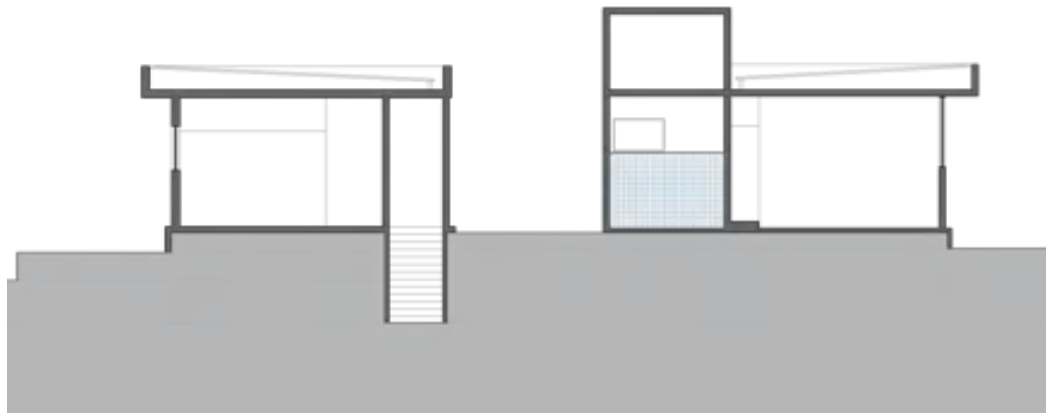
Figura 05:

Planta baixa do nível superior. Fonte: acervo do grupo Arquitetura e Lugar.





CORTE C-D



CORTE A-B

A edificação possui apenas três fachadas, das quais a frontal, que está na esquina, é um longo plano que se estende seguindo a curvatura da via. Esta fachada está voltada ao sudoeste, onde se encontram a cozinha, e as salas de jantar e estar. Nela foi disposta a maior parte das esquadrias dos ambientes citados. Na fachada nordeste estão localizados os quatro quartos, que tem suas janelas nesta lateral. A fachada noroeste é a menor de todas, nela existe apenas uma janela alta do banheiro.

Quanto ao aspecto estrutural da residência, apesar da omissão em planta da localização dos pilares, foi apontada a contenção do aterro realizado. Nas áreas visíveis essa contenção se revela sob a forma de um muro de arrimo. Acima da fundação, as paredes da residência são alinhadas criando dois eixos curvos e dois retos (figura 08).

Figura 06:

Corte longitudinal.

Fonte: acervo do grupo
Arquitetura e Lugar.

Figura 07:

Corte transversal.

Fonte: acervo do grupo
Arquitetura e Lugar

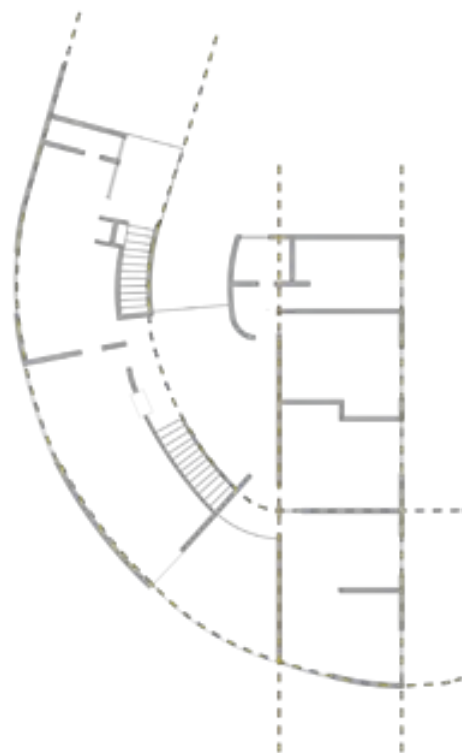


Figura 08:

Esquema com eixos
estruturais. Fonte:
Produzido pela autora.

O arrojo estrutural da residência é demonstrado, pela possibilidade de se construir seguindo a curvatura do lote. Mesmo com volumetria simples, algumas soluções estruturais são evidentes. É o caso dos três esbeltos pilares de concreto, que sustentam a suíte no nível superior, e também, da subtração feita no nível superior, onde está o alpendre (figura 09).

A composição neoplástica da residência é constituída: pelas linhas horizontais no nível intermediário e na platibanda do volume, reforçando a horizontalidade e transmitindo o efeito de alongamento da forma; E pelos diferentes planos da fachada frontal, que ora são vazios, ora possuem textura e cor, ora são transparentes. A rampa também contribui para a composição como forma de conectar o nível superior ao solo.

A variedade de cores e texturas citada foi obtida através da utilização alguns materiais. Nesta residência a maior variedade de revestimentos foi utilizada externamente. Na fachada frontal o plano de pedras empregado, foi também utilizado, no muro de arrimo (figura 10). Este mesmo revestimento pétreo foi utilizado na residência Emília Aguiar. Na garagem outro revestimento com pedra foi utilizado na parede de contenção do aterro.



Figura 09:

Volumetria suspensa por três pilares. Fonte: Autora, 2017.

Figura 10:

Plano pétreo na fachada. Fonte: Autora, 2017.



Residência Heleno Sabino | 119



120 | Residência Heleno Sabino



Figura 11:

Esquadria da sala de jantar. Fonte: Autora, 2017.

Figura 12:

Alpendre de entrada. Fonte: Autora, 2017.

A utilização de esquadrias de vidro e ferro que seguem a curvatura da fachada frontal, também compõe planos na fachada frontal. O maior desses planos está na sala de jantar, e alterna entre o elemento transparente e o vazado (figura 11). Algumas esquadrias em madeira e vidro também foram utilizadas, nas fachadas laterais.

Dois materiais cerâmicos foram utilizados externamente. Um deles foi o azulejo de cor amarela e branca, que forma mosaicos. Este foi empregado nas superfícies do alpendre, que se encontra no topo da rampa (figura 12). O outro é uma pastilha de cor azul clara, disposta horizontalmente (ver figura 09). O revestimento compõe a fachada, juntamente com a esquadria de piso á teto, com planos opacos e transparentes, da suíte principal.

Internamente os revestimentos se limitaram às áreas molhadas, como banheiros, área de serviço e cozinha. Que eram revestidos com azulejos decorados nos banheiros e monocromáticos nos outros ambientes.

O mobiliário previsto no projeto segue a mesma tendência das demais residências. São dispostos guarda roupas embutido de madeira nos quartos, e armários também embutidos nas paredes. Um móvel de madeira e vidro foi utilizado para isolar a cozinha da sala de jantar (figura 13). Na sala íntima, outro móvel de madeira segue a mesma curvatura da casa e isola a escada. Este mobiliário tem papel decorativo e reforça a característica curva do volume (figura 14).

Mais uma vez, no interior da suíte principal, foi projetado um ambiente onde se encontra um grande guarda roupa e os aparelhos sanitários. Esse volume no interior do quarto é revestido com madeira. A mesma solução foi utilizada na residência Sóstheneis Silva.



Figura 13:
Móvel entre cozinha e sala de jantar. Fonte: Autora, 2017.

Figura 14:
Móvel curvo na sala de estar. Fonte: Autora, 2017.



Residência Heleno Sabino | 123

Residência Heleno Sabino



Localização	Rua Melo Leitão, São José.
Anio	1962
Arquiteto	Geraldino Pereira Duda
Tipologia	Residencial
Uso Atual	Sem uso

Estado de Conservação

A maior parte das características estético/formal e físico construtiva foram mantidas. Apenas alguns acréscimos foram feitos. Um deles foi a construção de uma cobertura, onde estava localizado o quintal, na fachada noroeste. A cobertura se apoia na casa e vai até o limite do terreno. Ali funciona hoje uma área de convivência e lazer.

No pavimento inferior um quarto foi adicionado ao programa.

Análise do Estado de Conservação

Ao observar os dados coletados, conclui-se que a residência Heleno Sabino encontra-se em um bom estado de conservação. As alterações feitas não afetaram as características construtivas ou formais da residência. Também percebe-se que a edificação não necessita de nenhum reparo ou manutenção urgente.

Estado de Preservação Proteção legal

Quanto à proteção, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.






Análise do Estado de Preservação

Apesar de ser uma obra popularmente admirada, a ausência de proteção legal a torna vulnerável a descaracterizações e até a demolição. É de extrema importância e urgência garantir a proteção da edificação junto aos órgãos públicos.



4.5 Residência
Emília
Aguiar



Ano  1962
Proprietário  Emília Dantas Aguiar
Localização  R. Vila Nova da Rainha; Centro. Campina Grande. PB.
Tipologia  Residencial
Área construída  301,13 m²

130 | Residência Emília Aguiar



A residência Emília Dantas Aguiar foi construída no ano de 1962, para a mesma e sua família. Localizada na Rua Vila Nova da Rainha, no bairro Centro de Campina Grande.

Esta via é muito importante para a cidade, tanto por questões históricas, pois marca o início da aglomeração urbana, como também, por ser uma via que conecta o Centro ao Açude Velho.

A edificação foi implantada solta no lote, ou seja, possui recuos de todos os lados. Em um terreno com desnível acentuado, Geraldino constrói um muro de arrimo que divide o volume em duas partes.

A primeira parte encontra o solo e acompanha a topografia do terreno. A segunda parte, na cota mais alta, se apoia sobre o muro de arrimo que a eleva do chão (figura 01).

O recurso da suspensão, através do muro de arrimo, em terrenos que apresentam desnível, é utilizado por Duda em diversas casas. Geralmente o muro é revestido com pedra, como também é o caso da residência em questão.

O acesso social à residência se encontra em cima do muro de arrimo, e por isso pode ser feito através de duas escadas externas. Uma delas se encontra na fachada frontal. Esta possui uma viga central, e é

revestida no seu espelho com pedra branca, e no piso com uma pedra marrom (figura 02). Ela é protegida por uma marquise em ziguezague que recebe visitantes e moradores.

Já a outra escada, localizada no jardim, está engastada numa vida lateral embutida no muro de arrimo. Seus degraus são soltos, dando a impressão que estão flutuando. O revestimento utilizado foi o mesmo da escada frontal (ver figura 1).

Também existe no exterior uma rampa que conecta a lateral da residência à varanda de entrada, esta se encontra em balanço partindo do muro de arrimo, seu revestimento segue o mesmo padrão das escadas (ver figura 02). Há ainda um acesso de serviço pelos na fachada posterior.

Figura 01:

Elevação do volume através do muro de arrimo. Fonte: Autora, 2017.

Figura 02:

Detalhe da fachada frontal da residência. Fonte: Autora, 2017.



A composição arquitetônica da casa é constituída por um jogo de volumes, que avançam ou recuam estando interligados através de uma cobertura em laje inclinada, que é interrompida por um zig-zague, bem característico do arquiteto, na parte central do volume, constituindo uma casca/marquise em concreto (figura 03, 04).

A organização em planta da casa acontece em forma de “U”, desenvolvendo-se em torno de um jardim e de uma varanda de acesso principal. A varanda e o pilotis atuam como espaços de transição entre exterior e interior da residência (figura 05).

O programa da casa está distribuído em três níveis e contempla: no setor social as salas de estar e jantar, a varanda de entrada e o pilotis, nos níveis inferior e intermediário; no setor íntimo três quartos, instalações sanitárias e uma saleta, que se encontram no nível superior, e um quarto e banheiro de hóspedes no nível inferior; e no setor de serviço, cozinha, área de serviço e depósito nos níveis intermediário e inferior.

A circulação vertical interna do nível inferior (nível do solo) ao nível intermediário e superior é feita por uma escada que possui dois lances. Pouco conectada visualmente com a sala de jantar nenhum tratamento especial lhe foi dado. Seu corrimão vazado em alumínio possui um detalhe em madeira no guarda corpo.

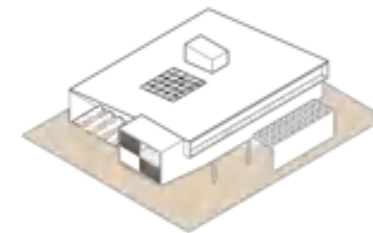
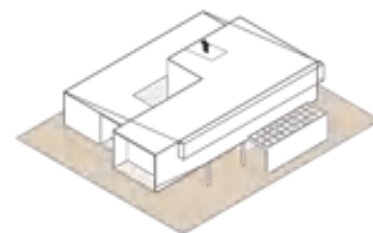
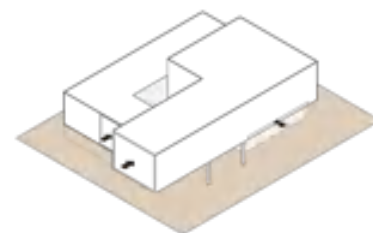
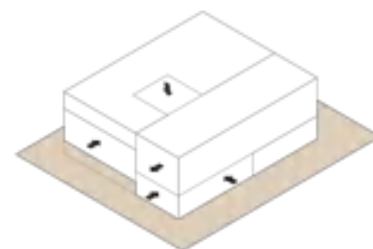


Figura 03:

Esquema volumétrico da residência. Fonte: Produzido pela autora.

Figura 04:

Detalhe da marquise em ziguezague. Fonte: Autora, 2017.

Figura 05:

Varanda de acesso. Fonte: Autora, 2017.





Figura 06:
Corte longitudinal.
Fonte: acervo do grupo
Arquitetura e Lugar.



Figura 07:
Planta baixa do nível
inferior. Fonte: acervo
do grupo Arquitetura e
Lugar.



Figura 08:
Planta baixa do nível
superior. Fonte: acervo
do grupo Arquitetura e
Lugar.

A edificação tem suas duas maiores dimensões voltadas ao norte, onde se encontram as salas, e ao sul, onde estão os quatro quartos. A fachada frontal está no poente, onde uma varanda antecede a suíte principal; e a fachada posterior, se encontra no nascente, onde estão a área de serviço e a cozinha.

Também em planta, percebe-se a intenção de criar diferentes ambientes internos como, por exemplo, uma sala de estar, uma sala de jantar e uma cozinha. Entre elas há o uso de paredes que fragmentam e impossibilitam uma leitura única do espaço (figuras 06, 07 e 08).

Ao se tratar do exterior, no entanto, a leitura única do espaço é possível entre a garagem, pilotis, pátio e jardim mesmo estando em níveis diferentes.

A modulação utilizada é feita em resposta ao programa. Os cumprimentos dos espaços sociais e íntimos coincidem, enquanto suas larguras variam, criando-se uma malha longitudinal A, B, C e uma transversal A', B', C' e D' (figura 09).

Apesar da existência do pilotis já mencionado, no restante da residência a estrutura é retida nas paredes. As principais demonstrações das possibilidades estruturais são feitas através dos balanços do volume sob o pilotis, e das marquises - social em zigzague e da que protege o automóvel.

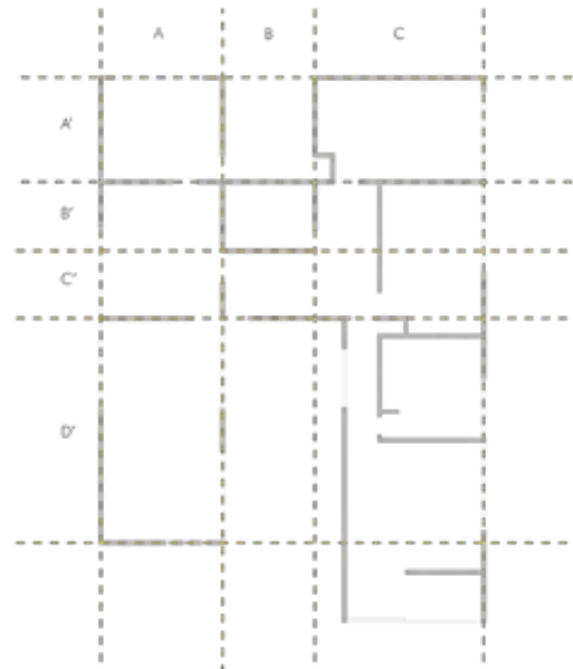


Figura 09:
Esquema com eixos
estruturais. Fonte:
Produzido pela autora.

Outro balanço existente é da passarela/rampa que saca do muro de arrimo conferindo ao volume mais leveza (figura 10).

A composição neoplástica da residência é feita com formas limpas. Isso pode ser constatado no próprio volume, na marquise triangular e no formato dos elementos de vedação.

Outro importante componente plástico são os materiais utilizados. O mesmo revestimento pétreo é utilizado no muro de arrimo e na parede no fundo do pátio. Além disso, outro revestimento pétreo compõe o muro lateral da garagem (figura 11).

O revestimento cerâmico da parede frontal da residência confere a superfície uma textura suave onde se destacam três seteiras.

Além disso, a platibanda inclinada sendo mais alta em cima da varanda, conferindo mais peso ao lado que volume que é sustentado por esbeltos pilares metálicos.



O principal diálogo entre o exterior e o interior da residência ocorre entre o jardim central e os ambientes voltados para ele. Na sala de estar, na escada interna e na suíte principal existem esquadrias de madeira e vidro que conectam visualmente o interior ao pátio. A maior transparência, no entanto, se encontra na sala de estar onde duas esquadrias de piso à teto de vidro e madeira conectam os espaços (figura 12).

Figura 10:

Saque da rampa partindo do muro de arrimo. Fonte: Autora, 2017.

Figura 11:

Esquadrias da sala de estar. Fonte: Autora, 2017.

Figura 12:

Revestimento pétreo na parede da garagem. Fonte: Autora, 2017.



As demais esquadrias utilizadas na casa, apesar de serem generosas (são de 2 a 3,4 metros de comprimento) são janelas em fita com bandeiras separadas em forma de persianas, não tendo como objetivo a conexão com o exterior, mas sim o conforto térmico.

Os revestimentos utilizados no interior desta residência restringiram-se, basicamente às áreas molhadas, onde são aplicados os azulejos. No banheiro da suíte principal, no entanto, uma das maiores paredes foi revestida com pedra cinza, tendo na parte superior uma janela em fita (figura 13).

O mobiliário previsto em planta se limita à cozinha e banheiros, onde são projetados armários e divisórias embutidas, além da indicação das bacias e cubas. Também são projetados guarda roupas e pequenos armários de madeira embutidos em todos os quartos.

Outro detalhe construtivo interessante e inovador para a época em que foi construído, foi o espaço deixado na laje para a instalação de iluminação embutida, protegida por um vidro. Essa estratégia foi utilizada tanto no pilotis, e também, em baixo da passarela na fachada frontal.

A única varanda íntima da residência se encontra na suíte principal e mesmo tendo apenas 1,5m de largura, o espaço protege o quarto da insolação direta e permite o contato visual com a rua. Além disso, o elemento de vedação em madeira e pedra atua esteticamente na composição da fachada (figura 14).

Figura 13:
Banheiro da suíte principal. Fonte: Autora, 2017.

Figura 14:
Avanço do volume onde se encontra a varanda. Fonte: Autora, 2017.





Figura 15:
Residência Emília
Aguiar atualmente.
Fonte: Autora, 2017.

Residência Emília Dantas Aguiar



Localização	Rua Vila Nova da Rainha, 348, Centro.
Anio	1962
Arquiteto	Geraldino Pereira Duda
Tipologia	Residencial
Uso Atual	Sem uso

Estado de Conservação

A edificação sofreu algumas alterações em planta, como a retirada da parede entre a sala de estar e sala de jantar; a ampliação da cozinha que modificou o volume nos fundos da casa.

Os pisos foram substituídos e o jardim central foi aterrado. Houve também mudança nas cores originais da casa, hoje várias paredes estão pintadas de verde. Os pilares metálicos antes da cor branca hoje são vermelhos. Além dessas alterações internas, construiu-se um anexo nos fundos do terreno.

Quanto às patologias a residência apresenta infiltrações em diversas paredes. Várias esquadrias de madeira também precisam ser restauradas.

Análise do Estado de Conservação

Ao observar os dados coletados, conclui-se que a residência Emília Aguiar encontra-se em um estado de conservação regular, pois apesar das alterações, várias características estéticas, formais e físico/construtivas foram mantidas.

Estado de Preservação Proteção legal

Quanto à proteção, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.

Análise do Estado de Preservação

A edificação se encontra em um estado de conservação regular e necessita de vários reparos, além disso, no momento está sem uso. Esta situação, aliada à ausência de proteção legal torna o bem vulnerável à descaracterizações permanentes e até mesmo à demolição. A incidência de regulamentações de preservação é urgentemente necessária para a salva guarda do bem.


4.6 Residência
Camilo
Paulino





Ano  1964

Proprietário  Camilo Paulino Silva

Localização  Avenida Floriano Peixoto, 1515. Jardim Tavares.
Campina Grande. PB.

Tipologia  Residencial

Área construída  387,50 m²

148 | Residência Camilo Paulino



A residência Camilo Paulino foi construída para o mesmo e sua família, no ano de 1964. Localizada na Avenida Floriano Peixoto, no bairro do Jardim Tavares em Campina Grande. Das obras selecionadas neste trabalho, esta é a que possui o programa mais extenso, contando com 387,50m² de área construída.

O terreno em que foi implantada possui uma declividade bastante acentuada. A fim de lidar com a topografia, o terreno foi dividido em duas partes. Da testada frontal até o centro, foi feito um corte. Ali a residência conta com dois pavimentos. Do centro do lote em diante, um muro de contenção é feito no sentido transversal do lote. A partir deste ponto, o pavimento inferior é interrompido, enquanto o superior se estende sobre o terreno.

A edificação se encontra recuada no lote, e tem como maior recuo o frontal. Apenas na fachada oeste, um ambiente e sua cobertura plana, se estendem até o limite da propriedade.

A composição arquitetônica da casa é constituída por um único volume com formas trapezoidais. O pavimento inferior protegido pela laje intermediária possui alguns cômodos, mas sua principal função é servir de base para o pavimento superior. Nesta base, se destacam o vazio da garagem, e também uma área remanescente, sob a laje, onde um pilar de concreto toca o solo.

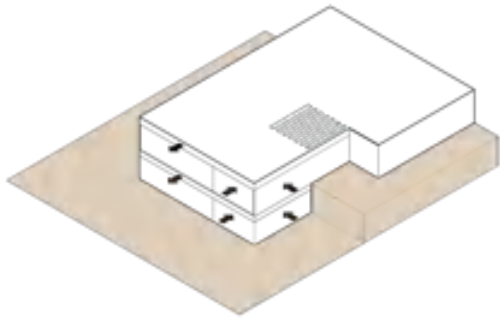
Na parte frontal do volume a laje intermediária ultrapassa o comprimento da cobertura. Ambas são interligadas lateralmente por uma estrutura inclinada. Essa composição garante uma forma trapezoidal ao volume. Além disso, a ausência de fechamento nas laterais da varanda, e o recuo das paredes internas, garante permeabilidade à forma.

Como já foi dito, o pavimento superior do volume se estende ao longo do terreno, estando primeiramente apoiado sobre o nível inferior; e depois, sobre o próprio solo, na cota mais alta do terreno. Já o pavimento inferior é bem mais curto, seu comprimento é limitado pelo muro de contenção.

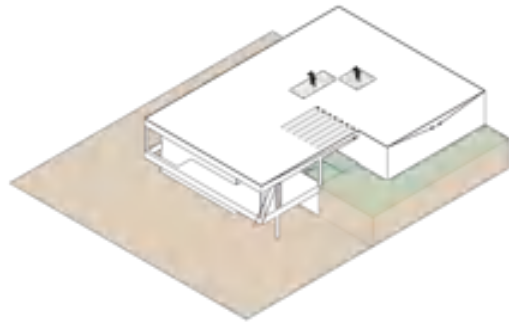
Figura 01:

Esquema volumétrico evidenciando a adequação ao terreno.

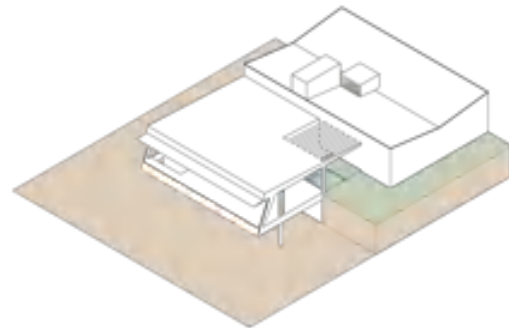
Fonte: Produzido pela autora.



O acesso à propriedade é realizado no nível do pavimento inferior. Para alcançar o pavimento superior existem duas escadas. Através daquela que se encontra na fachada frontal, é feito o acesso social e íntimo. Uma varanda recebe moradores e visitantes, funcionando como um generoso espaço de transição, antes que se possa adentrar a residência, pela sala de estar ou pela sala de jantar. Pela varanda também existe um acesso direto ao quarto de hóspedes.



Já pela escada que se encontra na fachada oeste, é realizado o acesso de serviço. No topo da escada um generoso alpendre coberto, que tem a coberta estendida até o limite do terreno, também funciona como espaço de transição. Através dele o interior da residência é acessado, pela cozinha.



A atenção estética e estrutural dada à escada, localizada na fachada frontal, é característica recorrente de Geraldino. Neste caso a escada de dois lances, em forma de “U”, tem seus degraus engastados, em vigas laterais, que diferente do que acontece em outras residências, estão expostas (não embutidas em paredes). Os degraus mais uma vez estão em balanço e não possuem conexão entre pisos e espelhos. No patamar o piso inferior do degrau deixa de ser plano, e passa a ser triangular. Toda a estrutura da escada foi revestida com pedra lisa e branca.



Já a escada de serviço não chegou a ser executada, no seu lugar foi implantada uma rampa. Possuindo apenas um lance, a rama com piso de pedra natural, se inicia no recuo frontal do terreno até alcançar o pavimento superior.

A planta desta casa, em forma de “L”, contempla os setores social, íntimo e de serviço. O pavimento inferior dispõe de áreas do setor íntimo e de serviço; contando com três quartos, sendo um deles, destinado à empregada; uma área de serviço; um banheiro; e a garagem.

No pavimento superior o setor social conta com a sala de estar; com a varanda de acesso principal; e com o jardim diretamente ligado à varanda, onde foi projetado um lago. Esses dois últimos ambientes, se tratam de espaços semi-internos, uma vez que mesmo cobertos, estão totalmente abertos ao exterior. Assim configuram-se áreas permeáveis, de transição. O jardim e espelho d’água são cobertos por um pergolado de alvenaria, possibilitando a participação da ventilação, da luz do sol e da chuva no cotidiano da casa (figura 04).



Figura 02:

Detalhe da fachada frontal. Fontes: Autora, 2017.

Figura 03:

Detalhe da escada frontal. Fontes: Tiago Medeiros, 2017.



Residência Camilo Paulino | 153



Figura 05:

Planta baixa do nível inferior. Fonte: acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

Figura 06:

Planta baixa do nível superior. Fonte: acervo do grupo Arquitetura e Lugar.



Figura 07:

Corte longitudinal. Fonte: acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

Figura 08:

Corte transversal. Fonte: acervo do grupo Arquitetura e Lugar.

Figura 09:

Esquema com eixos estruturais. Fonte: Produzido pela autora.

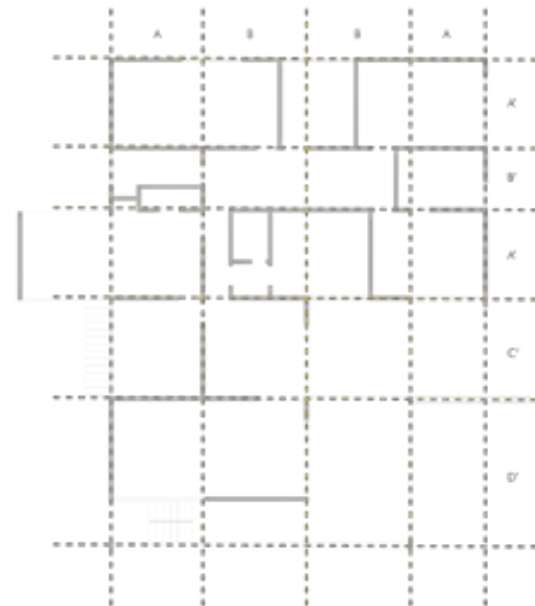
○ setor íntimo conta com um quarto de hóspedes, também diretamente ligado à varanda; com uma sala íntima, que funciona como ambiente de acesso central, aos quartos; com quatro quartos, sendo o principal deles uma suíte; com dois banheiros; e com a sala de jantar.

○ setor de serviço conta com o alpendre; com uma despensa; com a cozinha; e ainda com os ambientes já citados no pavimento inferior.

Nesta residência algumas soluções para conforto térmico foram utilizadas. A disposição dos ambientes foi uma delas. Os quartos se encontram nas fachadas leste e norte, a varanda e sala de jantar se encontram ao sul, e a área de serviço e um banheiro estão ao oeste. Além disso, acima da sala íntima o pé direito é elevado criando-se uma espécie de lanternim, permitindo a penetração da luz natural e da ventilação no ambiente. Esses tipos de recursos são muito apropriados ao clima local.

○ programa da casa se comporta de forma fluida, contando com ambientes de convivência, mesmo no setor íntimo. Também é interessante ressaltar, a forte integração dos espaços semi-internos (varanda e jardim), que dispõe de vários elementos naturais – água, luz do sol, ventilação, vegetação - participando do cotidiano dos moradores. A interação é assegurada tanto pelos fluxos, quanto pelas aberturas e transparências entre estes espaços e os ambientes internos.

Mais uma vez, a localização da maior parte dos pilares não é indicada nas plantas. No entanto, é possível traçar eixos que indicam a utilização de uma modulação. A partir desta organização originou-se uma malha longitudinal A, B, B, A e uma transversal A', B', A', C' e D'. As dimensões da modulação variam e se adequam ao programa (figura 9).



A edificação conta com duas cobertas independentes. Na parte frontal do volume, a primeira coberta tem suas duas águas escondidas pela platibanda que falseia uma laje plana. Já na segunda coberta, as duas águas com uma calha central, são evidenciadas pela inclinação do volume.

A composição neoplástica da residência é constituída pelas formas trapezoidais, geradas pelas inclinações do volume. Nesta residência Geraldino não faz uso de muitos materiais para gerar planos, em vez disso ele substitui os planos fechados, por um volume permeável, que tem a coberta e a laje funcionando com uma moldura. Na fachada frontal a vegetação que se encontra na jardineira embutida, contribui com cor e textura, para a composição do volume (figura 10).

Planos de vidro também estão presentes na residência. A transparência do material garante o diálogo entre a sala de estar com a paisagem do entorno e também com a própria varanda. A sala de jantar, o quarto de hóspedes e a suíte principal também possuem generosos planos transparentes voltados para o jardim interno.

É possível que o partido permeável, se deva à altitude em que se encontra o terreno. Uma vez que da varanda tem-se uma vista privilegiada da cidade, muitas vezes só proporcionada em edifícios altos (figura 11).

Outro detalhe construtivo interessante é o recorte feito na laje intermediária, acima da escada frontal. Essa solução funcional e estética demonstra grande domínio estrutural, confere leveza ao volume e reforça o caráter de moldura que a laje e a coberta exercem no volume.

Através das pesquisas e levantamentos realizados sobre a residência, foi averiguado que a obra nunca foi finalizada; e que, por ter sido construída em várias etapas, pelo proprietário, não houve o rigor de executar o projeto. Alguns dos elementos alterados ou não executados foram: as esquadrias de vidro na sala de estar e jantar, o lago artificial, a suíte principal, o acesso do quarto de hóspedes pelo jardim, dentre vários outros. Por este motivo, o levantamento fotográfico foi restrito aos elementos que constam nos materiais de projeto.

Figura 10:

Detalhe da jardineira na fachada frontal.
Fonte: autora, 2017.

Figura 11:

Vista da varanda.
Fonte: autora, 2017.





Figura 12:
Residência Camilo
Paulino Atualmente.
Fonte: Ana Carla Lima,
2017.

Residência Amaro Fiuza



Localização	Av. Floriano Peixoto, 1515, Jardim Tavares.
Anio	1964
Arquiteto	Geraldino Pereira Duda
Tipologia	Residencial
Uso Atual	Residencial
Estado de Conservação	Mesmo tendo tido problemas de execução, a obra ainda contém grande parte das características estético/formal e físico construtivas. No entanto, a residência necessita de vários reparos e sofre com a ausência de manutenção.
Análise do Estado de Conservação	Ao observar os dados coletados, conclui-se que a residência Camilo Paulino encontra-se em um estado de conservação regular. Apesar da não execução de alguns elementos projetados, a edificação ainda possui as características construtivas e formais mais significativas do projeto. No entanto, a casa necessita de reparos e manutenção, para questões como, infiltração, pintura, e finalização de reformas.
Estado de Preservação Proteção legal	Quanto à proteção, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.
Análise do Estado de Preservação	A edificação se encontra em um estado de conservação regular, porém, no momento existe a intensão de vender a propriedade. A ausência de proteção legal torna o bem vulnerável a descaracterizações permanentes. A incidência de regulamentações de preservação é urgentemente necessária para a salva guarda do imóvel.




4.7 Residência

**Anderson
Gomes**



Ano  1964

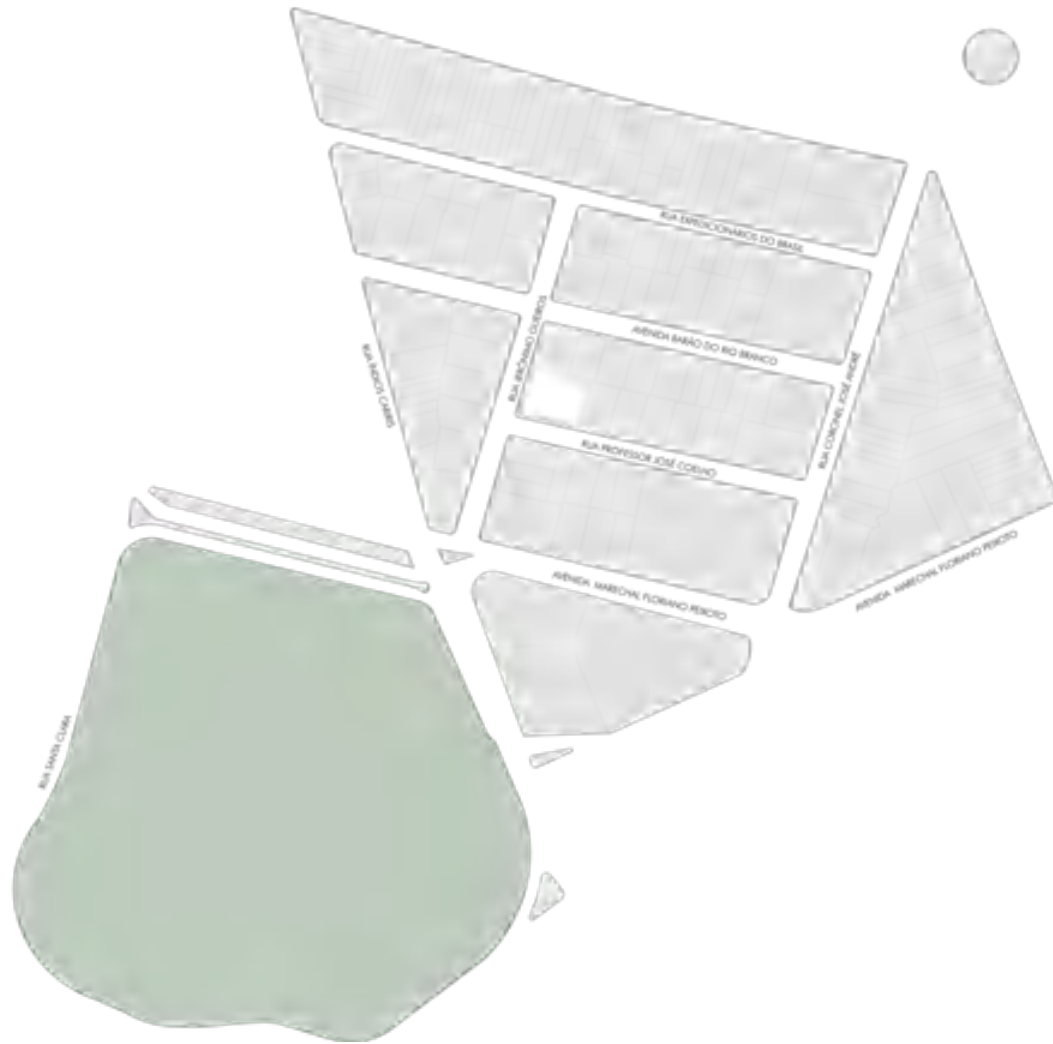
Proprietário  Anderson Costa Gomes

Localização  R. Professor José Coelho, esquina com a Jerônimo Gueiros, Centro.
Campina Grande. PB.

Tipologia  Residencial

Área construída  362,30 m²

164 | Residência Anderson Costa Gomes



A residência Anderson Costa, foi construída no ano de 1964, para o mesmo e sua família. Localizada na Rua Professor José Coelho, esquina com a Rua Jerônimo Gueiros, no bairro Centro, em Campina Grande.

Das oito residências analisadas, esta é uma das três casas, que ainda pertencem à mesma família para a qual foi projetada; e a única, em que o primeiro proprietário ainda reside. A edificação já passou por várias reformas e hoje possui uso misto. Parte da casa mantém-se residencial, e uma parte do pavimento térreo foi adaptado para abrigar uma clínica.

Implantada em um terreno retangular de esquina, esta residência conta com um extenso programa, que resultou em 362,30 m² de área construída. A edificação ocupa o centro do lote, possuindo recuos dos quatro lados. Nos dois afastamentos maiores, voltados às ruas, estão as áreas de jardins, em forma de "L".

Para lidar com o desnível existente, o terreno foi dividido em duas partes. A cota mais baixa foi nivelada por meio de um corte, e a mais alta por meio do aterro. Assim, os dois pavimentos da edificação foram implantados da seguinte forma: o pavimento inferior se acomoda na cota mais baixa, tendo sua área limitada pelo muro de arrimo, que contém o nível aterrado; já o pavimento superior se estende sobre o aterro, até a base fornecida pelo pavimento inferior.

O arranjo arquitetônico da residência é composto por um único volume, que se divide em duas partes. Em uma delas predomina o vazio, resultante das subtrações na forma, presentes tanto no pavimento superior quanto inferior. No pavimento inferior esta área corresponde à garagem que é protegida pelo pavimento superior. Nela apenas três pilares de concreto são responsáveis pela suspensão do volume superior (figura 1). Acima da garagem, uma varanda coberta ultrapassa o limite da edificação na fachada noroeste conectando-se com a rampa.

Figura 01:

Volume suspenso por pilares. Fonte: Autora, 2017.



Residência Anderson Costa Gomes | 167

A outra parte o volume é mais denso. Sem subtrações a edificação se abre para a rua através das esquadrias de madeira. Como forma de conferir certa leveza a esta parte, a laje intermediária saca da edificação, compondo uma marquise que é vazada em toda a fachada sudoeste (figuras 2 e 3). A cobertura também saca o suficiente para que as paredes pareçam estar recuadas.

Outra característica marcante no volume são os traços inclinados, que geram diversidade de ângulos, na composição da forma. A inclinação da laje superior indica as duas águas do telhado, formando um ângulo obtuso. Há também o traço diagonal do prisma no encontro da cobertura com a marquise intermediária.



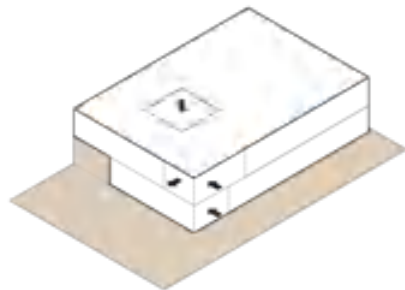


Figura 02:

Fachada sudoeste.

Fonte: Autora, 2017.

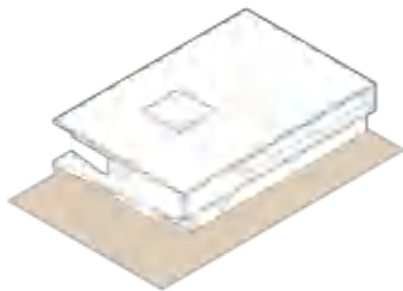


Figura 03:

Detalhe da marquise vazada. Fonte: Autora, 2017.

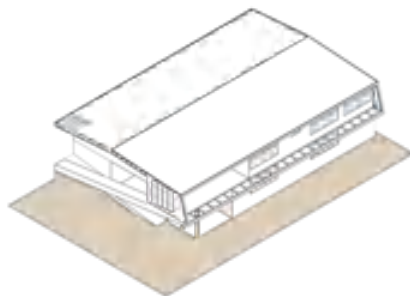


Figura 04:

Esquema volumétrico evidenciando a adequação ao terreno. Fonte: Produzido pela autora.

Quanto aos acessos, mais uma vez a divisão entre íntimo e de serviço estão presentes. Estes são distribuídos depois que se adentra a propriedade no pavimento térreo. Neste nível existem áreas de convivência, semi-internas. Porém, as áreas sociais internas se encontram no pavimento superior, sendo alcançadas por meio da rampa que se encontra na fachada noroeste. Através dela chega-se à varanda e tem-se acesso à sala de estar.

O acesso íntimo é realizado pelo jardim interno. Por meio dele, pode-se ingressar na suíte que se encontra no térreo, ou subir, até o pavimento superior, através da escada presente no jardim. Neste nível adentra-se à residência pela copa, onde o fluxo é distribuído.

O acesso de serviço é realizado através do recuo existente na fachada sudeste. O térreo conta com uma grande área de serviço e um sistema de lavanderia integrado com o nível superior. Neste espaço, uma escada leva até uma varanda no nível superior, onde o acesso de serviço é realizado pela cozinha.

Como já foi indicado, o programa conta com os setores social, íntimo e de serviço. Todos eles possuem áreas nos dois pavimentos. A planta em forma de “O” desenvolve-se em torno do vazio, onde está localizado o jardim interno.

○ setor social no pavimento térreo, conta com um espaço de convivência, que compartilha a área disponível para a garagem. ○ extenso espaço abrigado sob o pavimento superior é permeável, possibilitando o contato com as duas ruas da esquina, e com o jardim da propriedade. Já no pavimento superior, o setor conta com: a varanda suspensa; e com a sala de estar.

○ setor íntimo conta no pavimento inferior, com uma grande suíte, que possui além do banheiro, um ambiente destinado ao vestuário. No pavimento superior conta com: quatro quartos e dois banheiros; uma sala íntima, que funciona como hall de acesso aos quartos; uma a copa; e com a sala de jantar.

○ setor de serviço ocupa boa parte da área de térreo. Ali existe: um depósito; uma grande área de serviço; um quarto para empregada, onde existia sistema de lavanderia, em que a roupa era depositada no banheiro do pavimento superior, caindo no ambiente abaixo; e um banheiro. ○ pavimento superior conta com: o alpendre; e a cozinha.

170 | Residência Anderson Costa Gomes

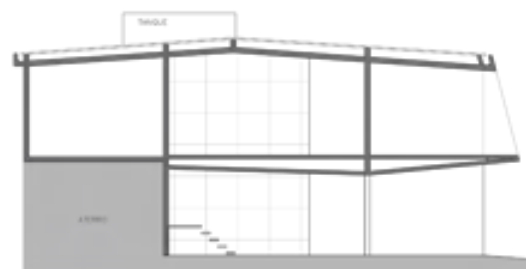


Figura 05:
Corte longitudinal.
Fonte: acervo do grupo
Arquitetura e Lugar.

Figura 06:
Corte transversal.
Fonte: acervo do grupo
Arquitetura e Lugar.

Figura 07:
Planta baixa do nível
inferior e intermediário.
Fonte: acervo do grupo
Arquitetura e Lugar.

Figura 08:
Planta baixa do nível
superior. Fonte: acervo
do grupo Arquitetura e
Lugar



Nesta residência algumas soluções para conforto térmico foram utilizadas. A disposição dos ambientes foi uma delas. Quase todos os quartos e suas janelas se encontram na sudoeste, apenas um quarto e um banheiro têm suas janelas voltadas à fachada sudeste. A cozinha e a copa têm suas aberturas ao nordeste.

Já as salas de jantar e estar estão a noroeste onde também se encontram suas janelas. Nesta última fachada uma marquise saca dois metros do limite da edificação, servindo de proteção solar às janelas. Nestes ambientes a ventilação cruzada é possibilitada pelos elementos vazados, da esquadria voltada ao jardim interno (figuras 09, 10 e 11).

Figura 09 e 10:
Janelas da sala de
estar. Fonte: Autora,
2017

Figura 11:
Esquadria da varanda.
Fonte: Autora, 2017.





Residência Anderson Costa Gomes | 173

As janelas da residência têm dimensões generosas, sendo todas vazadas com venezianas, o que permite a entrada da ventilação mesmo quando fechadas. Tanto portas quanto janelas são de madeira, e possuem bandeiras também vazadas, que tocam a laje. Mesmo nas esquadrias da varanda e entre a sala de estar e o jardim interno, o elemento com veneziana se repete (figura 13).

Quanto aos componentes estruturais da edificação tem-se que, mais uma vez a localização dos pilares em planta foi omitida. No entanto, foi possível verificar os eixos estruturais da residência. Foram traçados quatro eixos longitudinais e cinco transversais. A partir desta organização criou-se uma malha longitudinal A, B, C e uma transversal A', B', C' e B'. As dimensões da modulação variam e se adequam ao programa (figura 12).

Outra característica percebida, não só nesta, mas em residências como a Sóstheneis Silva e Emília Aguiar, é a utilização da viga invertida. Esta escolha faz com que os armários, esquadrias e ambientes, tenham a mesma inclinação da cobertura (ver figuras 09 e 10).

As transparências desta residência permitem o diálogo do interior com o exterior; e do interior com interior. O primeiro caso é evidenciado com a varanda, que permite a visibilidade com as ruas e com o jardim. Além disso, o espaço se estende dois metros além do limite da edificação, conectando-se com o térreo através da rampa. Sua parede lateral é vazada com três “rascos” verticais garantindo-lhe ainda mais permeabilidade (figura 13).



Figura 12:
Esquema com eixos estruturais. Fonte: Produzido pela autora.

Figura 13:
Detalhe da varanda. Fonte: Autora, 2017.



Residência Anderson Costa Gomes | 175

Já o segundo caso é evidenciado com as transparências entre o jardim interno com a sala íntima – através do uso do cobogó – e com a sala de estar – através de uma esquadria com madeira e vidro – (figuras 14 e 15).

Mais uma vez a atenção plástica, formal e estrutural de Geraldino com as escadas e rampas, de seus projetos é notada. A escada em “L”, responsável pelo acesso íntimo ao pavimento superior, está localizada no jardim interno. Esta possui dois sistemas estruturais. No primeiro lance, os cinco degraus são engastados em uma viga central (figura 16). Já no segundo lance, quando se muda de direção, os degraus são engastados em uma viga lateral, embutida na parede (figura 17). Toda a escada foi revestida de mármore branco.

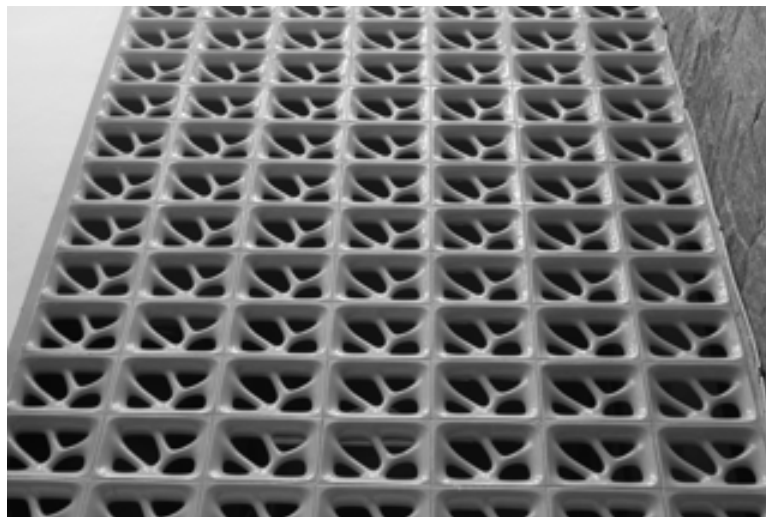


Figura 14:
Cobogó de louça, entre
sala íntima e jardim
interno. Fonte: Autora,
2017.

Figura 15:
Esquadria entre sala de
estar e jardim interno.
Fonte: Autora, 2017.





Figura 16:
Primeiro lance de
degraus da escada
em "L". Fonte: Autora,
2017.

Figura 17:
Segundo lance de
degraus da escada
em "L". Fonte: Autora,
2017.

A rampa não chegou a ser executada conforme o projeto (Figura 18). Nele constavam dois lances, que partiam e chegavam num mesmo ponto da planta, em níveis diferentes. Artigas também utilizou esse tipo de desenho em rampas de algumas de suas residências, como aponta COTRIM 2017. O autor ainda salienta que esse tipo de solução, acumula para o elemento a função de circulação horizontal.

Quanto aos materiais utilizados, pode-se destacar: a pastilha de com rosa, que reveste a maior parte do volume; o revestimento pétreo presente em toda parede na lateral da garagem até o pavimento superior, na varanda, no jardim interno e também na fachada frontal; além do cobogó de louça, de cor amarela.



Figura 18:

Detalhe da rampa.
Fonte: Autora, 2017.

Residência Anderson Costa





	Localização	Rua Professor José Coelho, esquina com a Rua Jerônimo Gueiros, 128, Centro.
	Anio	1964
	Arquiteto	Geraldino Pereira Duda
	Tipologia	Residencial
	Uso Atual	Misto: Residencial/Serviço
Estado de Conservação	<p>A edificação já passou por várias reformas, porém o volume não foi alterado. O pavimento térreo foi adaptado e hoje possui uso misto. Vários revestimentos internos, como pisos também foram substituídos, e houve alteração em planta do setor íntimo e de serviço.</p> <p>Além disso, grades foram acrescentadas na varanda e no jardim interno; o antigo gradil ao redor da residência foi elevado por um muro baixo.</p>	
Análise do Estado de Conservação	<p>Ao observar os dados coletados, conclui-se que a residência Anderson Costa encontra-se em um bom estado de conservação, pois, apesar das alterações, o volume e as características estéticas, formais e físico/construtivas foram mantidos.</p>	
Estado de Preservação Proteção legal	<p>Quanto à proteção, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.</p>	
Análise do Estado de Preservação	<p>A edificação se encontra em um bom estado de conservação, e é prova de que adaptações a novos usos, sem descaracterizações são possíveis. No entanto, a ausência de proteção legal torna a residência vulnerável. A incidência de regulamentações de preservação é urgentemente necessária para a salva guarda do bem.</p>	


4.7 Residência
Amaro
Fiuza







Ano  1968

Proprietário  Amaro Fiuza Chaves

Localização  R. João Machado, esquina com a R. Duque de Caxias, 488. Prata.
Campina Grande. PB.

Tipologia  Residencial

Área construída  215,30 m²

184 | Residência Amaro Fiuza



A residência Amaro Fiuza foi construída no ano de 1968. Localizada na Rua João Machado, esquina com a Rua Duque de Caxias, no bairro da Prata em Campina Grande. Preservando o uso residencial, a edificação é uma das poucas do bairro, que mantém muros baixos, permitindo uma boa conexão visual com o meio público.

De todas as casas analisadas, esta é a que possui o menor programa, contando com 215,30 m² de área construída. A edificação ocupa o centro do lote, cercada por recuos de todos os lados. Isso possibilitou a previsão de áreas de jardim, nos espaços voltados às ruas, formando um “L” em torno da residência.

Implantada em um lote retangular, as menores dimensões são as fachadas frontal – voltada para a Rua João Machado, onde se encontram os acessos - e posterior. Para lidar com o desnível existente, o terreno foi dividido longitudinalmente, por um muro de arrimo, em dois níveis. A maior parte da área construída está acomodada na cota mais baixa.

A residência conta com três níveis. Dois deles estão em sua base e tocam o solo em diferentes cotas. Pelo nível de cota mais baixa, tem-se o acesso para o automóvel. Já pelo de cota mais alta, realiza-se o acesso peatonal. O terceiro nível se encontra suspenso, sobre a base com cota mais baixa, podendo ser alcançado apenas através da escada interna.

186 | Residência Amaro Fiuza

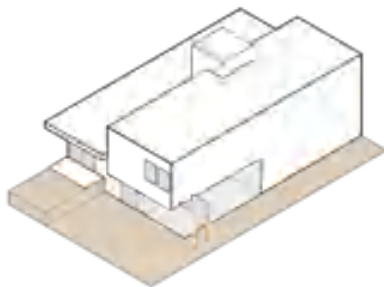
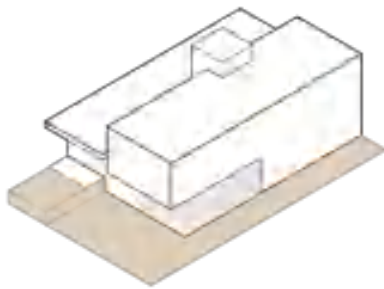
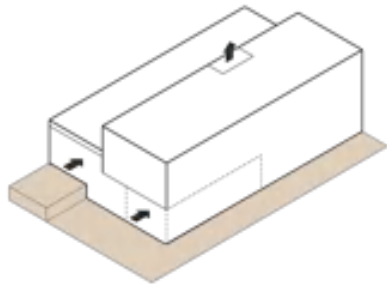
A composição arquitetônica da casa é constituída por dois prismas retangulares paralelos. Um deles se encontra na esquina, acomodado sobre a cota mais alta do terreno. Este possui apenas um pavimento, e tem sua horizontalidade reforçada pela cobertura, que ultrapassa os limites da edificação.

O segundo volume possui dois pavimentos, e se encontra na cota mais baixa do terreno. Em sua base uma subtração é feita na área da garagem.

O pavimento superior é suspenso em um grande balanço que abriga a área subtraída. Por se encontrar em uma cota mais baixa, este volume ultrapassa apenas 1,70 metros, a altura do primeiro prisma.

Os volumes simples e limpos, com linhas retas, têm seus telhados ocultos pela platibanda. Sua articulação/implantação se deu de forma a não constituir uma barreira visual. Esta permeabilidade com o meio público é garantida pelos recuos e pelo gabarito da edificação.

Figura 01:
Esquema volumétrico evidenciando os três níveis da residência.
Fonte: Produzido pela autora.



Existem três tipos de acesso à residência: o social, o íntimo e o de serviço. O acesso social pode ser realizado de duas formas. Uma delas é através da cota mais alta do terreno. Por meio da entrada peatonal, chega-se a uma marquise que recebe os visitantes. Estes adentram a residência pela sala de jantar. A segunda forma se dá através do nível de cota mais baixa. Ali, na área coberta da garagem, pode-se adentrar pela sala de estar.

O acesso íntimo também é realizado pela garagem, porém, por uma entrada distinta da social. Por meio de um hall, tem-se acesso ao quarto de hóspedes e à escada interna, que alcança o pavimento superior.

O acesso de serviço é realizado na fachada posterior. Para se chegar até lá são utilizados os recuos laterais. Nos fundos da residência, adentra-se na cota mais alta do terreno, através da cozinha.

Como foi dito acima, o programa da casa está distribuído em três níveis. O setor social conta com a sala de jantar, que se encontra no nível intermediário, e com a sala de estar no nível inferior. Apesar da diferença de nível, as salas são integradas por meio de alguns degraus. Estes são os ambientes mais fluidos da residência (figuras 2 e 3).



O setor íntimo conta no pavimento inferior com o quarto de hóspedes e um banheiro de uso comum; No pavimento intermediário, conta com uma copa; E no pavimento superior, conta com dois quartos, um escritório, um banheiro, e uma suíte, que possui um tipo de antecâmara onde se pode entrar no banheiro ou no quarto. Todos estes ambientes, no pavimento superior, são acessados através de uma circulação central, num espaço denominado “saleta”, muito comum nos projetos de Geraldino.

O setor de serviço conta no pavimento inferior com uma lavanderia, um quarto e um banheiro para empregada, o acesso a estes ambientes é realizado externamente na fachada posterior. No pavimento intermediário conta com uma área de serviço, localizada num alpendre, e com a cozinha.



As maiores dimensões da residência estão voltadas para o noroeste e sudeste. A fachada noroeste é praticamente cega, possuindo apenas uma pequena janela na copa, e janelas altas em fita, no pavimento superior - onde estão a saleta, a antecâmara e os banheiros -. Na fachada sudeste estão localizados os quartos e suas janelas.

Figura 02:

Sala de jantar no nível intermediário. Fonte: Autora, 2017.

Figura 03:

Sala de estar no nível inferior. Fonte: Autora, 2017.

Figura 04:

Corte longitudinal.
Fonte: acervo do grupo
Arquitetura e Lugar.

Figura 05:

Corte transversal.
Fonte: acervo do grupo
Arquitetura e Lugar.

Figura 05:

Planta baixa do nível
inferior e intermediário.
Fonte: acervo do grupo
Arquitetura e Lugar.

Figura 05:

Planta baixa do nível
superior. Fonte: acervo
do grupo Arquitetura e
Lugar.



Já a fachada frontal, esta orientada a sudoeste. Nela se encontram as esquadrias das salas de jantar e estar, nos pavimentos inferiores. No pavimento superior, se encontram as duas janelas da suíte. A fachada posterior está voltada para o nordeste, onde estão localizados: a cozinha, a lavanderia, o quarto de hóspedes, e o escritório.

Quanto à questão estrutural do projeto, observa-se que apenas os pilares aparentes, foram indicados em planta. No entanto, foi possível verificar os eixos estruturais da residência. Foram traçados quatro eixos longitudinais e cinco eixos transversais. A partir desta organização criou-se uma malha longitudinal A, B, C e uma transversal A', B', C' e D'. As dimensões da modulação variam e se adequam ao programa (figura 08).

Através dos cortes foi possível perceber o reforço estrutural dado tanto à laje intermediária, quanto às vigas. Quatro grandes vigas, posicionadas no sentido transversal da edificação, possibilitam o balanço existente na parte frontal, onde o pavimento se encontra suspenso.

No pavimento superior são utilizadas, mais uma vez, as vigas invertidas. Porém, no caso desta residência, a laje é plana. Acima dela, as três águas da cobertura são escondidas pela platibanda existente.

Diferente do que acontece nos outros projetos, essa residência não possui muitos planos transparentes. O programa é compartimentado, privilegiando a privacidade e independência dos setores. A maior parte das esquadrias estão voltada para o jardim frontal e para a área da garagem.

Quanto aos materiais utilizados, a residência conta com grande diversidade de revestimentos. Externamente uma pastilha para revestir o volume suspenso. Um tijolinho também foi utilizado na fachada frontal. A área da garagem conta com um piso cerâmico azul e branco, e nas paredes, com um azulejo decorado (figura 09).



Figura 08:
Esquema com eixos estruturais. Fonte: Produzido pela autora.

Figura 09:
Detalhe dos revestimentos na garagem da residência. Fonte: Autora, 2017.



Internamente, foram utilizados azulejos nos banheiros, e um revestimento cerâmico em forma de tijolinho na sala de estar. No pavimento superior, todos os quartos possuem pisos e guarda roupas embutidos de madeira. Os degraus existentes entre a sala de estar e a sala de jantar, foram revestidos de mármore branco (figura 10).

A escada interna em forma de “U”, que leva até o pavimento superior, tem seu primeiro lance revestido com o mesmo piso cerâmico da copa. Já seu segundo lance, está engastado em uma viga lateral embutida na parede. Seus degraus se encontram soltos, como é bastante comum nas escadas de Geraldino. O revestimento destes degraus foi feito com um mármore branco no piso, e uma pedra marrom no espelho (figuras 11 e 12).



Figura 10:
Degraus da sala de
estar. Fonte: Autora,
2017.



Figura 11:
Primeiro lance da
escada. Fonte: Autora,
2017.

Figura 12:
Segundo lance da
escada. Fonte: Autora,
2017.



A composição neoplástica da residência é gerada pelas linhas retas, e pelo jogo de planos que ora sacam, com é o caso da marquise que se destaca na fachada por conta de sua platibanda alta; ora recuam, como a parede frontal da sala de jantar. O volume de dois pavimentos também saca na fachada frontal, possuindo um grande vazio em sua base. Uma estrutura em alvenaria, semelhante a uma pérgola, surge do volume suspenso, se estendendo até o limite da propriedade, onde descem dois pilares, encontrando o muro. (figura 13).

Figura 13:
Fachada frontal da
residência. Fonte:
Autora, 2017.

Residência Amaro Fiuza



Localização	Rua João Machado, esquina com a Rua Duque de Caxias, 488, Prata.
Anio	1968
Arquiteto	Geraldino Pereira Duda
Tipologia	Residencial
Uso Atual	Residencial
Estado de Conservação	A edificação sofreu poucas alterações em planta. Apenas o quarto e banheiro de empregada foram transformados em depósito. Além disso, foi construído um anexo e uma cisterna nos fundos do terreno. O gradil, que antes delimitava a propriedade foi substituído, por um muro baixo de pedra. No entanto, a edificação mantém sua integridade estético formal e físico/construtiva.
Análise do Estado de Conservação	Ao observar os dados coletados, conclui-se que a residência Amaro Fiuza Chaves encontra-se em um bom estado de conservação. O bem está preservado e tem tido manutenções regulares.
Estado de Preservação Proteção legal	Quanto à proteção, a edificação não se encontra cadastrada ou registrada na relação de imóveis tombados de Campina Grande.
Análise do Estado de Preservação	No momento a casa se encontra em um bom estado de conservação e não necessita de reparos, além disso, ela ainda mantém o uso residencial. Esta situação é temporariamente favorável à preservação do bem, no entanto, a ausência de proteção legal torna a edificação vulnerável a descaracterizações permanentes e até mesmo à demolição.

Capítulo

5

Conclusão

A análise das oito residências selecionadas, e também o estudo da contextualização histórica, geográfica e cultural da época, apontou para a utilização de diretrizes/critérios projetuais que foram recorrentes.

O primeiro deles que é destacado sempre no início das análises, é o aproveitamento máximo da topografia do terreno, para a implantação das residências. Todas as obras abordadas foram construídas com mais de um nível. Em geral o terreno é dividido em duas partes por um muro de contenção/ arrimo, sendo no restante do terreno feito um corte.

Em alguns casos, como na residência Camilo Paulino 1964, o desnível chega a ter a altura de um pé esquerdo, assim, Geraldino projetou um pavimento no nível mais baixo e um no nível mais alto (figura 1). Já em outras residências, como a Emília Aguiar 1962 e na Eutiqui Loureiro 1962, em que o desnível não é tão grande, a residência toca o solo dois níveis, tendo ainda um terceiro suspenso (figuras 2 e 3).

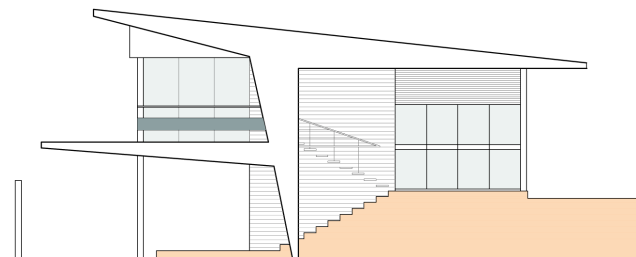
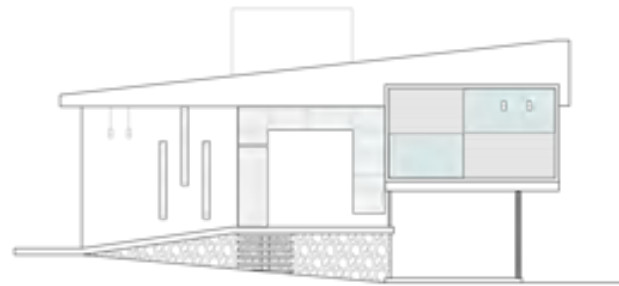
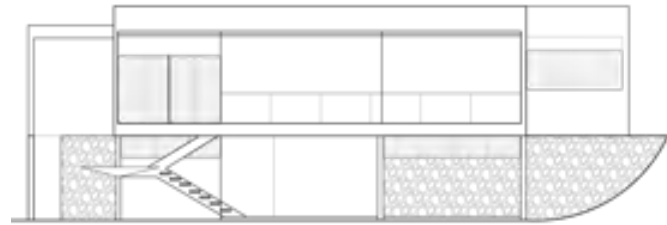


Figura 01:
Fachada
da residência
Camilo Paulino.
Fonte: acervo da
autora.

Figura 02:
Fachada
da residência
Emília Aguiar.
Fonte: acervo da
autora.

Figura 03:
Fachada
da residência
Eutiqui Loureiro.
Fonte: acervo da
autora.

As áreas de cota mais baixa são geralmente destinadas às garagens e aos espaços semi-internos; as de cota intermediária, ao setor de social e de serviço; e os níveis suspensos, abrigam o setor íntimo.

Essa variedade de níveis como já foi indicado, é instrumento fundamental na setorização das residências. A organização flúida das plantas é distribuída em diferentes cotas.

Em geral os setores sociais se conectam visualmente com as áreas externas ou semi-internas, como varandas de entrada, jardins e áreas cobertas de convivência. O setor íntimo é reservado, privilegiando a privacidade dos residentes, que tem acesso aos quartos e banheiros sem ter que cruzar com o setor social. E o setor de serviço é geralmente localizado disposto num nível, ou parte, estrategicamente central para atender eficientemente às necessidades.

O critério da economia é presente nessas obras quando se analisa que em todas as residências, são utilizados poucos elementos construtivos, limitando-se aos realmente elementares. É interessante perceber que apenas com a manipulação inteligente da volumetria - com saques e subitrações-, e também das lajes superior e as vezes intermediária, toda a composição é feita. Sem necessidade de anexos ou partes desintegradas.

Este critério é constatado em praticamente todas as residências. Porém, no que diz respeito aos materiais de revestimento, apesar da notória preferência por revestimentos pétreos, Geraldino faz uso de grande variedade de materiais superfície. São cobogós de louça, azulejos, ladrilhos, revestimentos cerâmicos, pisos de madeira, dentre vários outros. Todos proporcionando diferentes cores e texturas às residências (figuras 4 e 5).

Figura 04:

Revestimentos da
cozinha e sala de estar
da residência
Sósthenis Silva.
Fonte: Autora, 2017.

Figura 05:

Revestimentos do
jardim interno
da residência
Sósthenis Silva.
Fonte: Autora, 2017.



Essa é provavelmente uma das adaptações que mais enriquecem sua obra. A capacidade de aliar as novas possibilidades e tecnologias do movimento moderno às características - neste caso aos materiais e técnicas locais. Dessa forma as residências de Geraldino são revestidas do lugar em que foram construídas.

O critério da precisão é talvez, o mais evidente em sua obra. Isso pode ser confirmado quando se compara os desenhos técnicos à edificação construída. Em visitas foi possível perceber, que até mesmo pequenos detalhes foram executados com precisão, como é o caso da escada externa da residência Helion Paiva (figuras 6 e 7). Essa característica sugere a presença constante do arquiteto na execução da obra.

A questão estrutural do conjunto das obras de Geraldino indica, a utilização do critério já explicado, do "rigor". É interessante perceber que para compor as residências não são necessários muitos elementos. No caso das obras estudadas, quando se unem a implantação com diferentes níveis; e a volumetria com seus saques e subtrações, praticamente nenhum outro elemento é adicionado.

Isso é possível graças ao arrojo da estrutural das residências, que fizeram uso do concreto armado e de estruturas metálicas. Repetidamente as residências contam com generosos saques em balanços, tanto de pavimentos, quanto de

marquises. E também com subtrações estratégicas gerando áreas de convivência e garagens.

Outra solução que se repetiu em diversas obras, foi o uso da viga invertida. Assim, a inclinação das lajes superiores (em praticamente todas as residências as lajes são inclinadas) são vivenciadas no interior da residência. É bastante comum a presença de portas, janelas, guarda roupas, e armários, de piso à teto que seguem a mesma inclinação da laje.

Enfim, chega-se ao critério da universalidade. Como foi apresentado anteriormente nas análises, para cada edificação foram traçados eixos estruturais. Mesmo não apresentando uma modulação fixa, é possível constatar que as obras tem uma estrutura flexível. Sendo capazes de abrigar novos programas sem perder suas qualidades intrínsecas. Essa característica atribui a qualidade da permanência, o que deveria permitir que essas edificações atravessassem o tempo com dignidade e utilidade. MAHFUZ (2006)

No entanto, o que se tem acontecido periodicamente é a perda total ou descaracterização dos bens. Particularmente a situação do patrimônio residencial, a exemplo das obras abordadas é de grande vulnerabilidade. Na maioria dos casos, as edificações são herdadas por três ou mais herdeiros, que vêem como melhor alternativa a venda do bem.

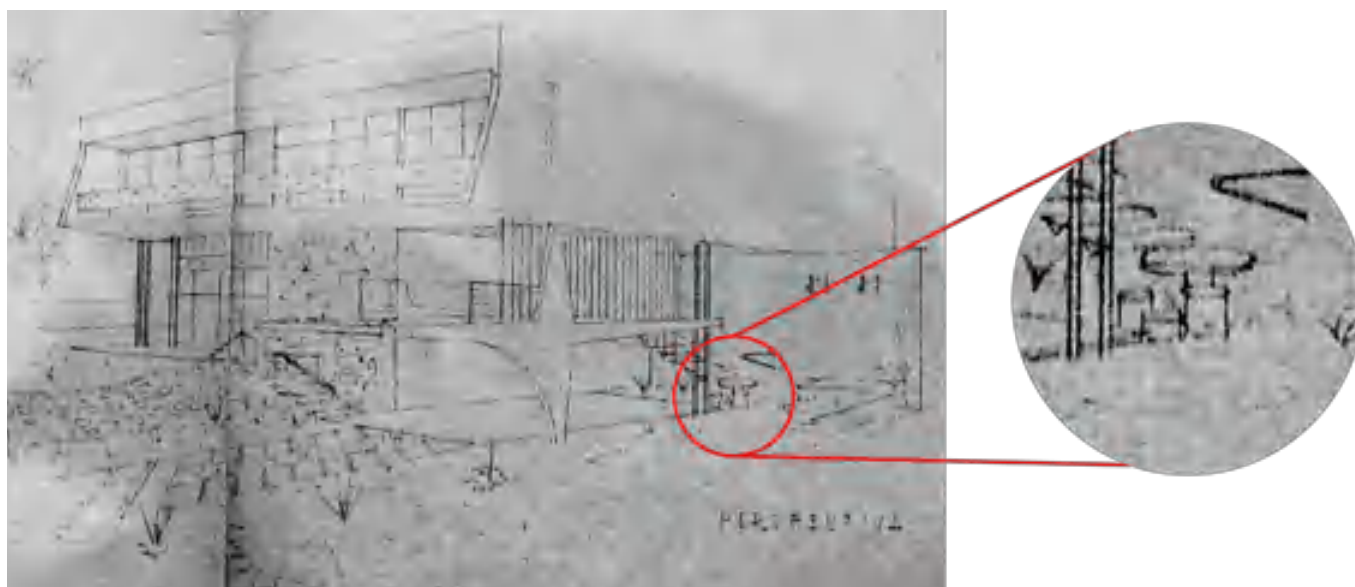


Figura 06:
Montagem com perspectiva da residência Helion Paiva, com zoom para a escada externa.
Fonte: produzido pela autora

Figura 07:
Detalhe da escada externa da residência Helion Paiva.
Fonte: Autora, 2017



É aí que reside o principal risco, pois, as edificações geralmente se localizam em áreas privilegiadas, que são alvo da especulação imobiliária. Assim, os compradores mais prováveis, são investidores interessados em construir edifícios altos.

Alguns caminhos para a salva-guarda das edificações modernas são necessários. Primeiramente, tem-se que lidar com a conscientização da necessidade da eleição de bens, a serem preservados. Sobre essa questão Amorim aponta que a preservação é necessária, pois, é através delas que:

“[...] as cidades poderão revelar as diversas temporalidades vividas, impregnadas na matéria própria da arquitetura. Escolher que exemplares devem sobreviver e quais podem perecer é um exercício necessário para que as cidades se conheçam, a si próprias, pois têm personalidades distintas, e nós, a nós próprios, pois temos um pouco delas, como elas nos têm, Conferir a imortalidade a algumas arquiteturas é criar elos de coesão no espaço e no tempo, e é o elo moderno que agora precisa ser devidamente constituído.” (AMORIM, p.18, 2007)

Outra questão diretamente ligada à anterior, diz respeito à educação patrimonial. Divulgar as obras modernas, tanto em meios digitais como através de palestras e campanhas é necessário, para que a discussão chegue até a população, que deve ser a principal responsável/ interessada em proteger seu patrimônio.

As políticas preservacionistas hoje devem ser pensadas de maneira abrangente, ou seja, reconhecendo que

além do tombamento existem outras alternativas de proteção. Uma delas diz respeito à sustentabilidade econômica e social do patrimônio. Neste ponto se inserem requalificações, revitalizações e reciclagens que buscam a renovação de edifícios históricos, como forma de possibilitar sua sobrevivência, do ponto de vista da qualidade e também do ponto de vista econômico. (CASARLADE, 2014)

Acredita-se que os resultados obtidos neste estudo possam contribuir, inicialmente com o trabalho de preservação cultural que vem sendo desenvolvido em nível municipal, estadual e federal, ao inventariar e analisar a produção arquitetônica moderna, podendo assim, inseri-la no trabalho de resgate e difusão deste período da história brasileira, e posteriormente, na adoção e melhoria das soluções técnico-constructivas empregadas na modernidade e que devem ser resgatadas e reutilizadas pelos futuros profissionais da área, que infelizmente, desconhecem a potencialidade dos recursos empregados nesta produção.

Não se conclui nem se encerra com este estudo as discussões sobre o tema, mas dá-se pistas como uma contribuição inicial divulgando a existência desse acervo, para que tanto a comunidade acadêmica, como a população passem a conhecer melhor e se sensibilizar, através do reconhecimento das obras como patrimônio arquitetônico e procurem colaborar com o processo de documentação e conservação do legado moderno campinense.

Referências bibliográficas

AFONSO e MENESES. A Influência da escola do recife na arquitetura de campina grande 1950-1970. Belo Horizonte: 4º Seminário Ibero americano Arquitetura e Documentação. 2015.

AFONSO, Alcilia e MENESES, Camilla (2016). Análise projetual do complexo arquitetônico do Clube do Trabalhador do Serviço Social da Indústria (SESI). Campina Grande. PB. 1962-1990. Teresina: Anais do 6º Docomomo Norte Nordeste.

AFONSO, Alcilia. A adoção de uma metodologia de ensino para projetos arquitetônicos. Arquitetura Revista. Unisinos v. 9, n. 2. 2013. Em rede <http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2013.92.05>.

AFONSO, Alcília. A preservação da arquitetura moderna nas cidades do nordeste brasileiro: os casos de Recife e Teresina. Salvador: Anais do Arqumemória 3. 2008.

AFONSO, Alcilia. A produção arquitetônica moderna dos primeiros discípulos de uma Escola. São Paulo: Vitruvius, 2008. Texto especial 479. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.098/128>. Acesso em 01 fev. 2017, 10: 45: 00.

AFONSO, Alcília. La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50. Barcelona: tese doutoral apresentada para o departamento de projetos arquitetônicos da ETSAB/ UPC.2006.

AFONSO, Alcilia. O processo de industrialização na década de 1960 e as transformações da paisagem urbana de Campina Grande. 2017

AFONSO, Alcília; NEGREIROS, Ana. Documentos de arquitetura moderna no Piauí. Teresina: Gráfica Halley, 2010.

ALMEIDA, Adriana. Arquitetura moderna residencial de Campina Grande: registros e especulações (1960-1969). Trabalho de Conclusão de Graduação. João Pessoa, CAU/UFPB, 2007.

ALVES, Leonardo da Silva. (2012). A industrialização incentivada do nordeste e o caso de Campina Grande. PB. Campina Grande. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de pós graduação em desenvolvimento regional. Universidade Estadual da Paraíba.

AMORIM, Luiz. Obituário arquitetônico: Pernambuco modernista. UFPE, 2007.

ARAÚJO, Ricardo; TINEM, Nelci; e COTRIM, Márcio. Arquitetura residencial moderna em João Pessoa nos anos de 1970. Vitruvius, 2010. Disponível em: <http://www.wvvg.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.126/3651>. Acesso em 01 fev. 2017.

BAHIA, Denise Marques. A preservação da arquitetura moderna de Belo Horizonte: Relato de uma experiência. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Volume 12, n 13, Dezembro 2005, Páginas: 155-163.

BRASIL, Luciana Tombi. David Libeskind: ensaio sobre as residências unifamiliares. Vol. 2. EdUSP, 2007.

CARVALHO, Juliano e ALMEIDA, Adriana. Augusto Reynaldo, introdutor e difusor da arquitetura residencial moderna em Campina Grande-PB. João Pessoa: 3º. Docomomo Norte Nordeste. 2010.

CASARLADE, Flávio de Lemos. A Pedra e o Tempo. Arquitetura como patrimônio cultural. Editora UFMG. 2014

CHOAY, F.(2006). A Alegoria do Patrimônio. 4ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade. UNESP

COMAS, C. Notas sobre a persistência do Moderno: monumentalidade e grandiloquencia. In: AMORIM, L, TINEM, N. Morte e vida Severinas: das Ressurreições e conservações (im) possíveis do patrimônio moderno no Norte Nordeste do Brasil. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/ UFPB, 2012, p.22-32.

COTRIM, Marcio. Vilanova Artigas. Casas paulistas. Editora Romano Guerra. São Paulo, 2017.

GASTÓN,C; ROVIRA,T. El proyecto Moderno: Pautas de Investigación. Barcelona: Ediciones UPC, 2007.

GHIRARDELLO, Nilson; SPISSO, Beatriz. Patrimônio histórico: como e por que preservar. Bauru, SP: Canal, 2008, 3ª edição.

GUEDES, Kaline Abrantes; TÍNEM, Nelci. DOCUMENTANDO O PATRIMONIO MODERNO: Informação e Visibilidade. 3º Seminário Ibero-americano, Arquitetura e Documentação. Novembro 2013.

LARA, Fernando Luiz Camargos. Modernismo popular: Elogio ou imitação? Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Volume 12, n 13, Dezembro 2005, Páginas: 171-184.

LIRA, Flaviana. Por uma agenda de discussões sobre a preservação da arquitetura moderna. A conservação do patrimônio no Brasil. Teoria e prática. 2012

MAHFUZ, Edson da Cunha. O sentido da arquitetura moderna brasileira. Vitruvius, São Paulo, jan. 2002a, Arqtextos, 2002, 20.

MAHFUZ, Edson da Cunha. Formalismo como virtude: helio Piñon projetos 1999-2003. Arqtexto. n. 9 (2006), p. 18-39, 2006.

MONTANER, J. As formas do século XX. Barcelona, Gustavo Gili, 2002.

PENNA, Alícia Duarte. Livre pensar sobre o modernismo mineiro-belo-horizontino. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Volume 12, n 13, Dezembro 2005, Páginas: 165-170.

QUEIROZ, M. V. D. Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950). São Carlos: Dissertação(Mestrado) – PPGAU/EESC/USP. 2008

QUEIROZ, M.; MELO, F. Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950. Recife: 1º Seminário DOCOMOMO NorteNordeste Recife- PE, 8 a 11 de maio de 2006.

SEGAWA, Hugo M. Arquiteturas no Brasil, 1900-1990. Edusp, 1998.

SERRA, Geraldo. Pesquisa em arquitetura e urbanismo. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós graduação. São Paulo: EDUSP, 2006

TINEM, Nelci e COTRIM, Márcio (org). Na urdidura da modernidade. Arquitetura Moderna na Paraíba I. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014. 340 P

TINEM, Nelci. Desafios da Preservação da arquitetura moderna: o caso da Paraíba. Revista do PPG-AU/UFBA. Salvador, 2010.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. Fênix-Revista de História e Estudos Culturais, ano VII, 2010, 7.2.





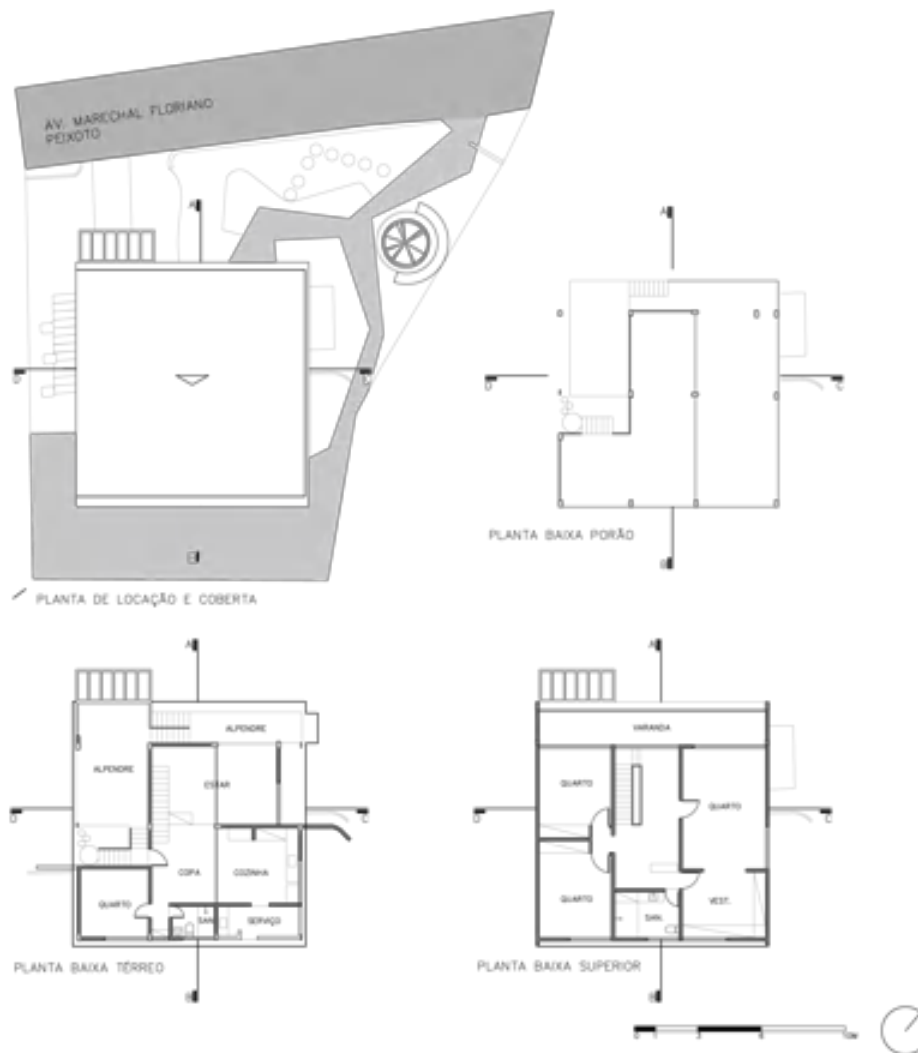
Anexos

209



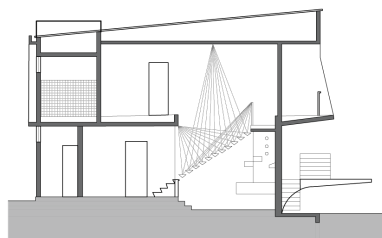


1_ Res. Helion Paiva

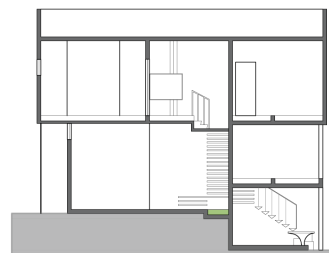




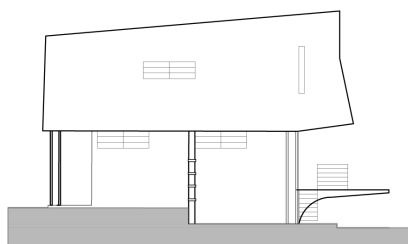
1_ Res. Helion Paiva



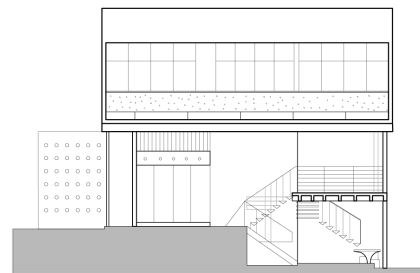
CORTE AB



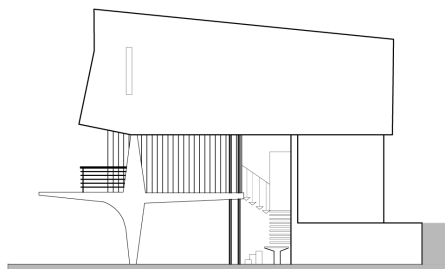
CORTE CD



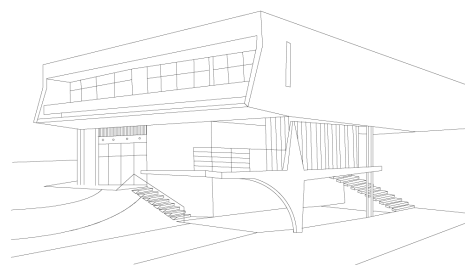
FACHADAL LESTE



FACHADA PRINCIPAL



FACHADA OESTE

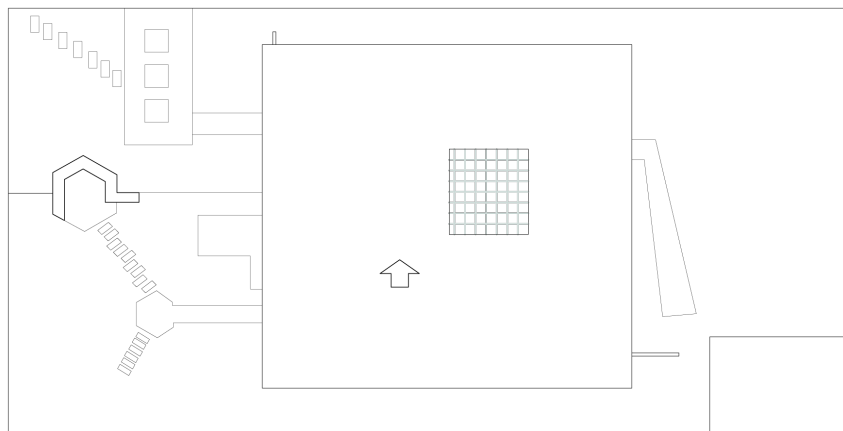


PERSPECTIVA

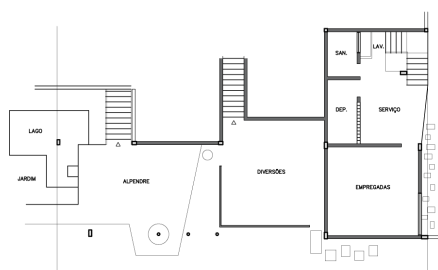




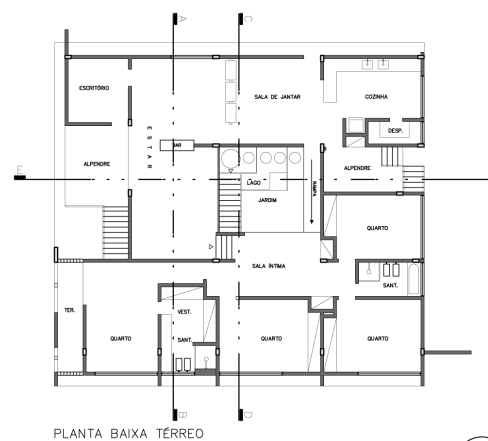
2_ Res. Sósthenis Silva



PLANTA DE COBERTA



PLANTA BAIXA PORÃO

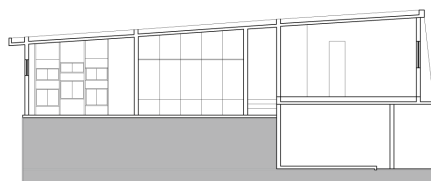


PLANTA BAIXA TÉRREO

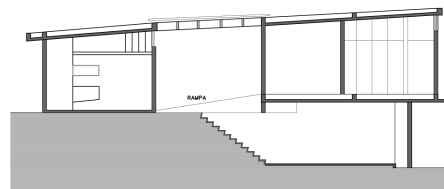




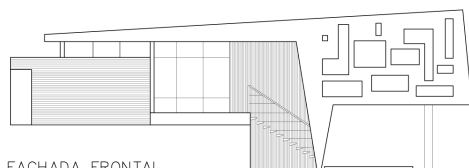
2_ Res. Sósthenis Silva



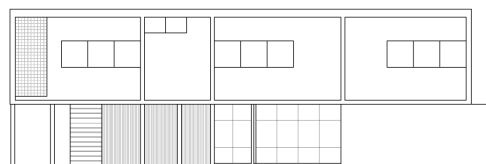
CORTE AB



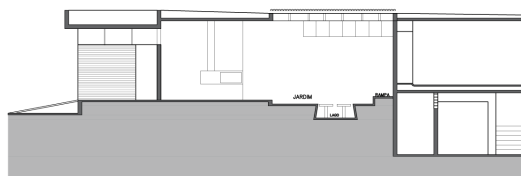
CORTE CD



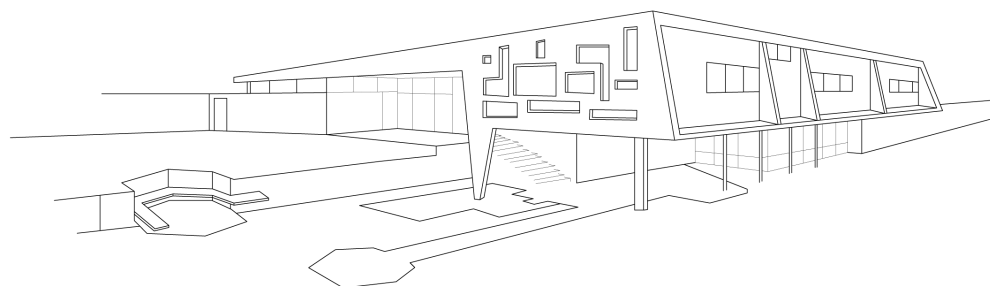
FACHADA FRONTAL



FACHADA LATERAL



CORTE EF



PERSPECTIVA

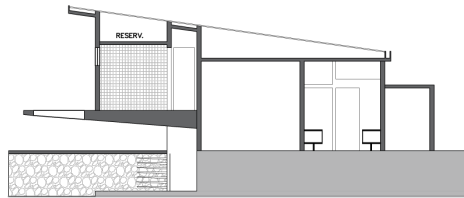


3_Res. Eutiqui Loureiro

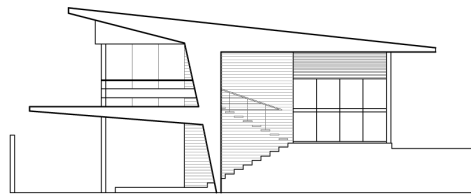
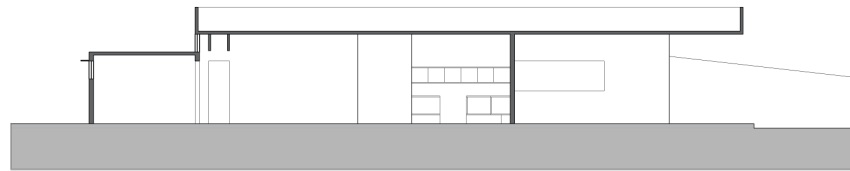




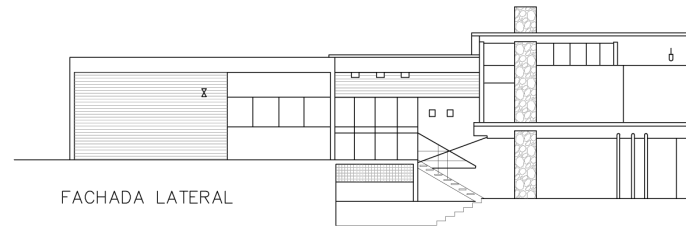
3_ Res. Eutiqui Loureiro



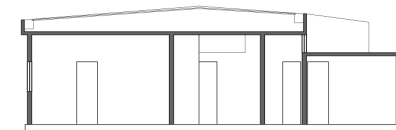
CORTE C-D



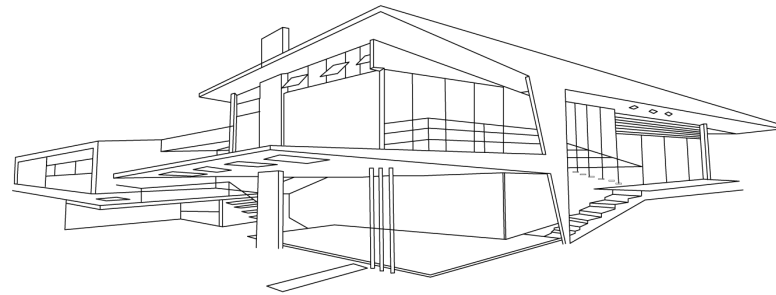
FACHADA PRINCIPAL



FACHADA LATERAL



CORTE E-F

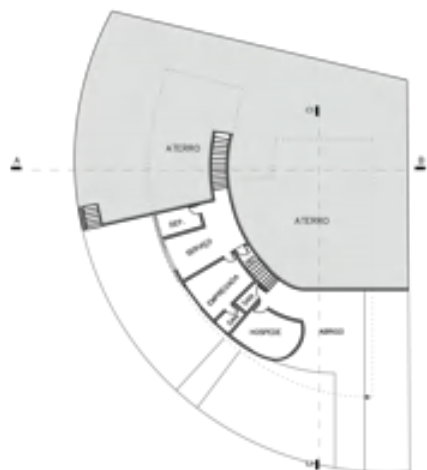


PERSPECTIVA





4_Res. Heleno Sabino



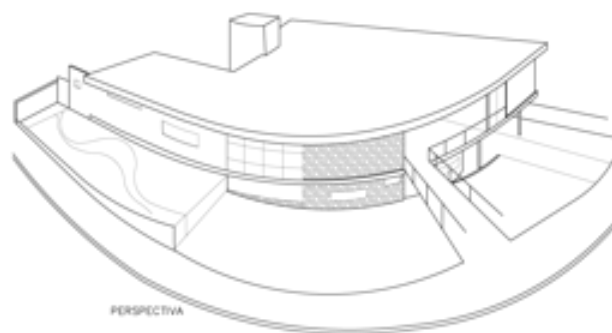
PLANTA BAIXA SUBSOLO



PLANTA BAIXA TERREO



PLANTA DE COBERTA

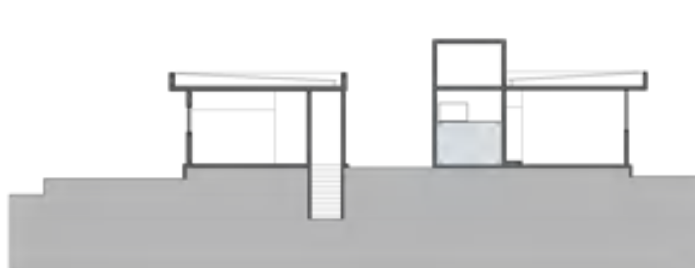


PERSPECTIVA





4_ Res. Heleno Sabino



CORTE A-B



CORTE E-F



CORTE C-D

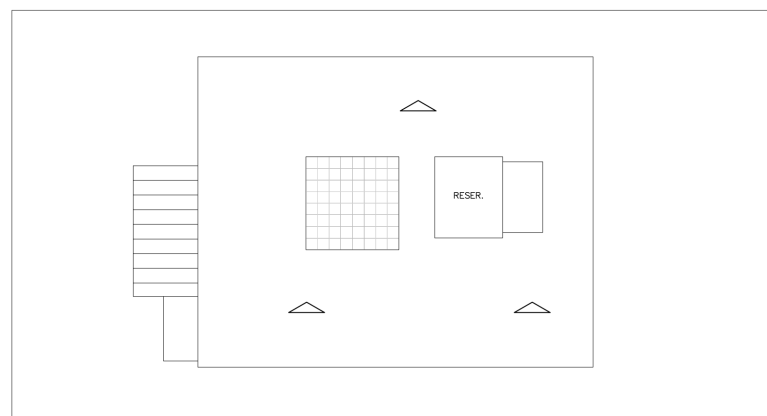


FACHADA PRINCIPAL

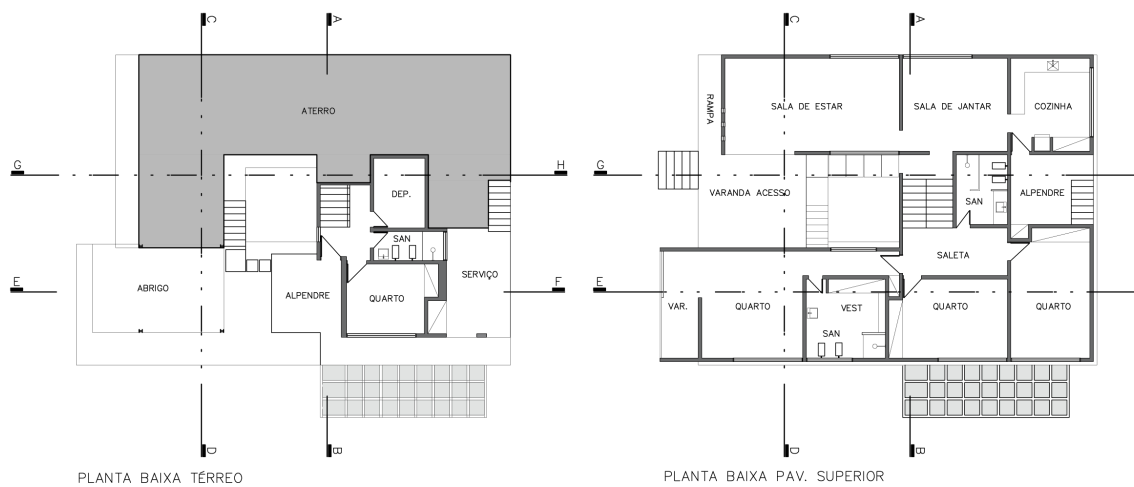




5_Res. Emilia Aguiar



PLANTA DE COBERTA



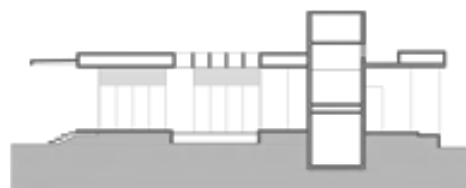
PLANTA BAIXA TÉRREO

PLANTA BAIXA PAV. SUPERIOR





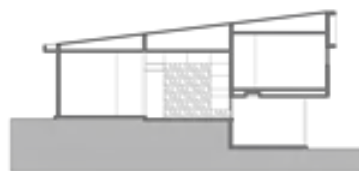
5_ Res. Emilia Aguiar



CORTE G-H



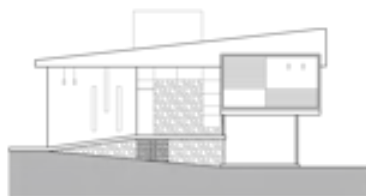
CORTE E-F



CORTE C-D



CORTE A-B



FACHADA FRONTAL



FACHADA LATERAL

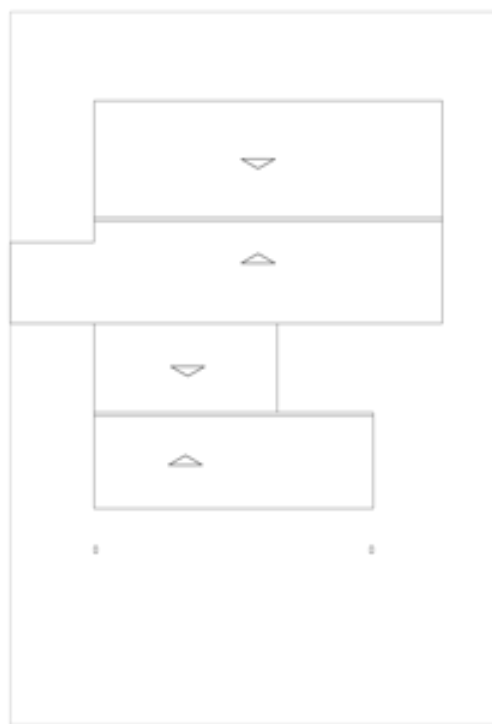


PERSPECTIVA





6_Res. Camilo Paulino



PLANTA DE COBERTA



PLANTA BAIXA TÉRREO

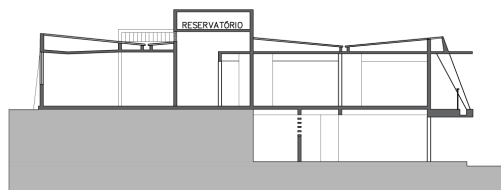


PLANTA PAV. SUPERIOR

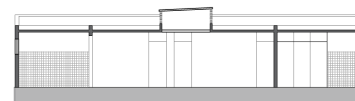




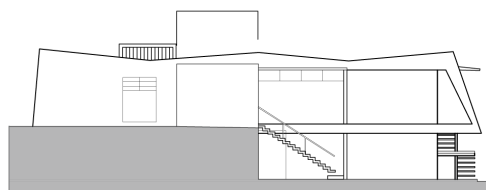
6_ Res. Camilo Paulino



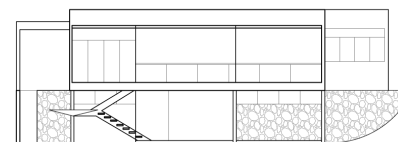
CORTE A-B



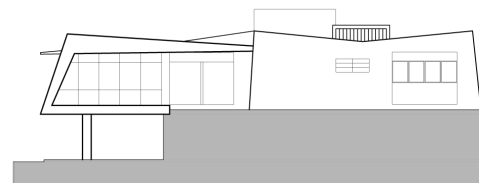
CORTE C-D



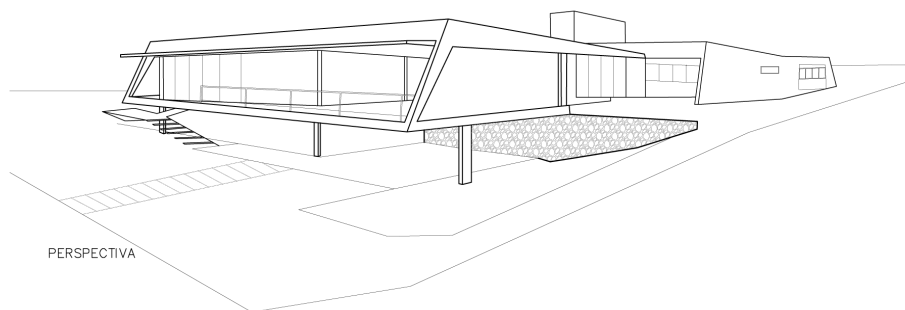
FACHADA OESTE



FACHADA PRINCIPAL



FACHADA LESTE

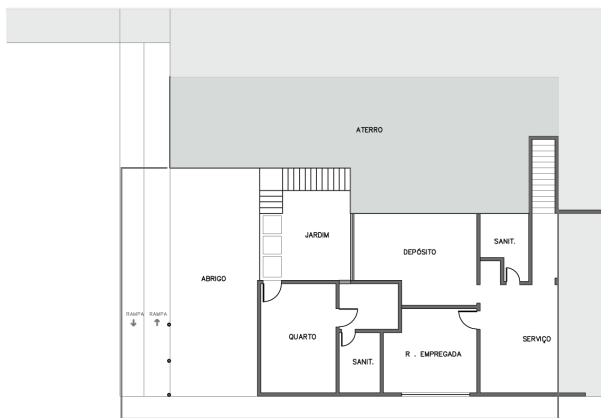


PERSPECTIVA

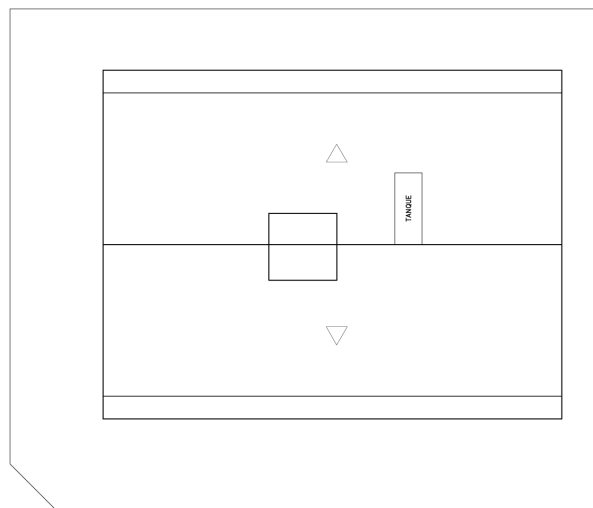




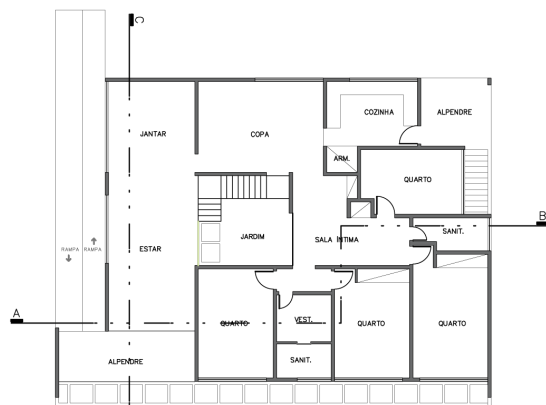
7_ Res. Anderson Gomes



PLANTA BAIXA TÉRREO



PLANTA DE COBERTA



PLANTA PAV. SUPERIOR

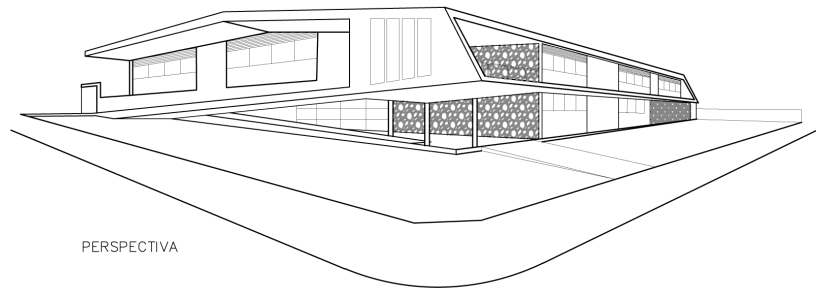
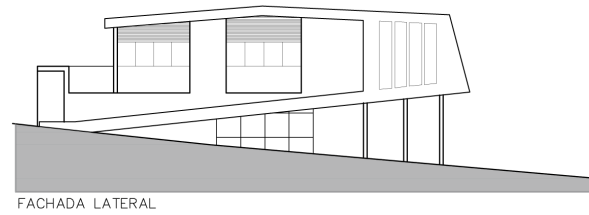
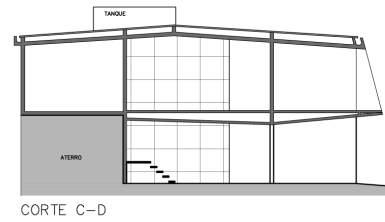
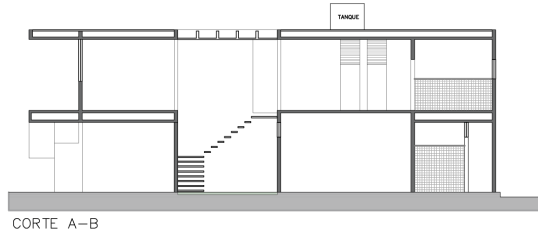


???



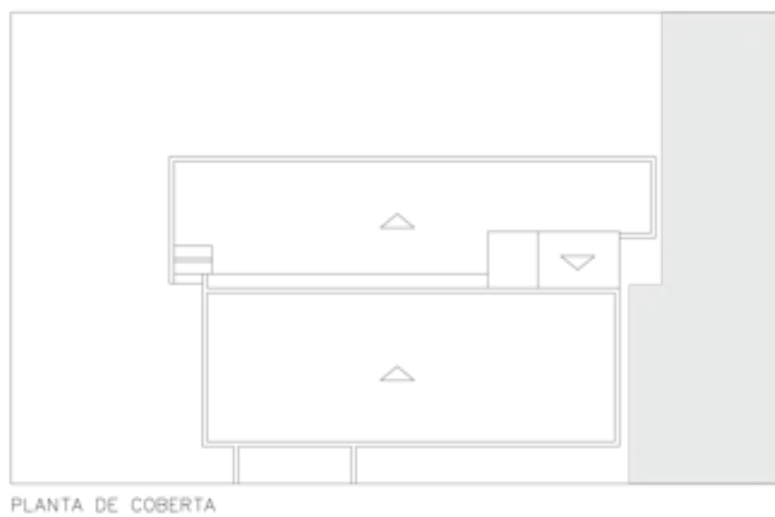


7_ Res. Anderson Gomes



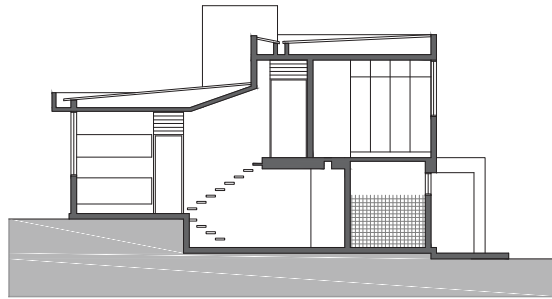


7_Res. Amaro Fiuza

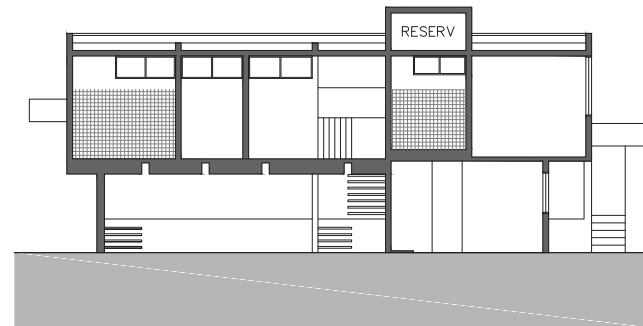




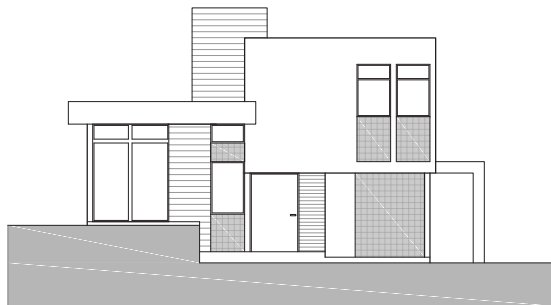
7_Res. Amaro Fiuza



CORTE A-B



CORTE C-D



FACHADA PRINCIPAL

